

PODER LEGISLATIVO



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

PROJETO DE LEI

Nº 496/2023

AUTORES:DEPUTADO FABIO OLIVEIRA

EMENTA:

CONCEDE O TÍTULO DE CIDADÃO BENEMÉRITO DO ESTADO DO PARANÁ
AO SENHOR JOSE ANTONIO KARAN, IN MEMORIAN.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Salete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>

PROJETO DE LEI ORDINÁRIA Nº 496/2023

PROJETO DE LEI Nº /2023

Concede o Título de Cidadão Benemérito do Estado do Paraná ao Senhor Jose Antonio Karan, in memorian.

Art. 1º. Concede o Título de Cidadão Benemérito do Estado do Paraná ao Senhor Jose Antonio Karan, in memorian.

Art. 2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Curitiba, 15 de junho de 2023.

FABIO OLIVEIRA

Deputado Estadual

JUSTIFICATIVA

O presente projeto tem por justificativa e propósito prestar justa homenagem, in memorian, ao Ilmo. Sr. Jose Antonio Karan, pelos relevantes serviços prestados à sociedade paranaense.

José Antonio Karam foi professor e se destacou, principalmente, por sua atuação frente ao Grupo Educacional Opet, por ele fundado em 1973, em Curitiba. A instituição comemora 50 anos em 2023 e conta com uma história profundamente ligada a Curitiba e ao Paraná, tendo formado mais de 240 mil alunos da educação básica à pós-graduação, com investimentos constantes em inovação para o mercado e a sociedade paranaense.

Dessa forma, em reconhecimento aos grandes feitos alcançados pelo Professor José Antonio Karam, apresentamos o presente projeto de lei e esperamos, respeitosamente, sua aprovação pelos nobres parlamentares desta Casa de Leis.

FABIO OLIVEIRA

Deputado Estadual



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Salete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>



DEPUTADO FABIO OLIVEIRA

Documento assinado eletronicamente em 15/06/2023, às 15:16, conforme Ato da Comissão Executiva nº 2201/2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://consultas.assembleia.pr.leg.br/#/documento> informando o código verificador **496** e o código CRC **1B6B8E6B8D5E0FB**



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL DA 4ª REGIÃO
CERTIDÃO JUDICIAL CRIMINAL NEGATIVA

7366866

CERTIFICAMOS, na forma da lei, que, consultando os sistemas processuais abaixo indicados, **NÃO CONSTAM**, até a presente data e hora, PROCESSOS de classes CRIMINAIS contra:

JOSE ANTONIO KARAM

OU

CPF n. 017.739.099/91

Certidão emitida em: 13/06/2023 às 12:29:35 (data e hora de Brasília)

Observações:

a) A autenticidade desta certidão poderá ser verificada, no prazo de 90 (noventa) dias, por qualquer interessado no site do TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 4ª REGIÃO endereço <http://www.trf4.jus.br/autenticidade>, por meio do código de validação abaixo;

b) A pesquisa realizada com base no CPF informado abrange processos em que o titular ou seu eventual espólio figure como parte;

c) Nos casos do § 1º do art. 4º da Resolução n. 680/2020 (CPF não informado), o nome indicado para a consulta será de responsabilidade do solicitante da certidão, devendo a titularidade ser conferida pelo interessado e destinatário;

d) Certidão expedida gratuitamente e nos termos da Resolução CNJ n. 121/2010 e da Resolução CJF n. 680/2020;

e) Certidão emitida em consulta às seguintes bases de dados (data e hora de Brasília):

Tribunal Regional Federal da 4ª Região (Processo Eletrônico) até 12/06/2023 às 20:00

Tribunal Regional Federal da 4ª Região (Processo Papel) até 12/06/2023 às 20:00

JF Paraná (Processo Eletrônico) até 13/06/2023 às 03:30

JF Paraná (Processo Papel) até 13/06/2023 às 01:30

JF Rio Grande do Sul (Processo Eletrônico) até 12/06/2023 às 22:30

JF Rio Grande do Sul (Processo Papel) até 12/06/2023 às 22:30

JF Santa Catarina (Processo Eletrônico) até 12/06/2023 às 20:10

JF Santa Catarina (Processo Papel) até 12/06/2023 às 21:00

f) Certidão unificada do 1º e 2º graus da Justiça Federal da 4ª Região.

NÚMERO DE CONTROLE: 7366866

CÓDIGO DE VALIDAÇÃO: 1796720029





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA FEDERAL

CERTIDÃO DE ANTECEDENTES CRIMINAIS

Nº 88709712023

A **Polícia Federal CERTIFICA**, após pesquisa no Sistema Nacional de Informações Criminais - SINIC, que até a presente data, **NÃO CONSTA** decisão judicial condenatória com trânsito em julgado* em nome de **JOSE ANTONIO KARAM**, nacionalidade BRASILEIRO, filho(a) de BICHARA KARAM e MARIA DA LUZ KARAM, nascido(a) aos 19/08/1946, natural de PONTA GROSSA/PR, documento de identificação 549889 SESP/PR, CPF 017.739.099-91.

Observações:

- 1) *Certidão expedida nos termos do Art. 20, Parágrafo Único do Código de Processo Penal. “Nos atestados de antecedentes que lhe forem solicitados, a autoridade policial não poderá mencionar quaisquer anotações referentes à instauração de inquérito contra os requerentes”;
- 2) Certidão expedida gratuitamente por meio da Internet em conformidade com a Instrução Normativa nº 005/2008-DG/PF;
- 3) Esta certidão foi expedida com base nos dados informados e somente será válida com a apresentação de documento de identificação para confirmação dos dados;**
- 4) A autenticidade desta certidão DEVERÁ ser confirmada na página da Polícia Federal, no endereço (<http://www.pf.gov.br>)
- 5) Esta certidão é válida por 90 dias.

Brasília-DF, 12:23 de 13/06/2023



88709712023



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARANÁ
Rua Mauá, 920 - Sobreloja - Bairro Alto da Glória - CEP 80030-901
- Curitiba - PR - www.tjpr.jus.br

CERTIDÃO

O BACHAREL FERNANDO SCHEIDT MÄDER
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE GESTÃO DOCUMENTAL
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PARANÁ

CERTIFICA, a requerimento protocolizado sob nº **0080720-72.2023.8.16.6000**, que consultando os registros computacionais existentes nos sistemas **Projudi** e **Judwin**, mantidos pelo Departamento de Gestão Documental, verificou-se **não constar autuados neste Tribunal de Justiça, até as 24h00min do dia 07/06/2023, processos criminais, em 2º Grau de Jurisdição**, em que figure como ré(u) **JOSÉ ANTONIO KARAM**, inscrito(a) sob o **CPF nº 017.739.099-91**.

OBSERVAÇÃO: Conforme Decreto Judiciário nº 119/2022, art. 3º, § 5º, esta certidão é para **"FINS PESSOAIS"**. A utilização desta certidão, pelo requerente ou destinatário, para outras finalidades, ensejará responsabilidade civil, criminal e administrativa.

Eu, **PAULO ROBERTO BRUNKOW**, Técnico Judiciário, extraí a presente certidão e a conferi.

Eu, **FERNANDO SCHEIDT MÄDER**, Diretor do Departamento de Gestão Documental, a subscrevi e **DOU FÉ**.



Documento assinado eletronicamente por **PAULO ROBERTO BRUNKOW**, Auxiliar Judiciário II, em 12/06/2023, às 13:32, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **FERNANDO SCHEIDT MADER**, Diretor do Departamento de Gestão Documental, em 12/06/2023, às 17:07, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.tjpr.jus.br/validar> informando o código verificador **9186147** e o código CRC **4B3BB595**.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO DO PARANÁ

REGISTRO GERAL Nº 529.889, IV

NOME JOSÉ ANTONIO KARAM.

Bichara Karam.

rua da Luz Karam.

Porta Grossa-PR. 19/Aosto/1.946.

NATURALIDADE

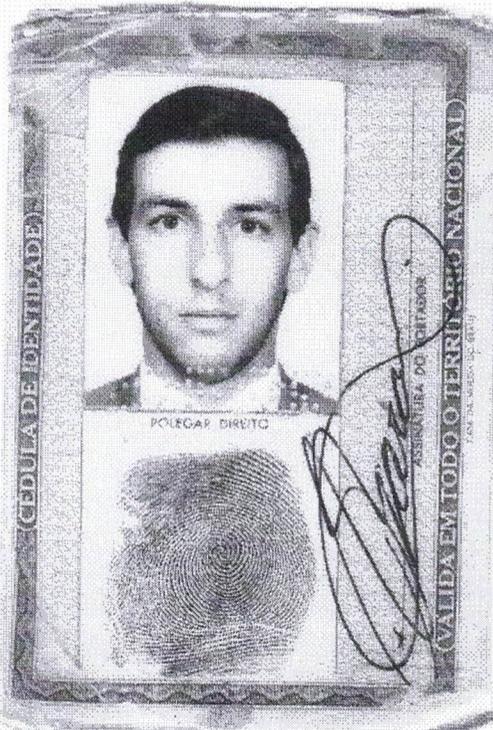
CURTELIA, 2ª

03-Janeiro-1.973

DATA DE NASCIMENTO

[Handwritten signature]

VALIDA EM TODOS OS TERRITÓRIOS NACIONAIS





ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Salete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>

INFORMAÇÃO Nº 10324/2023

Informo que esta proposição foi apresentada na **Sessão Ordinária do dia 19 de junho de 2023** e foi autuada como **Projeto de Lei nº 496/2023**.

Curitiba, 19 de junho de 2023.

Camila Brunetta
Mat. 20.373



CAMILA BRUNETTA SILVA

Documento assinado eletronicamente em 19/06/2023, às 16:00, conforme Ato da Comissão Executiva nº 2201/2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://consultas.assembleia.pr.leg.br/#/documento> informando o código verificador **10324** e o código CRC **1E6F8A7E2E0A1DF**



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Salete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>

INFORMAÇÃO Nº 10353/2023

Informo que, revendo nossos registros em busca preliminar, constata-se que a presente proposição não possui similar nesta Casa.

Curitiba, 19 de junho de 2023.

Danielle Requião
Mat. 20.626



DANIELLE REQUIAO

Documento assinado eletronicamente em 19/06/2023, às 16:52, conforme Ato da Comissão Executiva nº 2201/2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://consultas.assembleia.pr.leg.br/#/documento> informando o código verificador **10353** e o código CRC **1D6C8C7A2C0D4CA**



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Salete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>

INFORMAÇÃO Nº 10360/2023

Denian Couto, Deputado Estadual, na condição de Líder do Bloco PODE/PSDB/CIDADANIA, na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições regimentais - RIALEP, autoriza a utilização de 01 (uma) cota partidária, para aprovação de Projeto de Lei sob nº 496/2023, que Concede Título de Cidadão Benemérito do Estado do Paraná, ao Senhor Jose Antonio Karan, in memoriam, protocolado pelo Deputado Fabio Oliveira – PODE.

Curitiba, 19 de junho de 2023.

DENIAN COUTO

Deputado Estadual Líder do Bloco PODE/PSDB/CIDADANIA



DEPUTADO DENIAN COUTO

Documento assinado eletronicamente em 20/06/2023, às 11:38, conforme Ato da Comissão Executiva nº 2201/2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://consultas.assembleia.pr.leg.br/#/documento> informando o código verificador **10360** e o código CRC **1D6A8F7A2B0C7AC**



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Salete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>

CONTROLE DE TÍTULOS DE CIDADÃO HONORÁRIO E BENEMÉRITO 2023 a 2026

Lei nº 13.115, de 14/2/2001, c/ alterações das Leis n.ºs:
14.677, de 6/4/2005; 15.523, de 5/6/07; 16.213, de 17/8/2009; e 18.672, de 22/12/15.

- Cada partido poderá apresentar até oito projetos por Legislatura;
- O partido que possuir até três Deputados por representação só poderá apresentar quatro Projetos por Legislatura.

Atualizado em 20/6/2023

PARTIDO	DEPUTADO		DATA	SITUAÇÃO
PSD – 8 títulos				
152/2023	Bazana	1	17/03/2023	
174/2023	Ademar Traiano	2	24/3/2023	Lei nº 21.468, de 12/5/23
298/2023	Curi e Cloara	3	24/4/2023	
454/2023	Cobra Repórter	4	30/5/2023	
218/2023	Márcia Huçulak	5	4/4/2023	Aguardando pedido arquivamento (mandato eletivo)
UNIÃO BRASIL – 8 títulos				
339/2023	Do Carmo	1	24/4/2023	
PP – 8 títulos				
89/2023	Dep. Soldado Adriano José	1	7/3/2023	Lei nº 21.437, de 25/4/23
459/2023	Maria Victória e Curi	2	1/6/2023	
PL – 8 Títulos				
541/2022	Dep. Marcel e Élio	1	13/12/2022	
221/2023	Dep. Ricardo Arruda e outros	2	03/04/2023	
PT – 8 títulos				
157/2023	Dep. Renato Freitas	1	21/3/2023	
REPUBLICANOS – 4 Títulos				
244/2023	Deps. Alexandre Amaro, Cantora Mara e Marcio Pacheco	1	10/04/2023	Lei nº 21.492, de 26/5/23
PDT – 4 títulos				
CIDADANIA – 4 títulos				
PODEMOS – 4 títulos				
496/2023	Fábio Oliveira	1	15/6/2023	



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Saete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>

497/2023	Fábio Oliveira	2	15/6/2023	
PSDB – 4 títulos				
45/2023	Dep. Mabel Canto	1	23/02/2023	Lei nº 21.389, de 10/4/23
PROS – 4 títulos				
MDB – 4 títulos				
PSB – 4 títulos				
SD – 4 títulos				

Maria Henrique de Paula
Mat. 40.668



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Salete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>

DESPACHO - DL Nº 6698/2023

Ciente;

Encaminhe-se à Comissão de Constituição e Justiça.

Dylliardi Alessi
Diretor Legislativo



DYLLIARDI ALESSI

Documento assinado eletronicamente em 26/06/2023, às 12:43, conforme Ato da Comissão Executiva nº 2201/2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://consultas.assembleia.pr.leg.br/#/documento> informando o código verificador **6698** e o código CRC **1A6A8C7C3E7C0AC**

OPET 40 ANOS

EDUCAÇÃO CIDADÃ EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

GRUPO EDUCACIONAL OPET

PROFESSOR JOSÉ ANTONIO KARAM

Fundador e Diretor-Presidente

ADRIANA KARAM KOLESKI

Superintendente Educacional

CRISTINA SWIATOVSKI

Superintendente Editorial e Diretora Geral da Editora Opet

DANIELE VERÍSSIMO KARAM

Diretora de Operações

CONSELHO GESTOR

José Antonio Karam (presidente)

Adriana Karam Koleski

Cristina Swiatovski

Daniele Veríssimo Karam



OPET 40 ANOS

EDUCAÇÃO CIDADÃ EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

Autoria e Organização
Rodrigo Wolff Apolloni

Autores dos Artigos
José Antonio Karam
Vasco Moretto
Regina Alcântara de Assis
Lama Padma Samten
Jacir J. Venturi
Maria Tereza Maldonado
Lidia Dobrianskyj Weber
Mozart Neves Ramos

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Mônica Catani M. de Souza , CRB-9/807, PR, Brasil)

A644 Apolloni, Rodrigo Wolff
Opet 40 anos : educação cidadã em permanente
construção / produção e organização Rodrigo Wolff
Apolloni. — Curitiba : Opet, 2013.
192 p.

ISBN

1. Educação – História. 2. Título.

CDU 371

Kairós Edições

Coordenação - *Antônia Schwinden*

Pesquisa Iconográfica - *Rodrigo Wolff Apolloni*

Projeto Gráfico e Capa - *Carol Schroeder*

Editoração Eletrônica - *Ivonete Chula dos Santos*

As opiniões expressas nos artigos não representam, necessariamente,
as posições do Grupo Educacional Opet.

Apresentação

“Educação é processo de longo prazo.” Esta é uma afirmação ouvida muitas vezes no âmbito de escolas, e, sobretudo, quando se pede aos educadores que demonstrem os resultados promovidos pelo seu trabalho, as contribuições feitas ao desenvolvimento dos alunos. Muitas vezes pode-se depreender dessa afirmação, em decorrência do contexto em que é feita e do tom com que é expressa, não o entendimento de que, de fato, educação é um processo que acompanha as pessoas pelo resto de sua vida, pois continuamente são desafiadas a desenvolver novas competências, novas compreensões de mundo, já que este, como a vida, são dinâmicos e ganham e desenvolvem novos significados a cada época.

Naquela afirmação depreende-se, muitas vezes, a manifestação da dificuldade em demonstrar resultados e desenvolvimento a partir do trabalho educacional e a dificuldade em promover avanços na aprendizagem dos alunos, sobretudo no que tange ao desenvolvimento de comportamentos e hábitos sociais. Por outro lado, também sugere uma falta de orientação para a realização de objetivos e de acompanhamento dos resultados obtidos a cada passo, de modo a se poder identificar os avanços e as transformações



promovidos e compreender os desafios remanescentes para propor novas ações mais adequadas para promover a melhoria do trabalho educacional.

Por certo que o trabalho educacional é um empreendimento para abranger a vida toda das pessoas. O desenvolvimento humano é contínuo, e a aprendizagem, infindável. Porém, não se deve esperar que esse processo ocorra naturalmente a um ritmo espontâneo, nem que se desenvolva por processos frouxos, inconsistentes e promovidos sem determinação, sem compromisso, sem até mesmo o sentido de urgência definida por metas ousadas, perseguidas com paixão e dedicação.

No plano individual, somos, como pessoas e como cidadãos, aquilo que nossa educação nos leva a ser. No plano da sociedade sabemos que vivemos numa sociedade que é o resultado do nível educacional de seu povo. Individualmente, verificamos que por mais que tenhamos estudado e nos empenhado por aprimorar nossos dons e talentos, podemos identificar, facilmente, quão longe estamos do aproveitamento das possibilidades de desenvolvimento que nossa sociedade oferece, pelo seu incomensurável acervo de conhecimentos e pelos desafios que geram a necessidade de novos conhecimentos.

No âmbito da sociedade brasileira, verificamos, lamentavelmente, haver abismos enormes entre pessoas e grupos sociais, por força da desigualdade educacional, condição que contribui para manter as desigualdades sociais. Conforme as estatísticas evidenciam, a educação é condição para a melhoria do nível salarial, da qualidade de vida e permanência no trabalho. Observa-se que quanto maior é o nível de formação de uma pessoa, menos preconceituosa ela se torna, assim como, mais esclarecida e de horizontes mais largos a respeito das questões que enfrenta, o que lhe permite tomar melhores decisões, e enfrentar com segurança os desafios da vida.

Por sua vez, as comunidades, cidades, estados e países, se desenvolvem igualmente como sociedades saudáveis e prósperas, a partir da educação de sua população. Vale dizer que nenhuma organização social pode ser melhor do que as pessoas que as constituem.

Em vista disso, não se pode deixar de investir em educação, e todo o esforço é pouco para se garantir a melhoria contínua e a exploração de possibilidades cada vez mais avançadas e mais equilibradas, entre os grupos sociais, para que todos os cidadãos possam sentir-se mais irmanados por níveis educacionais mais equilibrados.

Para isso necessitamos de profissionais da educação mais motivados, mais imbuídos do espírito e responsabilidade de educador, do apreço aos seus alunos e da perseverança em ajudá-los a superar suas limitações e ajudar aqueles que são capazes de vôos mais altos e diferenciados. Necessitamos também de instituições educacionais de qualidade. De organizações que primem pelo espírito da contribuição social pela educação, que façam do seu modo de ser e de fazer uma expressão de fé na possibilidade de transformação humana pela educação.

A construção de pontos de vista anteriormente apresentada tem por objetivo estabelecer como pano de fundo, elementos para caracterizar o que emerge da história do Grupo Opet, apresentada neste volume: de um lado, a determinação por crescer sempre, desenvolver-se, num processo contínuo de busca de desafios, acompanhando o espírito da vida dinâmica, e aprendendo sempre com ele. Também superando as dificuldades, aprendendo com elas e, mediante perspectiva proativa, sempre andando em frente, construindo uma trajetória de contribuição social marcante.

Assim, o Grupo Opet lembra-me muito, analogicamente, a natureza do processo educacional de uma vida, tal como apontado inicialmente. Começou pequeno, como que fazendo o ensino fundamental, aprendendo as primeiras sílabas. Foi crescendo gradualmente, a partir das realizações anteriores, e galgando novos estágios de desenvolvimento, e incorporando novos níveis e âmbitos de experiências. Mediante o domínio gradual de competências construídas para assumir novos desafios, chegou à pós graduação, e não pretende parar. Pois se aprender é a imperiosidade da vida, junto com esta perspectiva, para a Opet, a vocação é descortinar novos âmbitos de realização pela qualidade da educação.



De acordo com esta sua vocação, destacamos, pois, de outro lado, o que representa o Grupo Opet na sociedade e para ela: não apenas uma grande contribuição que promove, mediante a oferta de cursos e serviços educacionais em âmbito nacional, atendendo uma necessidade importantíssima para o desenvolvimento de nossa sociedade. Destaca-se também, o exemplo que apresenta para todos nós, do esforço contínuo e incansável, no enfrentamento de desafios e na busca de novas oportunidades de desenvolvimento.

Portanto, todos celebramos os 40 anos de vida, dedicação e desenvolvimento da Opet, em prol da Educação de nosso país, almejando a continuidade das suas realizações e contribuições sociais, pela formação com qualidade de nossas crianças, jovens e adultos e pelo fortalecimento das instituições educacionais.

Heloísa Lück é doutora em Educação pela Columbia University, com pós-doutorado em Pesquisa e Ensino Superior pela George Washington University.

Sumário

APRESENTAÇÃO ■ 5

Heloísa Lück

VISÕES DA EDUCAÇÃO PARA O NOSSO TEMPO - I

A Educação que queremos, *José Antonio Karam* ■ **13**

Educar para um novo tempo, *Vasco Moretto* ■ **21**

As Escolas Brasileiras e as Redes de Comunicação e
Conhecimento ao início do Século XXI, *Regina Alcântara de Assis* ■ **33**

O Machado e a Árvore de Sândalo, *Lama Padma Samten* ■ **43**

HISTÓRIA DO GRUPO OPET

1968-1973: RETRATO DO JOVEM EMPREENDEDOR ■ **53**

O NASCIMENTO DA "ORGANIZAÇÃO PARANAENSE
DE ENSINOS TÉCNICOS" (1973-1980) ■ **62**

O início do Grupo Opet ■ **62**

A PRIMEIRA ESCOLA DE INFORMÁTICA DE CURITIBA (1980-1985) ■ **72**

Chegam os computadores ■ **72**

O INÍCIO, EM GRANDE ESTILO, DO ENSINO REGULAR (1985-1990) ■ **79**

A EDITORA OPET (1993) ■ **82**

A AQUISIÇÃO DO LINS DE VASCONCELOS

E O INÍCIO DOS CURSOS SUPERIORES (1998/99) ■ **85**

EDUCAÇÃO RELEVANTE:

O INVESTIMENTO OPET PARA OS PRÓXIMOS 40 ANOS ■ **92**

Colégio Opet – Bom Retiro e Rebouças ■ **93**

Opet Work ■ **93**

Engenharia de Produção ■ **95**

Pós-Graduação ■ **98**

Instituto Opet Cidadania ■ 98

VONTADE E ENERGIA PARA MUITO MAIS ■ 99

DA MÁQUINA DE ESCREVER AO HOMEM VITRUVIANO

AS QUATRO DÉCADAS DE EVOLUÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL OPET ■ 105

O valor da sigla ■ 106

A evolução das cores ■ 107

A escala humana ■ 108

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: CONHECER, SABER E AGIR ■ 111

Novos alunos e um grande desafio ■ 112

O valor das próprias competências ■ 115

O eterno valor humano ■ 116

CIDADE MIRIM, TERRITÓRIO DA CIDADANIA ■ 121

Uma vivência extraordinária ■ 122

Um pouco de história ■ 123

ADRIANA KARAM: “BRINCANDO, APRENDEMOS A GOSTAR DA OPET” ■ 127

Opção pela educação ■ 128

Maturidade e vitalidade ■ 131

CRISTINA SWIATOVSKI: IDENTIDADE, ESTRATÉGIA E AFETO PELA OPET ■ 133

O valor da coerência ■ 134

Uma vida ■ 135

DANIELE KARAM: PESSOAS, PROCESSOS E O SUCESSO DA OPET ■ 137

Linha de frente ■ 139

O grande aprendizado ■ 140

O futuro ■ 141

VISÕES DA EDUCAÇÃO PARA O NOSSO TEMPO - II

Falta-nos a cultura da valorização das Ciências Exatas, *Jacir J. Venturi* ■ 145

A parceria família-escola: “tecendo pessoas”, *Maria Tereza Maldonado* ■ 153

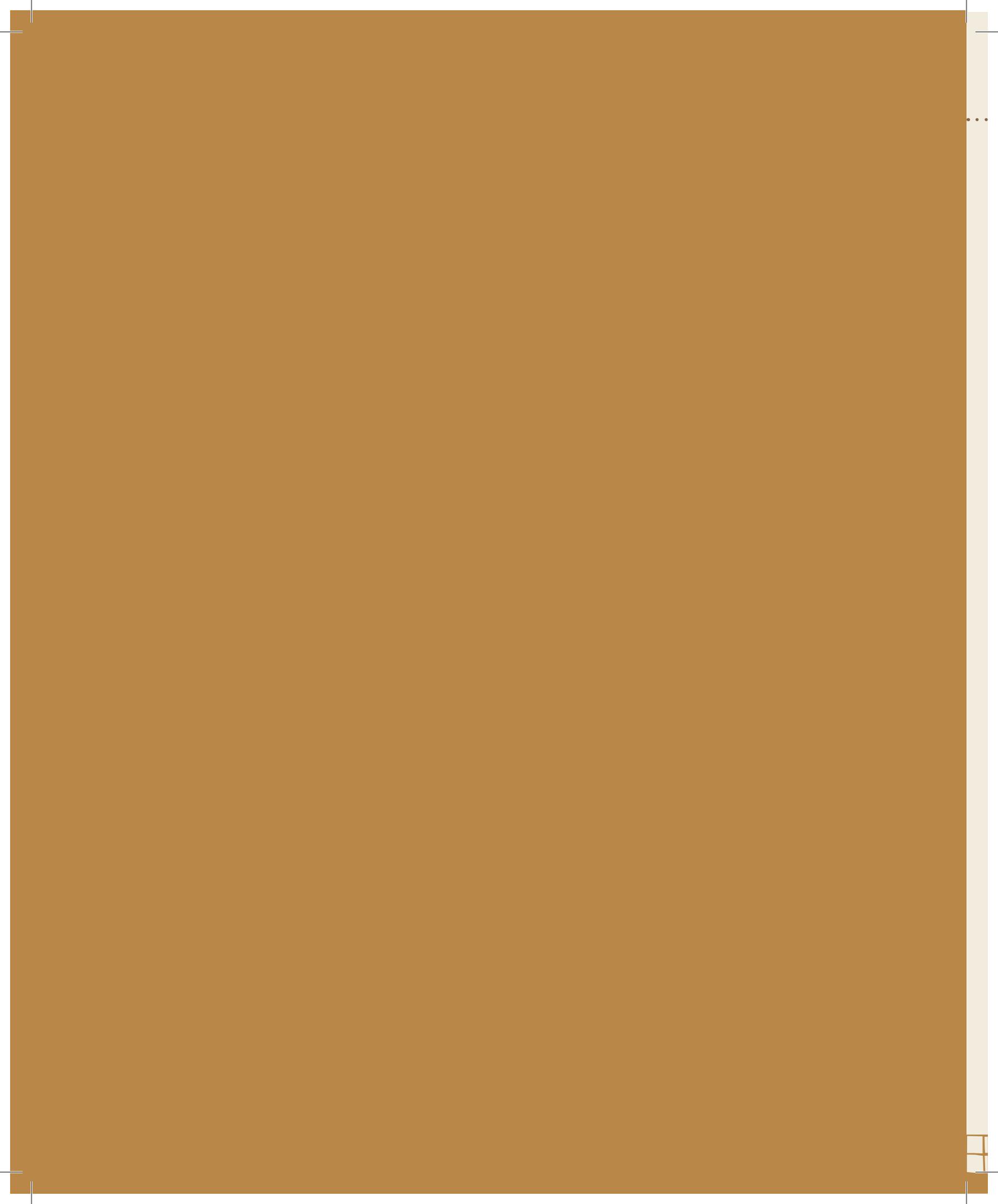
O “Bom Professor”: estilos de liderança em sala de aula, *Lidia Dobrianskyj Weber* ■ 163

Educação no Brasil: o desafio da aprendizagem escolar, *Mozart Neves Ramos* ■ 181

A PROPÓSITO DO FUTURO ■ 191

Professor José Antonio Karam

VISÕES DA EDUCAÇÃO
PARA O NOSSO TEMPO - I



A Educação que queremos, o País que queremos



José Antonio Karam é professor, fundador e diretor-presidente do Grupo Educacional Opet.

Em nossa experiência à frente do Grupo Educacional Opet, lidamos desde muito cedo – na verdade, desde a primeira aula – com a formação de pessoas para o mercado de trabalho. Essa, aliás, também é a marca de nossa trajetória pessoal: começamos a trabalhar muito jovens, buscando levar para o dia a dia os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Os primeiros anos da Opet, vale observar, coincidiram com a transformação de Curitiba, de uma capital modesta, na quarta cidade mais rica do país, um centro urbano que possui alta qualidade de vida, um elevado índice de desenvolvimento humano e um olhar diferenciado para o papel estratégico da educação. Nas últimas quatro décadas, aliás, a cidade se consolidou como um polo nacional de desenvolvimento de

soluções educacionais. Na educação pública municipal, possui o maior Ideb entre as capitais – posição confirmada nas últimas quatro avaliações (2005, 2007, 2009 e 2012) feitas a partir do indicador.

Nas salas de aula, estabelecemos contato com pessoas interessadas em iniciar uma carreira profissional, redirecionar seus esforços e se recolocar no mercado de trabalho. Buscamos oferecer, então, a melhor formação, a mais apropriada e relevante. Foi na Opet, por exemplo, que os curitibanos encontraram sua primeira grande escola de informática, nos anos oitenta. Foi na programação de computadores, aliás, que ingressamos no ensino formal, a partir do Ensino Médio Técnico.

Nesse processo, nos aproximamos de empresas que, em pouco tempo, perceberam a capacidade Opet de formar recursos humanos de alta qualidade. Firmamos parcerias com bancos, indústrias, prestadores de serviços e órgãos públicos. Já nos anos setenta, por exemplo, atuamos com o antigo INPS (hoje, INSS) para a recolocação de pessoas que haviam sofrido acidentes de trabalho e que precisavam voltar ao trabalho. Uma missão que, para nós, se revestiu de um caráter especial e afirmou, em definitivo, o valor emancipador da educação.

Acreditamos, desde nossos primeiros dias, no valor estratégico dos cursos de formação de técnicos, que colaboraram para o fortalecimento das empresas de Curitiba e de sua Região Metropolitana, que abriga plantas industriais de grandes empresas como Renault-Nissan, Volvo, O Boticário e Ultrafértil. Hoje, a Opet oferta dezenas de cursos de nível Médio, Pós-Médio, Superior e de Pós-Graduação, em áreas tão diversas quanto as do Direito, da Mecatrônica e da Gastronomia. Cursos que têm sua qualidade assegurada por investimentos em recursos materiais e, principalmente, nos docentes - pessoas altamente capacitadas, preparadas e motivadas para ensinar.

Não nos ativemos, porém, ao Ensino Técnico. Em nossa trajetória, também fomos chamados a participar da Educação Regular, algo que fizemos em nossos dois

colégios em Curitiba. Onde, graças ao empenho de uma equipe pedagógica altamente comprometida, pudemos construir um paradigma educacional baseado na construção da cidadania a partir da solidariedade, do espírito crítico e da busca pela emancipação.

Na unidade Bom Retiro do Colégio Opet, vale observar, está a Cidade Mirim, um extraordinário projeto pedagógico que leva os estudantes a conhecerem, desde muito cedo, seu papel para a consolidação da cidadania. É lá, por exemplo, que eles vivenciam a importância do cuidado com o meio ambiente e o valor da família; é lá, enfim, que eles descobrem o enorme valor da consciência política.

Esse paradigma, hoje, é compartilhado por escolas públicas e privadas de várias partes do país que utilizam o Sistema de Ensino Opet e que nos conectam, de forma ainda mais intensa, à realidade educacional brasileira. O Sistema de Ensino Opet, podemos destacar, já está entre os mais importantes do país. A grande preocupação da Editora Opet, ao produzi-lo, é a de oferecer materiais didáticos e ferramentas pedagógicas capazes de respeitar as realidades locais e as características culturais de cada região, estimulando e apoiando a criatividade e o talento dos professores.

Um desafio

Nosso cenário educacional é, sob todos os aspectos, impressionante: de acordo com a edição mais recente da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, a PNAD, o país possui 44,8 milhões de crianças e jovens entre quatro e dezessete anos, dos quais 41,5 milhões estão matriculados em escolas – o número equivale a pouco mais de 20% do total de brasileiros ou, então, a uma população igual à da Argentina. Nas faculdades e universidades, segundo com o último Censo do Ensino Superior, há 6,7 milhões de alunos matriculados, dos quais 5,7 milhões em instituições privadas de ensino. E a

adesão dos jovens ao ensino formal é cada vez maior: apenas na educação superior, o crescimento no total de matrículas foi de impressionantes 123% no período que vai de 2001 e 2013.

Esses números refletem um esforço da sociedade e dos gestores. Nos últimos anos, o governo brasileiro adotou várias medidas para aumentar o acesso aos bancos escolares: ampliou o número de vagas nas instituições de ensino, fortaleceu o atendimento nas creches e incorporou o sistema de cotas sociais e raciais ao mecanismo de ingresso ao ensino superior.

No campo da gestão da educação pública, deu início a programas que buscam melhorar a infraestrutura das escolas, o transporte (em especial, nas áreas rurais), a alimentação e a qualidade dos materiais didáticos. Ao associar programas de transferência de renda à presença dos filhos das famílias na escola, deu um passo importante para retirar as futuras gerações de uma condição de miséria e dependência.

Paralelamente, o país melhorou muito seus mecanismos de avaliação ao criar e fortalecer ferramentas como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade, voltado ao Ensino Superior).

Todas essas medidas merecem ser reconhecidas – elas são um movimento de resgate de quatro séculos de atraso e de exposição a fatores históricos terríveis como a escravidão, que impuseram uma marca civilizatória com a qual a sociedade ainda convive.

É necessário, contudo, estabelecer uma distância crítica em relação às informações. Ainda temos 3,7 milhões de crianças e jovens fora da escola, a Educação Básica não tem a devida valorização – proporcionalmente, o país investe muito mais no Ensino Superior,

o que é preocupante – e o Ensino Médio luta contra o desinteresse de milhões de jovens que trocam as salas de aula pelo mercado de trabalho.

No Brasil, aliás, a despesa anual por aluno do Ensino Médio é metade da despesa argentina e, dado gravíssimo, um quinto da despesa de países como a Espanha, o Japão, o Reino Unido e a Suécia. No caso da Educação Pré-Escolar, a situação é igualmente dramática – de acordo com o relatório mais recente da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é o último colocado, entre 32 países, em investimentos para a faixa etária de zero a cinco anos. Na soma dos investimentos destinados a todos os níveis de ensino, ocupamos o penúltimo lugar, com um valor médio por aluno cinco vezes menor que o dos Estados Unidos e três vezes menor que a média de investimentos dos países acompanhados pela OCDE. Em outras palavras: apesar dos avanços, ainda há muito a ser feito.

Buscando soluções

Uma causa tão complexa, tão cheia de variáveis, pede comprometimento dos gestores e de toda a sociedade. Não soluções pontuais e de curto prazo, mas uma mudança civilizatória que nos coloque, de fato, na direção de um desenvolvimento econômico e social sustentável.

A primeira das medidas para fazer a educação brasileira avançar mais rápido, portanto, implica uma mudança de comportamento dos administradores, que devem situar o tema no campo das políticas de Estado e não nas de governo. Isso, é claro, só será possível pela superação de disputas e pela construção de um pacto verdadeiro pela educação.

Os avanços também dependem da valorização dos professores em relação à formação continuada e aos salários, ao fortalecimento da Educação Básica, ao reforço da presença de meios digitais nas escolas e, em especial, ao estabelecimento de uma *cultura de afeto pela educação*. Países como a Finlândia, a Coreia e o Japão, que estão na vanguarda educacional e social, só chegaram a seu grau de desenvolvimento graças à valorização coletiva da escola e dos professores. Nesses países, ser professor é uma honra, uma opção profissional valorizada na justa medida, e as instituições de ensino são objeto de grande interesse.

No Ensino Superior, o Brasil precisa fortalecer a oferta e a qualidade dos cursos da área de Ciências Exatas, sem desconsiderar a importância dos cursos da área Humanística. Hoje, muitos dos nossos problemas de infra-estrutura se devem à carência de profissionais habilitados em áreas como a das Engenharias. Também deve investir muito nas carreiras associadas ao próprio Magistério, como as de Matemática, Física e Química. As medidas, por certo, não param por aí.

Há que se observar, ainda, a importância de se afirmar, cada vez mais, a *parceria verdadeira* entre o poder público e as empresas educacionais. Não há “dois cenários educacionais” ou “dois olhares para a educação”, mas uma perspectiva única, que tem nas escolas públicas e privadas um caminho para o desenvolvimento e para a emancipação da sociedade.

Nossa contribuição

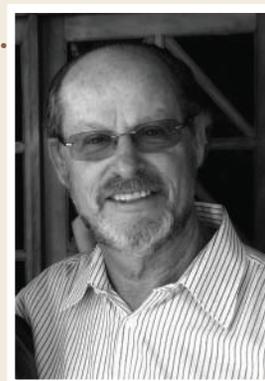
Em quarenta anos, o Grupo Educacional Opet acompanhou e participou dos principais momentos da História recente do País. Em todos eles, confirmou o enorme

valor da educação. E, principalmente, construiu um paradigma pautado em dois elementos: a formação relevante e a construção da cidadania.

Por formação relevante, entendemos o preparo de pessoas para o mercado; uma formação não apenas instrumental, mas capaz de valorizar o aspecto humano do trabalho. Por construção da cidadania, compreendemos a transmissão de valores capazes de fazer com que as gerações futuras sejam cada vez mais conscientes de seu papel; que cobrem mudanças, mas que trabalhem por elas, que lutem pelo meio ambiente, pela saúde coletiva, pelos direitos, pelo acesso à escola e por um cenário político livre da corrupção. Em nossas salas de aula, em nossos materiais didáticos, na formação continuada e no contato com parceiros públicos e privados de todo o País, essa é a nossa proposta e a nossa contribuição.

Nos próximos quarenta anos, o Brasil viverá grandes transformações, tão relevantes quanto as que foram vividas desde 1973. Se elas nascerem e vierem acompanhadas da educação, as perspectivas são muito interessantes. O Grupo Educacional Opet participará ativamente desse processo – estamos prontos para fazer muito mais. A educação é a nossa razão de ser.

Educar para um novo tempo



Vasco P. Moretto é mestre em Didática das Ciências pela Universidade Laval, Québec, Canadá. É licenciado em Física pela Universidade de Brasília-UnB e especialista em Avaliação Institucional pela Universidade Católica de Brasília-UCB.

Introdução

Com frequência, o tema Educação em Contexto Escolar é abordado com a conotação de necessidade de mudanças: é recorrente a ideia de que é urgente mudar. O argumento: a educação no Brasil é ruim, salvo poucas exceções. Por isso, é constante a preocupação de contrapor a Escola Tradicional à Escola Atual. A primeira é apontada como a escola da simples transmissão de informações, decoradas pelos alunos (como se decorar fosse condenável) e reproduzidas nos momentos de avaliação. A Escola Atual, por seu lado, estaria em busca de novas teorias da educação que

proporiam novos métodos de ensino com vistas a uma melhor aprendizagem. Novas teorias e métodos de ensino constituiriam os novos modelos para a educação escolar.

Essa busca de modelos visa encontrar respostas à questão fundamental: qual a função social da escola? Ao abordá-la, dois aspectos podem ser considerados. O primeiro é sua função **conservadora**. O segundo é sua função **transformadora**.

A escola é conservadora na medida em que seleciona saberes socialmente construídos pelos grupos sociais ao longo de suas histórias e os apresenta aos cidadãos em processo de formação, visando sua inserção social. Nesse aspecto, é importante que a escola selecione saberes relevantes para que as novas gerações compreendam o processo histórico evolutivo de seu grupo social. Ao mesmo tempo em que trabalha o cognitivo, a escola analisa os valores éticos e morais do grupo cultural, apresenta-os aos educandos visando à formação para vivência plena da cidadania. Nesta vivência, autonomia e responsabilidade são valores fundamentais para os grupos sociais.

Ao mesmo tempo, a escola exerce seu papel transformador preparando criticamente os jovens e capacitando-os a analisar sua sociedade, avaliar as relações existentes, equacionar seus problemas e propor transformações. Por isso, sendo o homem produto e produtor da sociedade, ressaltamos o papel preponderante da escola nos dois aspectos enfocados: conservar o patrimônio cultural e buscar tecnologias, metodologias e conhecimentos capazes de tornar o homem construtor de melhores condições de vida para seu grupo social.

Nesse contexto, emerge a questão: a escola tem realizado a contento suas funções conservadora e transformadora? No atual momento da educação brasileira, quais os pontos focalizados para uma reflexão mais profunda sobre a sociedade, com vistas a redimensionar a formação dos educadores e sua atuação pedagógica, no intuito de preparar o cidadão para sua inserção na nova sociedade?

Um olhar sobre a sociedade atual

As rápidas e constantes transformações tecnológicas, resultado de novas concepções epistemológicas no mundo das ciências, têm consequências tanto na vida social como na educação para ela. Uma destas consequências é a velocidade na circulação das informações. Essa é quase instantânea. Com isso, ocorre a utilização rápida dos conhecimentos socialmente construídos em todos os campos da vida em sociedade, mudando comportamentos dos cidadãos. Como exemplo, podemos analisar o comportamento das pessoas em função da evolução das tecnologias da telefonia. Há não muito tempo, telefone era um dispositivo difícil de adquirir. Comprava-se e esperava-se um longo tempo para ser instalado. Era um investimento tão caro que tinha que ser declarado como um “bem” no do imposto de renda. No entanto, sua função era muito simples: fazer chamadas e receber chamadas. A tecnologia atual, “permite até” esta função. Seu uso diário, no entanto, é para uma série de outras funções que mudaram a vida das pessoas. Quem ia ao banco pagar uma conta, ver seu saldo, fazer transferências etc. já pode fazer tudo com o celular. Com ele podemos receber e enviar mensagens. Com ele podemos ainda obter informações e fazer consultas sobre temas desconhecidos, funcionando como uma biblioteca. E com isso, muitos empregos desaparecem (os que no banco recebiam os cheques, carimbavam, conferiam, enviavam para compensação etc.) e em seu lugar aparecem outros (os que criam sistemas de controle virtual, os que criam sistemas de segurança).

Nas empresas, grande quantidade de papel deixa de circular, uma vez que as informações circulam com grande rapidez, permitindo a análise de situações e tomada de decisão para sua solução. Em virtude dessas novas tecnologias, novos estilos de vida e novas profissões aparecem. Em muitos casos, não é preciso deslocar-se para o “local

de trabalho” para resolver situações complexas: uma teleconferência reúne pessoas fisicamente distantes, mas funcionalmente próximas, trocando ideias, analisando problemas, tomando decisões. É um novo estilo de vida, uma nova visão de ambiente de trabalho, um novo conjunto de profissões que aos poucos vai se desenhando nas relações sociais.

Um olhar sobre a escola para esse novo tempo

O simples olhar para um aspecto social do novo tempo – as tecnologias para a circulação da informação – nos alerta sobre o que se espera da escola na preparação do cidadão. Retomemos a reflexão analisando duplo papel da escola: conservador e transformador.

O novo paradigma da educação em contexto escolar passa a ser guiado pelo seguinte princípio: **“A escola promove a construção interativa do conhecimento, em busca do desenvolvimento de competências”**. Analisemos este princípio para entendermos o que se espera da escola na preparação do cidadão para um novo tempo.

■ *A construção interativa do conhecimento.*

Na escola circulam informações, contidas nos livros, nas revistas, nos jornais, nas apostilas, na internet etc. Os professores selecionam as informações relevantes nas várias disciplinas e as transmitem aos alunos ou criam estratégias para que os alunos as encontrem. Estes, por sua vez, são estimulados a compreender seu sentido, aplicá-las em situações reais ou imaginárias para construir o que chamamos de conhecimento. Assim, podemos dizer que todo conhecimento é uma construção individual mediada pelo social: cada sujeito constrói seu conhecimento.

Quando afirmamos que **o conhecimento é uma construção interativa**, colocamos em foco outros atores sociais que participam do processo de construção do

conhecimento, entre eles os professores. O professor ensina para que o aluno aprenda. Ensinar, nessa perspectiva, é criar as condições que favoreçam a aprendizagem. O professor planeja seu ensino, escolhendo conteúdos relevantes a serem propostos, bem como estratégias que favoreçam de maneira eficaz a aprendizagem. É nesse sentido que usamos o termo “construção interativa”. O aluno aprende. Ele é o protagonista no processo da construção do conhecimento. Isso ocorre na medida em que o aprendiz interage com o professor, com os colegas, com os livros e com outros atores sociais que possam favorecer a aprendizagem.

O conceito da interação pode ser aprofundado com o conceito de mediação. Quando dizemos que o professor é o mediador do processo da aprendizagem do aluno, estamos dizendo que há mais do que simples interações entre os dois. Estamos dizendo que o professor conhece os conteúdos de sua disciplina, conhece cognitivamente e socialmente seus alunos, procurando as estratégias mais favoráveis à construção do conhecimento de cada um de seus estudantes. Neste sentido, o professor Marcos Méier afirma:

*Mediar significa, portanto, possibilitar e potencializar a construção do conhecimento pelo mediado. Significa estar consciente que não se transmite conhecimento. É estar intencionalmente entre o objeto de conhecimento e o aluno de forma a modificar, alterar, organizar, enfatizar transformar os estímulos provenientes desse objeto a fim de que o mediado construa sua própria aprendizagem, que o mediado aprenda por si só. (MÉIER, M. e GARCIA, S. **Mediação da aprendizagem**. Edição do autor. Curitiba, 2007, p. 71)*

■ *O desenvolvimento de competências.*

Uma das grandes críticas à escola dita tradicional era o foco no ensino: um ensino enciclopédico, com base na transmissão de informações, tendo por objetivo preparar alunos para exames vestibulares, uma vez que estes enfatizavam, sistematicamente, a memorização de conteúdos e não a aprendizagem significativa de conteúdos relevantes.

No modelo proposto da construção interativa do conhecimento em busca do desenvolvimento de competências, é dado um novo sentido tanto para o processo da aprendizagem quanto para o do ensino. Ou seja, o produto que se busca é o desenvolvimento de competências do educando.

Para melhor compreensão, tomamos como base o seguinte conceito para competência: **“Competência é capacidade de um sujeito mobilizar recursos visando abordar e resolver situações complexas”**. Analisemos os componentes deste conceito. Situações complexas, também chamadas situações problema, são aquelas que se apresentam ou no dia a dia dos alunos, ou nos conteúdos escolares ou na vida profissional. Como exemplo, são situações complexas para alunos em seus conteúdos escolares: “Elaboração de uma redação sobre determinado tema”, “Resolução de problemas envolvendo as Leis de Newton na Física”, “Estudo da Revolução Francesa e suas consequências econômicas e sociais para a Europa”, “Estudo das funções de primeiro e segundo graus” etc. Para um professor, são situações complexas: “O planejamento de suas atividades pedagógicas”, “O ministrar as aulas” e “A avaliação da aprendizagem de seus alunos”.

Quando dizemos que a “Competência é a capacidade de mobilizar recursos” precisamos explicitar que recursos são estes. O primeiro deles são os **conteúdos conceituais**. Dominar conceitos é a primeira condição para a competência na solução de qualquer situação. Nesse aspecto, é preciso compreender a crítica que se fazia à escola dita tradicional: era uma escola conteudista. Entendia-se como conteudista a escola que transmitia grande quantidade de conteúdos das várias disciplinas, que eram decorados pelos alunos e nem sempre compreendidos. Nesse caso, os alunos interiorizavam e nem sempre se apropriavam dos conteúdos conceituais propostos: eles eram fortemente estimulados a aplicá-los em listas de exercícios, em questionários, em resolução de problemas.

Um segundo recurso que compõe a competência é a **habilidade**. Entendemos habilidade como o saber fazer. Desenvolver uma habilidade não significa, necessariamente, desenvolver competência. Por exemplo: um professor programa para uma aula o processo de solução de equações de primeiro grau. Ele explica como se faz, apresenta dois exemplos e solicita aos alunos que resolvam vinte problemas de uma lista. Ao final, elabora uma prova com cinco problemas da lista. Ele observa que a maioria dos alunos alcançou nota superior a 7,0 sobre 10,0. Será que ele pode dizer que os alunos desenvolveram competência para a solução de equações de primeiro grau? Ou será que ele está avaliando apenas se desenvolveram a habilidade de resolver? Neste exemplo, queremos distinguir os conceitos de competência e de habilidade. O aluno desenvolve habilidade se souber fazer. Ele desenvolve competência se, além de fazer, ele sabe o que está fazendo (domina os conteúdos conceituais relativos à situação), e faz cada vez melhor e com perfeita compreensão do que está fazendo.

Outros recursos podem ser associados ao conceito de competência. Entre eles: o domínio da **linguagem** adequada na compreensão e solução de uma situação complexa. Assim, quando dizemos que um professor é competente para avaliar a aprendizagem, estamos afirmando que ele domina os conceitos relevantes de sua disciplina, que tem habilidade para elaborar instrumentos adequados e que sua linguagem é clara e precisa. Veja exemplos de questões elaboradas que demonstram falta de competência do professor na situação complexa de avaliação da aprendizagem por meio de provas escritas:

- "Cite todas as capitâneas hereditárias e seus respectivos donatários."
- "Comente a frase de Sócrates: 'Conhece-te a ti mesmo'".
- "Discorra sobre os principais direitos da criança e do adolescente propostos no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)."

- “Dê sua opinião sobre o casamento de pessoas de mesmo sexo”.

Analisando questões desse tipo, podemos afirmar que a linguagem pode até ser clara, mas não é precisa. O aluno não saberá, necessariamente, o que o professor espera como resposta. Procurará responder com base no seguinte pensamento: “O que será que o professor quer como resposta?” ou “O que foi dito em aula?”. Ainda para este tipo de questão, podemos questionar sobre sua relevância para a formação do aluno. Podemos ainda verificar que há questões sem parâmetros para correção. Tudo isso está associado ao problema do uso inadequado da linguagem. Por isso afirmamos que o domínio da linguagem é um dos recursos indicadores da competência do professor na situação complexa de avaliar a aprendizagem.

Em síntese, quando afirmamos que um dos princípios para a escola atual pode ser **“A escola promove a construção interativa do conhecimento, em busca do desenvolvimento de competências”**, estamos indicando o sentido que queremos dar às mudanças na educação em contexto escolar. Mudanças que exigem novas posturas de gestão dos educadores e educandos, novas metodologias no processo do ensino e o uso de novos instrumentos facilitadores nos processos de aprendizagem.

Novos tempos, novas posturas, novas metodologias

No início de nossa reflexão, colocamos como uma das características da sociedade atual a rapidez de circulação de informações. Crianças, jovens, adultos e pessoas de idade estão “conectadas” durante muitas e muitas horas, principalmente as novas gerações. Esta conexão é cada vez mais intensa e ocorre cada vez mais cedo, com crianças ainda mais jovens. Esse fato exige dos educadores uma reflexão para a ação e na ação sobre o papel dos recursos vindos do desenvolvimento das novas tecnologias da informação no contexto da educação escolar. Não há mais dúvidas de que o mundo virtual veio para

ficar. Os ambientes virtuais de aprendizagem precisam ser estimulados para responder aos anseios das novas gerações. Novos tempos exigem novas posturas tanto de gestores escolares como de educadores e educandos.

Nesse sentido, buscando uma aplicação prática do princípio da construção interativa, com auxílio do mundo tecnológico, podemos refletir sobre uma prática ainda fortemente arraigada nas escolas: a avaliação da aprendizagem por meio de provas nas quais o aluno não pode usar calculadoras, tablets, celulares ou outros instrumentos com possibilidade de acesso à informação. A escola afirma e reafirma que sua missão é preparar para a vida. Observa-se, no entanto, que na vida de grande número de profissionais o acesso à informação não é apenas recurso, mas condição de trabalho. Os profissionais colocados diante de situações complexas precisam demonstrar competência para sua solução. Para isso, precisam saber **consultar**. A escola que prepara para a vida, então, precisa ser aquela que ensine o aluno a consultar. Ele aprende os passos para resolver as situações complexas. Inicialmente, ele precisa saber analisar uma situação, identificando conceitos, relações e algoritmos a serem utilizados. Mas, se durante as provas o aluno não pode consultar, estará ele sendo preparado para a vida? Que vida? Essa reflexão deve inspirar o sentido das mudanças para a escola tanto no processo do ensino quanto no da avaliação da aprendizagem.

Vale, a esta altura de nossa reflexão, lembrar outro princípio que fundamenta a proposta para a nova escola: “Preparar o aluno para a vida é prepará-lo para ser gestor de informações e não um simples acumulador de dados.” Quem acumula dado é o computador. As informações estão “na nuvem”, como dizia o Jobs, fundador da Apple. O gestor tem que saber onde, quando e como buscá-las e aplicá-las corretamente.

Se a nova escola exige uma nova concepção de avaliação da aprendizagem, é preciso uma nova concepção para o processo de ensino. Define-se, assim, o sentido da

mudança de postura do educador em contexto escolar: em lugar de ser o transmissor da informação, ele passa a ser o catalisador/mediador do processo da aprendizagem. Neste papel, ele pode também transmitir informações por meio de aulas expositivas. Queremos dizer, com isso, que o professor é também uma fonte (de grande importância) de informações. Devemos frisar que é “também” essa fonte, pois seu papel como educador vai muito além. A internet, os livros, as revistas, os jornais etc. são apenas fontes de informação. E só. O professor, em seu papel de educador, aprende ensinando e ensina compartilhando conceitos, valores e atitudes.

Uma nova escola com visão de futuro

As reflexões que fizemos até agora nos permitem concluir que há uma escola, hoje, que propõe às novas gerações conhecimentos socialmente construídos que fazem parte de sua história e de sua evolução. Essa mesma escola hoje se propõe a preparar uma nova geração de cidadãos que viverão num contexto em grande parte ainda desconhecido. Crianças que estão aprendendo a conhecer seu mundo hoje estarão no mercado de trabalho dentro de dez ou vinte anos. De que profissionais este mercado necessitará? Quais serão as exigências das novas profissões? Que competências deverá ter desenvolvido o novo cidadão, tanto no campo profissional quanto no social? São questões relevantes para educadores e gestores de políticas educacionais. Uma coisa é clara: há necessidade de mudança nos rumos da educação escolar atual.

Como sinalizamos em nossa reflexão, a escola precisa organizar-se para, primeiramente, ajudar a formar cidadãos eticamente conscientes de sua responsabilidade social. Ao mesmo tempo, a escola tem a função de ajudar a formar o sujeito profissionalmente competente. Para isso, os educadores, no contexto escolar,

precisam ser competentes para criar as melhores condições de aprendizagem do aluno e competentes para utilizar os melhores instrumentos que avaliem se esta aprendizagem foi realmente significativa. Por isso, concordamos que deva haver uma constante preocupação dos educadores de mudar buscando novas teorias educacionais e novas metodologias de ensino. Essas mudanças devem sempre ter o foco na dupla missão da escola, conservadora e transformadora.

As Escolas Brasileiras e as Redes de Comunicação e Conhecimento ao início do Século XXI



Regina Alcântara de Assis, EdD, foi secretária municipal de Educação do Rio de Janeiro. Professora da UERJ e da PUC-Rio, é consultora em Educação & Mídia.

Ter consciência sobre o tempo em que vivemos e os espaços que ocupamos, constituir nossas identidades e descobrir os segredos para estar sempre nos transformando, eis os desafios para os que ensinam e os que estudam nas Escolas Brasileiras, neste início do Século XXI.

Como aparecem as transformações pelas quais passamos constantemente?

Ao longo de poucos anos, as mudanças no campo do conhecimento, das ciências e tecnologias com suas consequências na produção de bens e serviços, afetando a organização social, política e econômica dos povos deste pequeno Planeta, têm sido tão vertiginosas, que criam uma sensação de instabilidade e impermanência. Esta situação atinge, especialmente, as gerações de Pais, Responsáveis e Professores que foram educados com as palavras ditas para

expressar um saber, um conhecimento registrado e guardado nos livros. De todo modo, estas mudanças, que nos transformam individual e coletivamente, precisam ser enfrentadas, entendidas e quase decifradas por Pais e Professores que, em sua maioria, foram educados, ainda, com a palavra e o livro.

Em um iluminado discurso feito na Academia Francesa em 2011, o filósofo Michel Serres declarou: *“Nem sempre percebemos, mas vivemos em coletividade, hoje em dia, como filhos do livro e netos da escrita”*. (2013: 39)

Porém, mesmo com esta herança das gerações mais maduras, o saber e o conhecimento, na atualidade, se constroem e se reconstróem contínua e coletivamente em Redes de Comunicação Virtual e Conhecimento, sem fronteiras nacionais ou de etnias, gêneros, idades ou estratos sociais. Assim, o lugar dos livros e da produção de narrativas escritas neles contidas, para leitura, ocupa outros espaços, inclusive os virtuais.

E um dos desafios atuais para quem educa é o de que a **memória, a imaginação e o raciocínio** estão contidos nos computadores em rede, numa potência, abrangência e diversidade, dificilmente alcançável pelos seres humanos individualmente (SERRES, 2013: 36).

No entanto, nós, Professores, sabemos que esta é a matéria-prima com a qual trabalhamos em nossas Salas de Aula e Escolas Brasileiras: a **memória** que inscreve cada criança ou adolescente num contexto histórico e cultural, conferindo-lhe uma identidade e uma consciência de pertencimento; a **imaginação** que ignora fronteiras, capaz de explorar, com gosto e curiosidade, o desconhecido e a novidade, além de inventar e criar novas hipóteses e possibilidades; e o **raciocínio** que permite a organização, a comparação, a compreensão do contraditório, a sistematização de conhecimentos, o exercício da capacidade crítica e a solução contínua de problemas e desafios.

Assim, a relação dessas habilidades humanas transferidas aos computadores parece desequilibrar uma relação de poder entre criadores e criaturas.

Mas, na verdade, os computadores e tudo o que contêm e são capazes de produzir, quando os usamos individual ou coletivamente, são extensões de nossas capacidades humanas de imaginar, lembrar, criar, raciocinar, organizar e recriar.

Tal como dizia o escritor argentino Jorge Luiz Borges, já vivendo numa situação pessoal dominada pela cegueira – que era capaz de sentir o frêmito que lhe causava a proximidade dos livros em sua biblioteca, os quais, como definia, eram extensões de seu cérebro.

Aqui, seria importante considerar o que a professora e pesquisadora Ana Luiza Smolka (2001: 93) clarifica, ao pesquisar sobre a memória, a escrita e a leitura:

“– Que mês que é?” “– É abril...”

“– Como você sabe?” “–... porque está escrito.”

Ela afirma que: *“Podemos ler na resposta das crianças indícios das práticas histórico-culturais inscrevendo-se na memória individual. Podemos observar as crianças apropriando-se ativamente - olham, leem, apontam, soletram – dessas práticas.”; “(...) Pode-se esquecer quando se sabe anotar. Pode-se esquecer porque se sabe ler. Não é preciso lembrar quando se pode escrever.”* (p. 94)

E, citando Vygotsky (1996: 194): *“É assim que atua a cultura, desenvolvendo em nós métodos cada vez mais novos, transformando assim a memória natural em memória ‘cultural’; o efeito da escola é semelhante: cria uma provisão de experiência, implanta grande número de métodos auxiliares complexos e sofisticados e abre inúmeros novos potenciais para a função humana natural”.*

A atualidade do que diz Vygotsky e a reflexão a que nos conduz Smolka abrem grandes perspectivas para as necessárias transformações pelas quais hão de passar as Escolas Brasileiras em sua jornada pelo Século XXI.

Perspectivas sobre a Educação do Amanhã

Muitos pensadores, educadores e pesquisadores têm se dedicado a prever o futuro da Educação e seria oportuno lembrar o que alguns deles disseram e o que dizem outros na atualidade.

Jean Piaget, com sua aguda capacidade de análise e visão à distância, escreveu o texto “Para onde vai a Educação”, em 1971, atendendo à Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, órgão dependente da UNESCO. Duas análises suas estão confirmadas: a primeira antevia a importância da Educação Infantil, para o cuidado e educação das crianças de zero a seis anos, hoje reconhecida como um direito inalienável no Brasil e em grande parte dos países.

A segunda previa a interdisciplinaridade entre as várias áreas de conhecimento e sua retroalimentação, como é, por exemplo, o caso da Engenharia de Alimentos, da Nanotecnologia, da Medicina Molecular, entre tantas outras.

Previsão na mesma direção foi feita por um dos maiores educadores brasileiros, Anísio Teixeira, em um de seus textos mais conhecidos “Mestres de Amanhã” (1963), antevendo o aumento da complexidade das sociedades, saindo de um contexto mais singelo, para outro muito mais competitivo, intrincado e exigente, prevendo ainda o direito de ampliação do acesso à Educação Pública de qualidade para todos e não apenas para uma elite reduzida.

Dessa maneira, há 50 anos, já enfatizava a importância da Educação Pública e Laica reconhecida como um direito de toda a população brasileira e refletia sobre o impacto dos meios de comunicação e conhecimento, gerando nova cultura: *“Se partirmos do período da simples comunicação oral de pessoa a pessoa que se conheçam mutuamente no pequeno meio local, para a comunicação com o estranho e depois para*

a comunicação escrita ainda entre pessoas que se conheçam (correspondência) e, a seguir para a comunicação escrita pelo texto e livro e pelo jornal, ainda locais, e, afinal, pelo telégrafo, pelo telefone, pelo cinema, pelo rádio, pela televisão, pela comunicação estendida a todo o planeta que faz subitamente o homem comum não apenas o habitante de sua rua, sua cidade, seu estado, sua nação, mas literalmente de todo o planeta e participante de uma cultura não apenas local e nacional mas mundial, podemos ver e sentir o grau de cultivo mental necessário para lhe ser possível submeter a informação, que lhe é trazida de todo o mundo, ao crivo de sua própria mente, a fim de compreendê-la e absorvê-la com o mesmo sentido de integração com que recebia a comunicação local e pessoal do seu período paroquial de vida". (1963: 02)

Mesmo sem conhecer os computadores, a banda larga e a internet, Anísio Teixeira faz com que nós, Professores, Pais ou Responsáveis, meditemos sobre a mudança de paradigma que vivemos hoje em dia e as responsabilidades que temos, ao dever procurar nos atualizar, para dialogar e compreender, cada vez melhor, nossas crianças e adolescentes.

E é, ainda, valioso observar como ele valorizava e conhecia os desafios pelos quais nós Professores passaríamos, ao refletir sobre as transformações em relação à natureza de nosso trabalho: *"Ao ampliar-se a universidade pelas escolas de cultura comum para todos, o preparo do mestre – ou seja, o guardião e transmissor da cultura – se fez até o começo de nosso século (XX) com razoável proficiência. Tanto quanto possível era ele o transmissor de uma cultura cuja significação e limites conhecia e, sobretudo, era o mais importante transmissor dessa cultura, estando em seu poder comandar até certo ponto a formação do educando.*

Com a expansão dos meios de comunicação, o mestre perdeu esse antigo poder, passando a ser apenas um contribuinte para a formação do aluno, que recebe, em relativa

desordem, por esses novos meios de comunicação, imprensa, rádio e televisão, massa incrível de informações e sugestões provenientes de uma civilização agitada por extrema difusão cultural e em acelerado estado de mudança". (1963: 02)

Seria interessante lembrar o que citamos anteriormente, sobre Vygotsky e Smolka, cujas visões de Escola, Educação, Cultura e Linguagem afirmam a interatividade e a iniciativa dos Estudantes, como constitutiva do ato de aprender, que depende muito menos da ascendência do Professor e muito mais da criação e produção conjunta de conhecimentos.

Serres (2013: 45) diz, a esse respeito, que chegamos ao fim da "era do saber", que *"já descansava nos livros"*. E vai mais longe, ao afirmar que *"ensinar era uma oferta, sem ouvir a voz da demanda"*, e que *"a nova oferta prescinde de especialistas, pois está na ponta do dedo pela tela do celular"*. Ousa ainda dizer que *"o burburinho e o ruído das salas de aula substituem a antiga voz do livro e seu guardião, o professor"*. (2013: 44)

Ao defender que as novas gerações são *"formatadas pela mídia"*, Serres (2013: 17,18) garante que a Sociedade do Espetáculo foi ofuscada pela Sociedade Pedagógica determinada pela mídia, embora os Professores sejam os menos ouvidos, neste caso, e substituídos por Jornalistas, Publicitários, Apresentadores Humorísticos e Showman/woman, cada vez mais populares com as plateias de Mestres.

Caminhos para a Educação na Travessia pelo Século XXI

Nosso grande escritor João Guimarães Rosa foi iluminado quando disse que *"(...) a verdade não está nem no começo, nem no final, mas ela se revela na travessia (...)"*.

E é assim que estamos neste momento da Educação Brasileira, ainda buscando, na **travessia** de uma cultura escolar arcaica para uma Educação em Redes de Comunicação

e Conhecimentos, que exigem de nós, os que temos a responsabilidade de educar, uma superação de obstáculos e provavelmente a descoberta surpreendente de que mudar, neste caso, transforma a Educação para melhor.

Os caminhos são variados e envolvem:

- os deveres dos governos, em seus três níveis, buscando não só equipar e manter as redes de computadores nas Escolas, conectadas por banda larga, mas, contribuindo eficazmente para a atualização dos Professores em serviço;
- os deveres que precisam ainda atender ao que Professores e Pesquisadores recomendam e não apenas ao que o mercado e a política partidária almejam;
- a necessária insistência em obter uma Política Salarial e de Carreira, que dignifique o trabalho a ser esperado dos Professores. Nossa importância, como Profissionais, exige o reconhecimento da necessidade de atualizações constantes em cursos, pesquisas, leituras, participação em Redes de Conhecimento e intercâmbio entre Sistemas de Ensino, viagens de estudo, além de recursos materiais para desempenhar nossas responsabilidades com eficiência e eficácia;
- as responsabilidades das Universidades Brasileiras de modificarem seus currículos, principalmente na Graduação e Pós-Graduação em Educação/ Pedagogia, assumindo o dever de ensinar e pesquisar sobre a integração das mídias audiovisuais, digitais e impressas aos Projetos Político/Pedagógicos do Ensino Fundamental e Médio.
- as responsabilidades universitárias de oferecer cursos interdisciplinares para estudantes de Graduação e Pós-Graduação das Áreas de Pedagogia, Comunicação, Informática, Letras e Artes, entre outras, pois são as que têm maior impacto sobre a futura produção de mídia para a Educação Básica e Superior .

- as responsabilidades dos grandes conglomerados de mídia, que são concessões públicas e que, por isto, têm o dever de oferecer produtos audiovisuais, digitais e impressos para a população brasileira, que tem direito de acesso aos bens culturais produzidos pela imaginação e criatividade estética de artistas, escritores, produtores, roteiristas, animadores e outros profissionais de mídia das várias regiões do País.

Voltando mais especificamente para o campo da Educação nas Escolas, em especial as Públicas, que atendem à maioria da população, é preciso repensar desde a organização física dos espaços até a utilização dos tempos de trabalho.

Além disso, é necessário que Educadores preparados sejam os Gestores das Escolas e dos Sistemas Educacionais nos três níveis de governo, evitando-se a improvisação, que impõe profissionais de outras áreas, sem nenhum conhecimento e experiência na área, como Diretores, Coordenadores, Secretários ou até Ministros de Educação. Neste caso, atende-se a interesses político-partidários, mas não à Educação, que deve ser entendida como política de Estado e não apenas de Governo.

Embora haja, novamente, um grande movimento para “desescolarizar” a sociedade com iniciativas como a da *Khan Academy*, baseada no ensino online de nível internacional, gratuita, para qualquer um, em qualquer lugar, como preconiza seu fundador Salman Khan, em seu livro “Um Mundo, Uma Escola” (2013), é ainda preciso não abandonar as grandes Redes Públicas de Escolas e pensar como fizemos, quando fomos responsáveis pela Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, numa “Escola do tamanho do Mundo” (MultiEducação, 1996).

É neste lugar sagrado, onde as pessoas, adultos, jovens, adolescentes e crianças se encontram e convivem, podendo trocar algumas das mais preciosas e necessárias experiências humanas, constituindo conhecimentos e valores, como exposto anteriormente por Vygotsky e Smolka.

É evidente que mudanças radicais são necessárias, mas se se trabalha a partir dos Princípios Éticos da Autonomia e da Responsabilidade, dos Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania e dos Princípios Estéticos da Sensibilidade e da Diversidade, abre-se um horizonte infinito de possibilidades, como os que criamos com o Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO no Rio de Janeiro (1996) e com a fundação da MULTIRIO, Empresa Municipal de Multimeios do Município do Rio de Janeiro, trabalhando integradamente pela Educação Pública de milhares de Professores, Crianças, Adolescentes, Jovens e Adultos sem escolaridade .

Edgar Morin, em seus livros “Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro” (2002) e, mais recentemente, em “A Via para o Futuro da Humanidade” (2013), destaca a importância dos Princípios Éticos, Políticos e Estéticos e a necessidade antecipada por Piaget, Vygotsky, Bakhtin, Anísio Teixeira e já agora por Michel Serres, Henry Jenkins, Salman Khan e Edgar Morin de trabalharmos nas Escolas com a complexidade da vida humana, sem a padronização estéril, que só serve para avaliações sistêmicas e propósitos político-partidários.

É claro que o trabalho pedagógico exitoso, numa perspectiva interdisciplinar e compartilhada entre Estudantes e Professores de cada Escola e de grupos de Escolas, por bairros, cidades, estados e países será muito mais possibilitado, com o uso inteligente e apropriado de computadores, tablets, celulares, lousas eletrônicas, que permitam o funcionamento de Redes de Comunicação e Conhecimento, como teria adorado ver o grande educador Célestin Freinet (1975), que, humildemente, trabalhava com correspondência para aperfeiçoar a escrita e a leitura de seus estudantes, por meio do limógrafo, antecessor da máquina copiadora, no início do Século XX.

A “Escola do tamanho do Mundo” existe e terá vida longa, produtiva e transformadora pelo engenho e arte de Professores bem qualificados, bem pagos,

bem atualizados e capazes de sintonizar os corações e mentes de seus estudantes com os tempos e espaços em que vivemos e que podem ser transformados em direção à Sociedade mais justa e humana que todos desejamos.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Regina *et alii*, **MULTIEDUCAÇÃO, Núcleo Curricular Básico**, PMRJ, Rio de Janeiro, 1996.

ASSIS, Regina e TAVARES, Marcus Tadeu, **Nós da Escola criando Mídia e Educação**, PMRJ, Rio de Janeiro, 2008.

BAKHTIN, Mikhail, **Esthétique de la Création Verbale**, Paris, Gallimard, 1984.

FREINET, Célestin, **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa, Estampa, 1975.

JENKINS, Henry, **Cultura da Convergência**, Tradução Susana Alexandria. São Paulo, Aleph, 2009.

KHAN, Salman, **Um Mundo, uma Escola, A Educação Reinventada**, Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2013.

MORIN, Edgar, **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**, Tradução de Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya, 6ª ed., São Paulo, Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

_____, **A Via para o Futuro da Humanidade**, Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Marisa P Bosco, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013.

PIAGET, Jean, **Para onde vai a Educação?** Tradução de Ivete Braga, 8ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1984.

SERRES, Michel, **Polegarzinha**, Tradução Jorge Bastos, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013.

SMOLKA, Ana Luiza B., **Modos de inscrição das práticas cotidianas na memória coletiva e individual**, in *A magia da linguagem*, Edwiges Zaccur (org.), Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001, pp. 75-100.

VYGOTSKY, Lev S., **A história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

TEIXEIRA, Anísio, **Mestres de Amanhã**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.40, nº. 92, out/dez.1963, pp. 10-19.

O machado e a árvore de sândalo



Lama Padma Samten é um líder religioso brasileiro. Físico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi professor da própria universidade e de várias escolas de 1969 a 1994, quando fez uma aproximação do Budismo. Em 1993, foi aceito como discípulo por Chagdud Tulku Rinpoche (um dos mestres tradicionais do Budismo Tibetano) e, em 1996, ordenado lama – guia, sacerdote e professor.

Nos últimos sessenta anos, o Ocidente ganhou uma percepção diferenciada do Tibete. Visto por muito tempo como isolado e exótico, o antigo reino passou a ser reconhecido por sua resistência à anexação pela República Popular da China, país que, desde 1950, promove uma política sistemática de genocídio cultural na região. Um movimento que pode ser identificado pela supressão das formas tradicionais de relação com o meio ambiente, com a cultura, com o passado e com a religião.

Tamanha violência, contudo, não foi capaz de calar essas tradições. Ela implicou uma diáspora que, como todos os movimentos deste gênero, causou grande sofrimento. Mais do que isso, porém, ela fez com que toda uma sociedade se reorganizasse, e com que pessoas de vários países

assumissem uma postura pró-Tibete. Levou o mundo, enfim, a conhecer os valores tibetanos (em especial, os ligados ao Budismo), a exercitar a compaixão e ganhar acesso a uma religião que prega a paz, a capacidade de superação de problemas e dedica-se a compreender a mente em grande profundidade. Hoje, os tibetanos não apenas resistem, como também semeiam os valores da paz, lucidez, benevolência e resiliência.

O exemplo vindo do Himalaia não se limita, portanto, a um contexto histórico e geopolítico estanque. Ele pode funcionar como inspiração em diferentes cenários nos quais grupos humanos e pessoas se defrontam com a opressão e com a violência. Cenários como os experimentados em áreas de risco – caso de muitas das escolas públicas e privadas do nosso país.

Certa feita, o Buda histórico, Sidarta Gautama, foi instado a falar sobre a violência e como lidar com ela. A vingança seria um bom caminho, o caminho lógico e necessário? A isso, ele respondeu com a imagem do machado que abate a árvore de sândalo (matéria-prima do melhor incenso): ao golpeá-la, a ferramenta adquire seu extraordinário aroma, seu valor, é contaminada pela beleza. Supera, vence, dá ensejo a um extraordinário movimento de sinal contrário. Em sua singeleza e profundidade, essa imagem pode inspirar os educadores ao resgate de seu contexto de trabalho e de suas relações com alunos problemáticos. As questões, por certo, são complexas e se inscrevem em uma conjuntura que envolve variáveis familiares, econômicas e culturais. Elementos que se espraiam para muito além dos limites da sala de aula, mas que podem ser trabalhados e superados a partir dos princípios de paz e da compaixão.

Professor, Bodisatva

Um dos fundamentos da cultura é o que diz respeito ao papel da educação no processo de transmissão da percepção de mundo, patrimônio digno de ser respeitado

e replicado. Vivemos, porém, em uma era de estima pela instrumentalidade. É possível afirmar que, em muitas escolas, a relação ensino-aprendizagem se relaciona à transmissão da habilidade de operar e de transformar o que está ao redor. Ou seja, já não existe uma educação aberta, devotada à compreensão profunda da realidade, à cognição e às percepções filosófica e psicológica do mundo.

A primeira missão do professor, portanto, reside no resgate e na promoção desse educar. Algo que é difícil, sem dúvida, mas que está ao alcance da própria vontade, da própria determinação de mudar a realidade. Nesse contexto, as condições de trabalho, as dificuldades, a pobreza e a distância, já não são os elementos centrais. Elas são importantes, mas não devem ser limitadoras ou paralisantes. Os limites e a paralisia podem ser reforçados pelos problemas e, principalmente, pela visão construída acerca deles – é o que, no Budismo, chamamos de “segunda flecha”, um doloroso ataque promovido pela própria mente a partir de uma vivência inicial de sofrimento.

Na medida em que carregam uma forte carga psicológica, porém, eles podem ser enfraquecidos “de dentro para fora”, a partir do olhar. Os professores, portanto, devem ser capazes de superar as condições dadas pela realidade e chegar a uma nova compreensão e a uma nova oferta de conhecimentos.

Armar, desarmar

Partimos do princípio de que todos os seres aspiram à felicidade e à libertação do sofrimento. Para desativar a mente negativa – para levar isso ao contexto escolar –, é preciso estabelecer elementos que ultrapassam os referenciais comuns. É preciso trabalhar com a própria visão e ampliá-la, e levar à sociedade esse referencial diferenciado.

No Budismo, nós podemos chamá-lo de “Terra Pura”; ele também está presente em outras tradições religiosas, com outros nomes e partindo de outros princípios. E o

que é a tal Terra Pura? É a configuração, o contexto mais profundo, verdadeiro, é, enfim, o mundo que nasce do desenvolvimento de relações apropriadas, conosco mesmo, com as outras pessoas, com o meio ambiente e com as autoridades. Se, pelo contrário, cultivarmos uma “Terra Impura” a partir de relações impróprias – nos hábitos de vida, na alimentação e no consumo de bebidas, até mesmo na forma como nos movimentamos pelo mundo –, iremos apenas colher a negatividade e o sofrimento.

Hoje, muitos dos nossos jovens morrem em acidentes de carro e em outras situações de risco; intoxicam-se, se apaixonam pela violência e por relações vazias. Não estudam e nem se preparam para algo mais elevado, e são facilmente cooptados por coisas negativas. Isso, sem dúvida, determina uma piora nas condições de vida, mesmo que haja pessoas e instituições dispostas a ajudar. A escola, portanto, deve participar de um processo de fundo, cultivar para a busca da felicidade e do fim do sofrimento, algo que se dá pela promoção de ideais mais elevados.

Poderíamos contemplar essa promoção a partir de uma relação de cinco sabedorias. A primeira delas é a capacidade de entender as pessoas no mundo em que elas estão e não como instrumentos de nosso próprio mundo; no caso dos jovens, enxergá-los em seu contexto de vida, com suas variáveis e idiosincrasias. A segunda é a percepção de que nosso próprio nível de felicidade está associado à felicidade alheia, o que leva cada um a ampliar a própria mente, perceber, se engajar na mudança e compreender as condições alheias. A terceira é a sabedoria discriminativa, o entendimento do que chamamos de “Roda da Vida” – nascimento, crescimento e morte, impermanência e sofrimento – e de que, a despeito de todas as suas condições, das circunstâncias ao redor, devemos buscar manter nosso equilíbrio e lucidez. A quarta sabedoria é a da causalidade, de não fazer o que cause sofrimento aos outros, fazer o que lhes traga benefícios e absorver a negatividade do ambiente, sem replicá-la. Fazer o bem, por consequência, promove um mundo mais feliz e resiliente. A quinta sabedoria

é a de que nossa existência, nosso brilho, independe de nossa identidade, de que há em nós e em todos os seres algo mais profundo, subjacente, que transcende vida e morte.

Há, ainda, uma “sabedoria extra”, uma sexta sabedoria: a de não lastimarmos o que estamos vivendo, mas aprender e agradecer a oportunidade de aprender. O que, no caso de muitos professores, é essencial, até mesmo pelas dificuldades normalmente associadas à profissão. Não se trata de não lutar ou de se render às circunstâncias, mas de aclarar a mente, inclusive para constituir reivindicações mais justas e positivas.

Dar nascimento positivo

Muitos professores podem se perguntar se essas sabedorias são aplicáveis em sala de aula, em especial em momentos críticos como os que envolvem alunos agressivos ou, então, um ambiente hostil endêmico. Por muito tempo como docente, vivenciei situações difíceis. Contudo, procurei trabalhar, iniciar o processo, a partir da primeira sabedoria budista: tentando compreender o universo dos estudantes, sua realidade, e não os interpretando como elementos de meu próprio cenário mental.

Muitos professores buscam, em primeiro lugar, silenciar os alunos, para, então, dizer o que eles devem fazer ou como pensar. Só que, nessa fase da vida, os jovens têm uma grande aspiração de autodireção e agem de forma impulsiva, o que torna dessa tentativa algo penoso e ineficiente. É preciso, portanto, agir de forma diferente.

Tenho ouvido de professores muito hábeis, como José Pacheco, suas experiências de trabalho com alunos cujo histórico é de violência e crime. Pacheco relata um método que poderíamos identificar como “budista”, de estabelecer contato com a pessoa que subjaz ao estudante. O ponto principal nessa abordagem não é o professor ensinar alguma coisa, mas desenvolver uma relação – isso vai ajudá-lo a participar da construção

de uma pessoa que está desorganizada. Para isso, é preciso apoiar os estudantes no mundo que se lhes apresenta e levá-los a operar melhor, e não zerá-los e silenciá-los.

Todas as pessoas aspiram a alcançar a felicidade e a se libertar do sofrimento, inclusive os jovens mais problemáticos. Se eles encontrarem no professor alguém que os compreenda e leve a realizar suas aspirações, teremos um excelente início. É o que chamamos de “dar nascimento positivo”: fortalecer, convidar para o trabalho, fazer com que o outro se sinta importante, como parte de um processo. Isso é algo muito raro, precioso, que dá início ao que identificamos como “nascimento positivo coletivo” – um movimento de crescimento da consciência e da paz.

O papel da meditação

Muitas tradições religiosas encontraram na meditação – no sentar, atentar para a própria respiração e reduzir os ruídos da mente – um meio hábil para o autoconhecimento, para felicidade e para a compaixão. No Budismo, a meditação ocupa um lugar importante; ela participou do processo de libertação pessoal do Buda histórico, Sidarta Gautama, e desde então vem sendo estudada e praticada a fundo pelas diferentes escolas da religião. Há muitas formas e técnicas de meditação, desenvolvidas com a mesma finalidade essencial de promover e acelerar o esclarecimento sobre a verdadeira natureza dos seres humanos e da própria realidade circundante, e de permitir que as pessoas levem a sua compaixão aos outros seres.

Na escola, por certo, a meditação pode ser uma ferramenta importante, uma forma poderosa de apoio ao trabalho pedagógico. É uma verdadeira benção poder se sentar e acalmar a mente, algo que, com inteligência e paciência, pode ser levado até às pessoas mais agitadas. A meditação, vale observar, independe da orientação religiosa –

no contexto escolar, não é este o seu foco. E deve ser conduzida sem cobrança, sem produzir uma sensação de “certo” e “errado” que serve apenas para agitar ainda mais a mente.

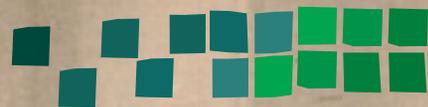
Em nossa comunidade, temos um trabalho interessante e muito simples relacionado à meditação com crianças. Elas são convidadas a entender a agitação da mente a partir de um exercício singelo: colocar diferentes elementos, como grãos e jujubas, em um vaso transparente cheio de água, que é remexida. Na medida em que a velocidade diminui, os elementos descem, o que devolve à água sua transparência. Com isso, elas não só percebem o papel da agitação em relação à lucidez, como participam de uma ação pedagógica. O mesmo tipo de trabalho, ajustado, evidentemente, aos diferentes níveis de ensino, pode levar aos estudantes a perceberem o mesmo conceito.

Pessoas inteiras

Finalizo este ensaio deixando uma reflexão sobre o papel do professor para a sociedade. Ele é, sobretudo, um apresentador e um auxiliar na configuração da realidade. Sua missão, portanto, se situa muito além de uma relação econômica. Mesmo arriscando atrair a ira de muitos educadores, defendo a perspectiva de que, no magistério, a remuneração não é o mais importante. O salário jamais vai compensar o trabalho, o esforço de formar pessoas. É preciso que os professores e que todos os demais servidores não se enxerguem como “profissionais”, mas como seres que têm uma missão no mundo, de esclarecer, semear a benevolência e promover a felicidade. Nesse caso, eles perceberão uma recompensa interna muito maior do que qualquer contrapartida financeira. O salário, por herético que isso possa soar, é um ornamento.

Se você, como professor, não perceber sua alegria e energia associadas à visão da evolução dos alunos, o processo de formação de pessoas inteiras (e não incompletas ou fragmentadas), é melhor repensar sua carreira.

Meu desejo, como professor e como religioso, é de que os professores se alegrem, que exerçam a compaixão e a equanimidade. Todos os alunos, por difíceis ou reclusos que sejam, merecem os mesmos cuidados, a mesma atenção. Todos, afinal, estamos em um lugar difícil – a vida não é fácil para ninguém, e fica mais penosa na medida em que nos deixamos enredar por sentimentos e percepções que encobrem nossa verdadeira e nobre natureza. Quando o professor estiver em meio ao mundo, ele deve ter em mente que sua principal característica é a generosidade.



HISTÓRIA DO GRUPO OPET





1968-1973: RETRATO DO JOVEM EMPREENDEDOR

A CULTURA é um processo permanente de sobrevivência. Que envolve a percepção dos problemas, a busca de soluções, o desenvolvimento de técnicas capazes de responder às demandas e a replicação desses conhecimentos. Pois é nesse processo, nessa busca incessante por respostas e por novos desafios, que está a origem do Grupo Educacional Opet.

Nascido em um momento complexo da história brasileira – o início dos anos setenta, quando o país se defrontava com o duplo desafio do desenvolvimento e da luta pela liberdade –, o Grupo Opet tem em sua essência a capacidade de se antecipar e propor soluções a partir da educação. Nas próximas páginas, você vai conhecer nossa trajetória: quarenta desafiadores e apaixonantes anos, que são apenas o início de nossa história!



Segunda metade dos anos sessenta. Mais uma vez, o Brasil, que nas décadas anteriores havia enfrentado revoltas localizadas, intentonas e um golpe de Estado, lidava com uma situação política difícil. Em uma época de polarização absoluta na política internacional, de episódios como a Guerra do Vietnã, a Revolução Cultural Chinesa e a Primavera de Praga, o país enfrentava seus próprios fantasmas. Caminhávamos para o período mais radical do governo militar, com o Ato Institucional N° 05, prisões, recrudescimento da censura e enfrentamento da chamada Guerrilha do Araguaia.

No campo econômico, os militares buscavam implantar um projeto de desenvolvimento acelerado, com base no crescimento rápido do Produto Interno Bruto (mesmo sem redistribuição da renda), em grandes obras públicas e no fortalecimento da máquina burocrática. Um projeto capaz, enfim, de aumentar a importância geopolítica do país e de atrair a simpatia da sociedade para o ideário “revolucionário”.

O chamado “**Milagre Brasileiro**”, que se estenderia até 1974 (ano da segunda fase da Crise do Petróleo, quando os países produtores aumentaram o preço do barril em 400%), namorava a possibilidade de fortalecer a indústria nacional sem, contudo, “render-se” aos interesses do capital internacional. As grandes cidades, cenário de enfrentamentos políticos e de coordenação dos esforços pela construção do “País do Futuro”, desempenhavam um papel central: ao mesmo tempo em que abrigavam uma nova e complexa máquina burocrática, recebiam milhões de pessoas expulsas do campo por razões econômicas.

Esse cenário foi o caldo de cultura para o nascimento de um sonho e de um projeto de educação pautado pelo desejo de superação.

Em Ponta Grossa, cidade localizada a cerca de cem quilômetros de Curitiba, nos chamados Campos Gerais, um estudante de pouco mais de vinte anos imaginava formas de sair de uma condição de vida difícil. Filho de um empregado do comércio, José Antonio Karam trabalhava desde os treze anos. Começou como funcionário de uma loja de aviamentos e costura, como auxiliar de escritório. Fez boa parte do curso ginásial à noite, assim como o “Científico” (atual Ensino Médio) e, como já tinha alguma experiência com números e administração, decidiu estudar Contabilidade.

No ensino superior, também em Ponta Grossa, cursou magistério na área de Matemática, com formação em Estatística. “Eu tinha esse gosto, essa proximidade, em relação aos números e às suas aplicações práticas. E, como a possibilidade de trabalhar como professor me agradava muito, acabei somando as coisas”, lembra Karam.

Ao mesmo tempo, apostava em sua veia empreendedora. “Sempre fui muito irrequieto, muito atento, e percebi que havia uma oportunidade ali. Ponta Grossa era uma cidade ao mesmo tempo pequena e cheia de possibilidades, com muitas coisas por fazer. E eu saí a campo.”

Suas primeiras atividades foram de compra e venda de artigos eletrônicos vindos junto com as últimas levas de imigrantes japoneses que chegaram ao país. Vivia-se, então, o salto de desenvolvimento do **Japão**, marcado por grandes investimentos em educação e pela produção de aparelhos eletrônicos miniaturizados e de alta qualidade.

Os brasileiros, é claro, eram apaixonados pelos novíssimos rádios portáteis transistorizados – “caixinhas” do tamanho de maços de cigarro ou tijolos, fáceis de levar para o trabalho ou para jogos de futebol –, e compravam todos os aparelhos adquiridos

Enquanto isso...

RODOVIA BR-230
AQUI COMEÇA A
TRANSAMAZÔNICA
CABEDELO - PB

Milagre Brasileiro

O “Milagre Brasileiro” foi uma tentativa de modernização do país a partir de obras de infraestrutura (como a Usina Hidroelétrica de Itaipu e a rodovia Transamazônica), fortalecimento da indústria e substituição de importações. O projeto teve sucesso entre 1968 e 1973 – não gratuitamente, nos chamados “Anos de Chumbo” –, quando o país crescia a taxas de 10% ao ano. O fim do “Milagre” foi acelerado pela Crise do Petróleo e pelo fim do apoio norte-americano às políticas anticomunistas na América Latina, no governo de Jimmy Carter.

A prosperidade japonesa

Praticamente destruído ao final da Segunda Guerra Mundial, o Japão se reorganizou graças a investimentos feitos pelos Estados Unidos e por ações administrativas de seu próprio governo. As injeções de recursos americanos, que também tinham como fim afastar o risco de sovietação do país, cresceram a partir de 1950, com a Guerra da Coreia. Escorados por uma educação de qualidade e por um notável espírito de resiliência, esses investimentos ajudaram o Japão a se tornar a segunda potência mundial nos anos noventa. Entre 1965 e 1980, o PIB japonês passou de US\$ 91 bilhões para US\$ 1,065 trilhão, um salto de mais de 1000%.

Lambreta

Também conhecidas como “motonetas”, “Vespas” ou “scooters”, as lambretas devem seu nome ao modelo “Lambretta”, lançado na Itália em 1947 pela fábrica Innocenti, dos projetistas Ferdinando Innocenti e Pierluigi Torre. Instalada no ano de 1955 no bairro da Lapa, em São Paulo, a Lambretta do Brasil S.A. – Indústrias Mecânicas foi a primeira indústria de veículos instalada no país, antes, mesmo, da Volkswagen (1959). Nas duas décadas seguintes, a produção chegaria a 50 mil unidades por ano. A “moda da lambreta” desapareceu nos início dos anos setenta, com a invasão do mercado brasileiro por motos das marcas Honda, Yamaha e Suzuki.



Créditos: Wiki Commons

por Karam junto a seus amigos japoneses. “Esses imigrantes eram pessoas muito decentes, muito trabalhadoras, com quem me identifiquei e de quem me aproximei com muita facilidade”, recorda Karam. Os rádios da marca Hitachi – e também relógios de pulso e parede da marca Seiko – eram vendidos rápido, uma verdadeira febre. “Comprava os aparelhos à vista e financiava a venda. A entrada era o valor que eu havia pago, acrescida de umas poucas prestações que eram o meu lucro.”

Como na época o calote era praticamente zero, Karam recebia em dia e, assim, fez um bom volume de dinheiro em relativamente pouco tempo. Com o pequeno patrimônio, comprou uma **lambreta**, coisa rara e extravagante para a época e para o lugar, e ampliou seu raio de ação para os municípios próximos de Castro, Piraí do Sul e Pitanga. E também montou um clube de aficionados pelas minimotos, trocou a lambreta velha por uma mais nova, andou muito pela região e celebrou a vida e as conquistas recentes como faziam os jovens de sua idade.

Em certo momento, sentiu que Ponta Grossa já não comportava seus planos. A cidade era pequena e tinha hábitos muito rígidos, o que dificultava a ascensão de pessoas que não pertenciam às famílias tradicionais. “A certa altura, percebi que não teria o espaço de que precisava e não pensei duas vezes: Curitiba, a grande cidade, a capital do Estado, era logo ali.”

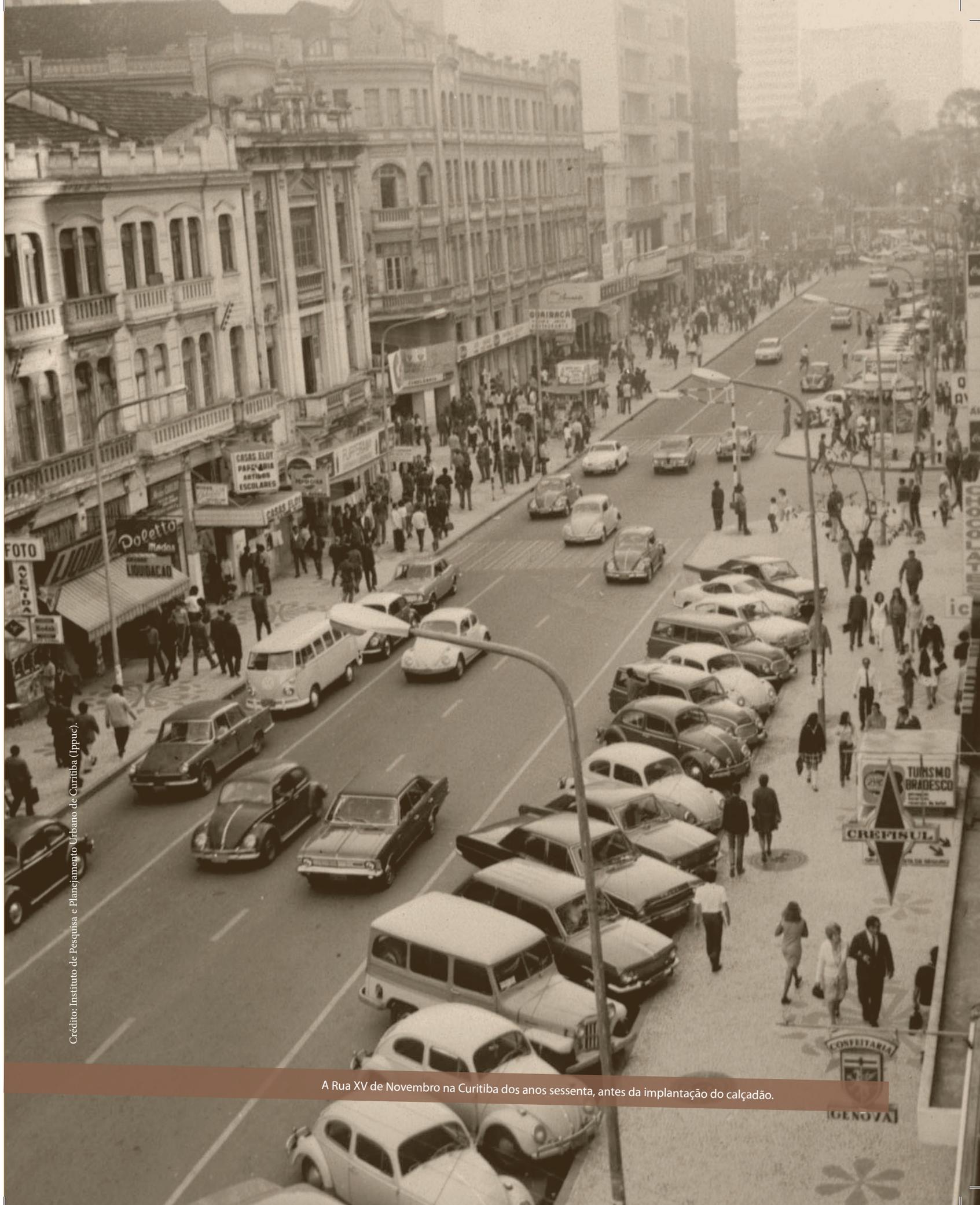
Em 1968, Curitiba possuía pouco mais de seiscentos mil habitantes, aproximadamente um terço de sua população atual. Quinze anos antes, o Paraná havia completado seu primeiro centenário – era um dos Estados mais jovens da União, com uma série de desafios, inclusive o de sua própria modernização. A capital, que desde a



passagem do século namorava a condição de “cidade grande”, com a primeira universidade do Brasil, parques, bondes e casas de inspiração *Belle Époque* (que colocaram abaixo a antiga arquitetura colonial portuguesa e lhe deram ares europeus), vivia uma revolução urbana. Um novo plano diretor previa a criação de parques lineares, setores de atividades específicas, eixos estruturais que conectariam grande parte dos bairros e um sistema de transporte coletivo que, nos anos setenta e oitenta, tornaria Curitiba conhecida em todo o mundo.

Com o governo militar e sua proposta de desenvolvimento acelerado, a capital passou a abrigar uma estrutura burocrática complexa. Em 1973, deu início ao projeto de seu distrito fabril, a Cidade Industrial de Curitiba (CIC), que em 1977 receberia suas primeiras grandes empresas, como a montadora sueca de caminhões Volvo, a alemã Siemens, do setor de telecomunicações, e a japonesa Furukawa, produtora de cabos metálicos e fibras óticas.

A cidade e o momento histórico formavam, portanto, uma configuração perfeita para investimentos e especialmente propícia para pessoas interessadas em empreender. E foi essa percepção que levou José Antonio Karam a fazer as malas rumo a Curitiba. “Eu já estava namorando minha atual e única esposa, Regina, com quem me casei em 1970, e percebi que era tempo de batalhar por algo diferente. Cheguei sem conhecer nada e nem ninguém, não sabia me locomover em uma cidade que nem era tão grande, mas que, para mim, parecia imensa”, lembra. Foi morar em uma pensão e, por cerca de três meses, trabalhou no posto de gasolina de uma transportadora. “Algum tempo depois, com três sócios tão jovens quanto eu, estudantes, abri uma empresa.”



Crédito: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc).

A Rua XV de Novembro na Curitiba dos anos sessenta, antes da implantação do calçadão.



O minúsculo empreendimento, que recebeu o nome de Organização Paranaense de Planejamento (ORPLAN), propunha-se a representar publicações como as revistas Manchete, Capricho e **O Cruzeiro**, angariando anúncios publicitários em todo o Paraná e em parte de Santa Catarina. A empresa foi bem por algum tempo, registrou crescimento por cerca de dois anos, mas, por falta de experiência da equipe – “por falta de competência, mesmo!”, ri Karam – acabou fechando. “Mas, com todos os compromissos honrados”, faz questão de frisar.

O fim do negócio produziu não só certa ansiedade (em 1971, o futuro fundador do Grupo Educacional Opet já estava casado e era pai), mas a percepção de uma oportunidade no campo do magistério. Karam começou trabalhando em dois colégios privados muito populares na cidade, o Rui Barbosa e o Dezenove de Dezembro, e depois deu aulas em colégios estaduais como o José Guimarães, na antiga Vila Hauer, e no **Colégio Estadual do Paraná**, no bairro Alto da Glória.

O Rui Barbosa e o Dezenove de Dezembro funcionavam no Centro da cidade, próximo à Praça Tiradentes e à Rua Quinze de Novembro, área que ainda hoje concentra intensa atividade bancária e de comércio popular, escritórios de advocacia, jornais e pontos de encontro como a **Boca Maldita**, a “Meca” dos interessados em conhecer ou participar dos meandros da política e dos negócios na cidade.

Em 1972, aliás, o então prefeito Jaime Lerner fechou a Quinze à circulação de automóveis e construiu a primeira grande via pública exclusiva para pedestres do Brasil, o calçadão da Rua das Flores (o nome resgatou a primeira denominação da via, usada entre os anos de 1850 e 1880, tendo sido “ressuscitado” pela prefeitura para reforçar o caráter humano do empreendimento).

O Cruzeiro

A revista “O Cruzeiro” foi a principal publicação semanal brasileira do século vinte. Fundada pelo escritor português Carlos Malheiro Dias em 1928, viveu seus dias de glória nos anos quarenta e cinquenta, com jornalistas como David Nasser e cartunistas como Péricles de Andrade Maranhão. Na época, sua tiragem chegou a 720 mil exemplares. A publicação entrou em crise nos anos sessenta, com o surgimento de outros títulos e a popularização da televisão. Circulou até 1975.

Crédito: Wiki Commons.



Colégio Estadual do Paraná

Fundado em 1846, o Colégio Estadual do Paraná é uma das mais importantes instituições públicas de ensino paranaenses. Entre os seus alunos ilustres estão o botânico Gert Hatschbach, os atores Ary Fontoura, Herson Capri, Luís Mello e Denise Stoklos, o advogado René Ariel Dotti, os arquitetos Rubens Meister e Abrão Assad, o físico César Lattes, os escritores Dalton Trevisan, Cristovão Tezza e Paulo Leminski, o historiador David Carneiro, os governadores José Richa, Jaime Lerner, Ney Braga e Roberto Requião, e o presidente da República Jânio Quadros. Atualmente, possui cerca de 4.700 alunos e quatrocentos funcionários.

Boca Maldita

Localizada na porção final do calçadão da Rua Quinze de Novembro, a Boca Maldita é um espaço informal formado por cafés, bancas de revistas, bancos de madeira, uma galeria (do Edifício Tijucas, uma das mais antigas de Curitiba) e um pequeno monumento. O nome, que surgiu espontaneamente no início dos anos sessenta, traduz o espírito democrático do local, marcado por discursos improvisados, conversas ao pé de ouvido, confidências, alianças políticas e “trocas de figurinhas”. Por lá circulam advogados, servidores públicos, jornalistas e políticos. Um pouco de História: no dia 12 de janeiro de 1984, a “Boca” inaugurou os comícios do movimento das “Diretas Já”; cinquenta mil pessoas estiveram no local.



“Na época, eu dava muitas aulas – pela manhã, à tarde e à noite. Era trabalho que não acabava mais”, lembra Karam, que dividia a atividade docente entre as disciplinas de Matemática, Estatística e Contabilidade. A certa altura, contudo, começou a perceber um estranho “esvaziamento” em sua grade horária no Colégio Estadual José Guimarães. Lá, ele trabalhava como suplementarista, enquadramento comum aos professores jovens não concursados, cujo contrato e atividades eram definidos pela direção das escolas.

Foi quando o diretor o chamou para dizer que ele não teria mais atividades no colégio. “Eu realmente não saberia precisar o porquê. Mas, cá para nós, tenho a impressão de que ele tinha um parente que estava se formando e que, por conta disso, precisava começar a trabalhar – e que pegou as minhas aulas!”, ri. “Só que, naquele momento, com vinte e quatro anos, eu estava casado havia um ano e já era pai. Foi um momento muito difícil, sem aulas, sem empresa e com pouco dinheiro.”

É preciso destacar o papel da esposa, Regina. “Ela é uma figura extraordinária”, emociona-se Karam. Os filhos – Adriana, Luciano e Daniele – chegaram na primeira metade dos anos setenta. As meninas viriam a ser figuras chave na gestão do Grupo. Luciano, por sua vez, tornou-se um empresário de sucesso no ramo da gastronomia.”

O nascimento da “Organização Paranaense de Ensinos Técnicos” (1973-1980)

O início do Grupo Opet

Mais uma vez, a pressão do momento acelerou o espírito empreendedor de José Antonio Karam. No prédio do Colégio Dezenove de Dezembro, um casarão em

arquitetura eclética construído na porção mais antiga da cidade, havia algumas salas sem uso, que foram cedidas pelo proprietário, o professor Ney Camargo de Souza. Pois foi ali, de forma humilde, que começou a história do Grupo Educacional: os primeiros alunos, as primeiras aulas ministradas “por conta própria”. Naquele momento, o empreendimento já tinha como sócio Luís Fabriciano Machado, primo de José Antonio Karam que, por vários anos, seria o responsável pela gestão.

O foco eram as práticas de escritório – contabilidade, recursos humanos e escrituração dos livros fiscais –, percebidas por Karam como pouco exploradas pelas instituições locais de ensino. “Muitas vezes, eu abria o caderno de classificados da **Gazeta do Povo** em busca de oportunidades e percebia o grande número de vagas abertas para profissionais com experiência nessas áreas. E notava, também, que essas vagas se acumulavam – o caderno tinha muitas páginas –, e que isso acontecia porque não havia um número suficiente de candidatos com experiência.”

No início, o trabalho nas salas do Colégio Dezenove de Dezembro foi sustentado quase exclusivamente pelos conhecimentos de Karam – a estrutura física era mínima. Em nome do sonho, o caso era, literalmente, de “pagar para trabalhar”. O ambiente de estudos, quase cenográfico, não possuía máquinas de escrever ou calculadoras mecânicas, e as poucas mesas haviam sido arrematadas de uma empresa recentemente encerrada. Assim, em seus primeiros dias, as aulas contaram com uma boa dose de teoria e de imaginação do professor e de seus alunos.

O reconhecimento veio com relativa rapidez, com um número cada vez maior de interessados. Os cursos eram livres, isto é, tinham curta duração e não estavam ligados à educação formal, o que garantia um fluxo pequeno, mas permanente, de matrículas.



O sucesso inicial levou à primeira mudança de endereço – a escola passou a ocupar uma casa na Rua Mateus Leme, situada entre o Centro e o Centro Cívico, bairro que concentra o Executivo municipal e estadual, a Assembleia Legislativa e parte do Poder Judiciário.

Foi preciso aumentar a quantidade de equipamentos, algo possível graças ao aluguel de máquinas de escrever junto a uma empresa que prestava serviços técnicos para a Rede Ferroviária Federal S/A. Como a Rede adquiria máquinas de tecnologia mais recente em grande quantidade, a empresa comprava as máquinas velhas, as recondia e alugava para escritórios de Curitiba.

Até então, por questões econômicas, a demanda da escola havia sido de apenas quatro aparelhos. “Eram peças antigas, dos modelos ‘Remington Ideal’ e ‘**Olivetti-Underwood**’, pesadas e feias. Máquinas que olhavam muito mais para o passado do que para o presente, mas que ficaram conosco por um bom tempo”, lembra Karam. A importância desses aparelhos foi tão grande que chegou a inspirar a primeira logomarca da empresa, que lembrava uma máquina de escrever. Elemento de memória: em 2013, um velho modelo Underwood, negro e sólido como uma rocha, decora a ante-sala do escritório de Karam nas instalações da Unidade Opet Bom Retiro – uma boa lembrança de tempos heróicos.

O investimento nas máquinas valeu a pena: na falta de computadores e bancos de dados eletrônicos, o domínio da datilografia era essencial para as atividades de escritório. Em Curitiba, aliás, começavam a surgir escolas específicas de datilografia e taquigrafia, como a Facit (nome associado à marca sueca Facit AB, de materiais de escritório), onde os candidatos eram ensinados a “teclar com todos os dedos, sem olhar para o teclado”.

Gazeta do Povo

Fundado em 1919 por Benjamin Lins e De Plácido e Silva, o jornal “Gazeta do Povo” é considerado o principal veículo de comunicação do Paraná. Adquirido em 1962 por Francisco Cunha Pereira e Edmundo Lemanski, deu início ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM), maior conglomerado de mídia do Estado do Paraná e um dos maiores do país.

Máquina Underwood guardada pelo Professor Karam como lembrança do início da Opet.

Olivetti-Underwood

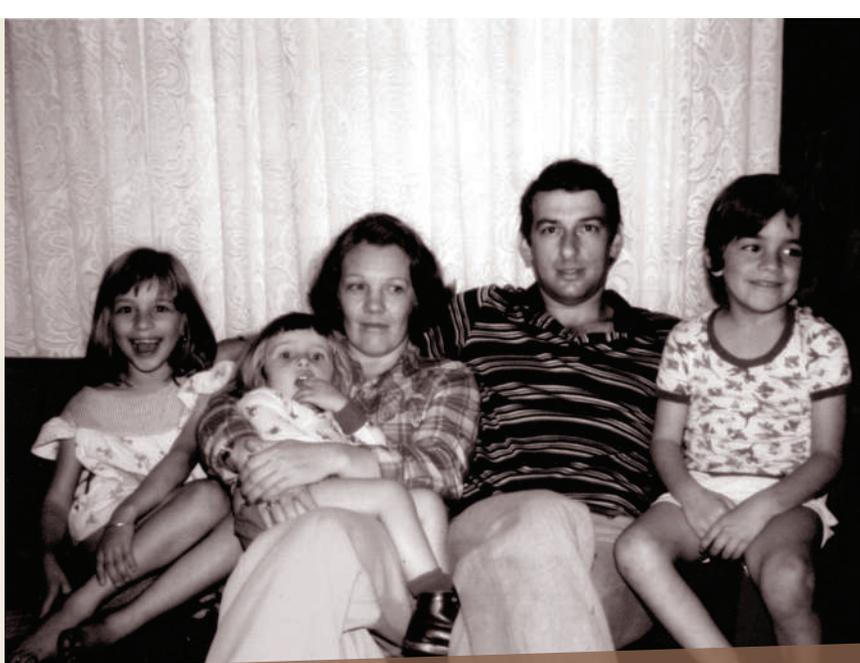
Famosas entre os anos mil novecentos e sessenta e oitenta, as máquinas Olivetti-Underwood marcam o apogeu – e o declínio – de uma tecnologia. Nascidas da fusão, nos anos cinquenta, entre as empresas Olivetti (fundada em 1908 em Turim) e Underwood (1874, Nova Iorque) estiveram presentes em escritórios de todo o mundo. Em 1939, por exemplo, a Underwood produziu cinco milhões de máquinas de escrever; nos anos cinquenta, a Olivetti produziu um dos primeiros computadores de uso corporativo, o Elea 9003.



Crédito: R. W. Apolloni.



Regina, José Antonio e a filha recém-nascida Adriana.



Créditos: Arquivo Familiar.

Adriana, Daniele e Dona Regina, Professor Karam e Luciano, em foto dos anos setenta.



Luís Fabriciano Machado e José Antonio Karam, sócios nos primeiros dias da Opet.



Crédito: R. W. Apolloni.

Casa Hoffmann, sede do antigo Colégio Dezenove de Dezembro. Atualmente, abriga o Centro de Estudos do Movimento, da Prefeitura de Curitiba.



Crédito: Arquivo Opet.

Aula de Contabilidade nos primeiros dias da Opet, no Colégio Dezenove de Dezembro.



Crédito: Arquivo Opet.

Sala de aula da Opet nos anos setenta. Desde o início, a procura pelo ensino técnico foi muito grande.



“Nosso preço era diferenciado em relação ao de escolas como a Facit”, explica Karam. “As mensalidades eram mais altas, mas nossa proposta abrangia uma gama maior de conteúdos, que contemplavam até habilidades de secretariado. Aprender a datilografar era importante, mas, para quem queria crescer, insuficiente; aplicar a datilografia às atividades de escritório era o mais importante.”

Um indício do momento de transformação da capital no início dos anos setenta está no surgimento de uma estrutura educacional mais dinâmica e informal: os antigos liceus passavam a compartilhar seu espaço com “terceirões” e cursinhos instalados em andares inteiros de prédios na região central de Curitiba. Instituições cujos professores eram mais próximos dos alunos – um deles, por exemplo, foi o poeta Paulo Leminski – e cujos livros didáticos trocavam a sisudez das capas duras por folhas mimeografadas e encadernação em espiral.

Essa configuração, aliás, seria responsável pela projeção de Curitiba no cenário nacional da educação nas décadas seguintes. Entre os empreendimentos surgidos no período estão o Grupo Educacional Positivo, que viria a se tornar um líder nacional na produção de computadores, e os cursos Camões e Dom Bosco, que, em seus primeiros dias, se especializaram na formação de candidatos para os exames vestibulares da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Nos cursos propostos por Karam – que, inicialmente, não estavam associados à educação formal, mas à formação profissional –, o ritmo de trabalho era intenso. Enquanto nas escolas padrão de datilografia e taquigrafia os alunos tinham uma hora de

aula por dia, nas salas da Mateus Leme a carga horária diária era três vezes maior. Os alunos podiam optar por aulas às segundas, quartas e sextas ou, se tivessem fôlego, por uma prática intensiva de segunda a sexta-feira – quinze horas semanais, que, nos primeiros tempos, tinham como únicos docentes o fundador do Grupo Opet e sua esposa, Regina.

Na época, a empresa teve o apoio de um terceiro sócio, o contador Moisés Araújo. “O fluxo de alunos já era grande e eu precisava desesperadamente de pessoas com quem compartilhar as aulas. O Moisés foi uma delas e, enquanto permaneceu, desempenhou seu trabalho com muita competência.”

O sistema de cursos livres com duração média de três meses foi um grande sucesso – tanto que, algum tempo depois, a Opet precisou se mudar para instalações maiores, no Edifício Maringá, um conhecido imóvel da área central de Curitiba. No dia 14 de janeiro de 1974, com menos de um ano de existência (e, por conta da demanda, em seu terceiro endereço), a Opet promoveu sua primeira “grande” ação publicitária – um pequeno anúncio no caderno de empregos da Gazeta do Povo.

Recém-chegada à empresa, a atual superintendente do Grupo Opet e diretora geral da Editora Opet, Cristina Swiatovski, lembra das dificuldades de logística. “Eu era adolescente e, no começo, trabalhava em regime de meio expediente. E era uma espécie de ‘faz-tudo’ da empresa. Quando era preciso fazer ligações telefônicas, por exemplo, eu ia até uma farmácia próxima e apelava para o orelhão. Nós não tínhamos nem telefone!”, ri. Na época, vale observar, linhas telefônicas custavam muito caro – tanto que eram deixadas como bens de herança.



Crédito: Arquivo Opet.

Pouco depois de aberta, a escola atraiu um grande número de alunos. A imagem é de uma das turmas da primeira metade dos anos setenta.

Em algum tempo, o “parque de máquinas de escrever Opet” cresceu exponencialmente, e as peças deixaram de ser alugadas. “Quando pudemos comprar nossas primeiras máquinas – três, a prestação –, fizemos uma festa”, lembra Karam.

Foi quando a Opet firmou sua primeira grande parceria, com o antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), para a recolocação profissional de pessoas acidentadas. Elas eram encaminhadas para a escola e, de acordo com sua situação, recebiam treinamento específico e, muitas vezes, individualizado. E voltavam a trabalhar. “Esse era um trabalho importante, de alcance social, e permitiu aumentar nossa relação com as empresas. Elas passaram a nos procurar em busca de cursos específicos para as suas demandas”, explica Cristina Swiatovski.

No final dos anos setenta, as máquinas de escrever eram compradas em lotes de trinta ou quarenta. Foi preciso, então, mudar novamente de sede, para um prédio na Praça Tiradentes, muito próximo do endereço anterior. A mudança aconteceu em 1977. Os cerca de 350 metros quadrados da “Organização Paranaense de Ensinos Técnicos” reservados à datilografia concentravam o maior conjunto de máquinas dedicado à educação no Paraná. Tanto, que a maior parte dos concursos e avaliações realizados por empresas e órgãos públicos acontecia lá. A atenção aos candidatos a datilógrafo era grande, mas a proposta de ensino – regra de ouro Opet – ia mais longe.

Na Tiradentes, conta Cristina, se consolidou o modelo de gestão que, nas décadas seguintes, ia garantir o sucesso da empresa. “O controle das matrículas era feito de forma muito cuidadosa, com a identificação de como os alunos haviam chegado até a escola – se a partir dos anúncios, de contato telefônico ou pela indicação de amigos que já conheciam a Opet. Também havia muito cuidado em relação à evasão e aos



movimentos e demandas do mercado.” Na falta de computadores, a gestão era feita por meio de fichas coloridas – um sistema arcaico, mas sofisticado.

As aulas tinham por base o dia a dia do trabalho. Os alunos recebiam as primeiras noções das práticas de escritório e, pouco depois, montavam empresas fictícias em que vivenciavam as principais situações do mundo real, das mais simples às mais complexas. A burocracia, vale lembrar, ganhou força durante a fase desenvolvimentista do governo militar, e isso pedia conhecimentos bastante específicos da linguagem oficial e dos trâmites.

Cada estudante assumia um papel: nas aulas de gestão de pessoal, por exemplo, dividiam tarefas como as de admitir funcionários, registrá-los, indicar funções e até fazer o encaminhamento técnico de casos envolvendo acidentes de trabalho ou doenças. Os procedimentos eram aprendidos assim, “em ação”, e as dúvidas eram sanadas rapidamente – quando chegavam às empresas ou aos órgãos públicos, portanto, a perplexidade diante dos problemas era muito menor. A colocação dos alunos formados no mercado de trabalho era grande, eles chegavam mais preparados para as funções, o que atraiu ainda mais a atenção das próprias empresas: a formação oferecida pela Opet era um diferencial.

A primeira escola de informática de Curitiba (1980-1985)

Chegam os computadores

No início dos anos oitenta, o mundo “namorava” com a possibilidade de integrar os computadores ao dia a dia das empresas e das pessoas. A teoria e a tecnologia, desenvolvidas por pensadores como Charles Babbage, John Von Neuman e Alan Turing,

ganhava corpo nos “**mainframes**”, máquinas enormes cuja capacidade de processamento seria considerada ridícula em nossos dias, mas que fez enorme diferença para o desenvolvimento da humanidade. Pouco tempo antes (em 1975), aliás, dois estudantes americanos, Bill Gates e Paul Allen, haviam fundado a Microsoft em uma garagem em Albuquerque, Novo México.

No Brasil, os governantes militares buscavam incorporar a tecnologia ao seu projeto desenvolvimentista, algo que passava pelo fechamento do mercado a importações (consideradas muito caras) e por tentativas “estratégicas” de produção local por empresas como a Cobra Computadores e Sistemas Brasileiros Ltda. Em Curitiba, o poder público e as empresas faziam esforços para implantar setores de processamento eletrônico de dados. Esforços, na verdade, hercúleos: quando as dificuldades associadas ao preço dos computadores eram superadas, restava um profundo desconhecimento a respeito da operação das máquinas e de sua inserção no ambiente corporativo.

“Eu me lembro de que, na época, uma grande empresa de Curitiba comprou computadores para redimensionar todo um setor administrativo. As máquinas, vale lembrar, eram vistas como ‘esquisitas’, coisa de ficção científica. Pois os diretores queriam substituir uma equipe de cerca de quarenta pessoas por outra, bem mais enxuta. Acontece que, por conta da inexperiência, o trabalho acabou sendo executado por uma equipe ainda maior, o que gerou sérios problemas”, conta Karam.

Antes mesmo de iniciar as aulas de informática, a Opet já tinha contato com o mundo dos computadores, na formação de especialistas para empresas como os bancos Bamerindus (atual HSBC) e Banestado (instituição estatal paranaense absorvida pelo Itaú no ano 2000). O enfoque era o do treinamento em Organização, Sistemas e Métodos

AUXILIARES DE ESCRITÓRIO

Se você pretende trabalhar em um escritório ou pretende aprofundar seus conhecimentos, para melhorar o seu nível salarial, PROCURE-NOS NESTE MOMENTO onde você irá aprender os diversos serviços de um escritório (estoque, faturamento, livros fiscais, Kardex, seção pessoal, guias de INPS, PIS, FGTS, ICM, IPL, DACTILOGRAFIA etc.), utilizando-se de moderno e variado equipamento, idêntico aqueles que você irá encontrar em seu futuro emprego. Aqueles que obtiverem aproveitamento durante o curso serão encaminhados por nosso intermédio às firmas solicitantes.

HORARIO: — CEDO-TARDE-NOITE

INFORMAÇÕES:

ORGANIZAÇÃO PARANAENSE DE ENSINOS TÉCNICOS LTDA.
 Rua Cândido Lopes, 146 — 3º andar —
 Em frente à Biblioteca Pública do Paraná.

Crédito: Arquivo Biblioteca Pública do Paraná.



Créditos: Arquivo Opet.

A superintendente Cristina Swiatovski nos primeiros anos do Grupo Opet.



Opet na Praça Tiradentes, no Centro de Curitiba.

(OSM), que permitia às corporações implantar e gerenciar o processamento de dados. As capacitações eram ministradas por profissionais do próprio mercado, contratados como professores.

A instituição de ensino percebeu a demanda e buscou se antecipar às outras escolas. Isso pedia um investimento inicial significativo, e acabou até gerando uma “lenda” em relação aos primeiros dias do Grupo Educacional Opet: a de que o capital inicial teria nascido da venda de um carro. Na verdade, houve, realmente, um carro, adquirido por José Antonio Karam por meio de consórcio e “sacrificado” para a compra dos primeiros computadores. Naquela época, como já observado, os computadores eram caríssimos, e a venda do automóvel permitiu comprar... três máquinas!

Os aparelhos eram do tipo “**Prológica CP-500**” e seguiam uma tendência que, algum tempo depois, seria abandonada: eles integravam todos os componentes, tela, teclado e CPU, em um único módulo. Ou seja, quando uma das partes pifava, toda a operação ficava comprometida por um bom tempo. Os primeiros computadores da Opet eram menores do que os *mainframes* e apontavam para o futuro da portabilidade. As telas eram pretas, com letras verdes (as chamadas “telas de fósforo verde”) ou, então, brancas com letras pretas.

A compra das máquinas, porém, não foi feita com base apenas em uma visão genérica do mercado e suas tendências. Como a Opet prestava serviços para várias empresas – ou seja, mantinha contato direto com gestores e operadores de dados –, detectou uma demanda da Telepar, empresa estatal da área de telecomunicações que operava no Paraná e que planejava desenvolver localmente tecnologias de computação. E travou conversações para oferecer treinamento.



Na escola, a instalação dos computadores foi feita em grande estilo. “Eles foram colocados em uma sala linda, acarpetada, com cortinas caprichadas e quadro branco, para impressionar, mesmo”, lembra Karam. “Comparada com a tecnologia atual, a daquela época era muito frágil. Os aparelhos não tinham *drive* e nem espaço para aqueles disquetes grandes e moles que vieram depois. Os dados eram gravados em fita cassete, em gravadores de mesa especialmente regulados, e a operação demorava uma eternidade. Era um trabalho horrível”, ri.

E o que era ensinado? Antes do surgimento de sistemas operacionais como interface gráfica, como Windows, Linux e Macintosh OS, os conhecimentos se detinham em programação “pesada”, desenvolvida em linguagem de programação **COBOL**, uma das mais antigas e longevas, e, algum tempo depois, em linguagens e programas como Basic, editores de texto e de planilhas. Não havia, por certo, *softwares* como os que conhecemos atualmente, de operação rápida e intuitiva. Nem instruções em português: por conta disso, também eram oferecidas aulas de inglês técnico instrumental, necessário para a compreensão dos manuais de programação.

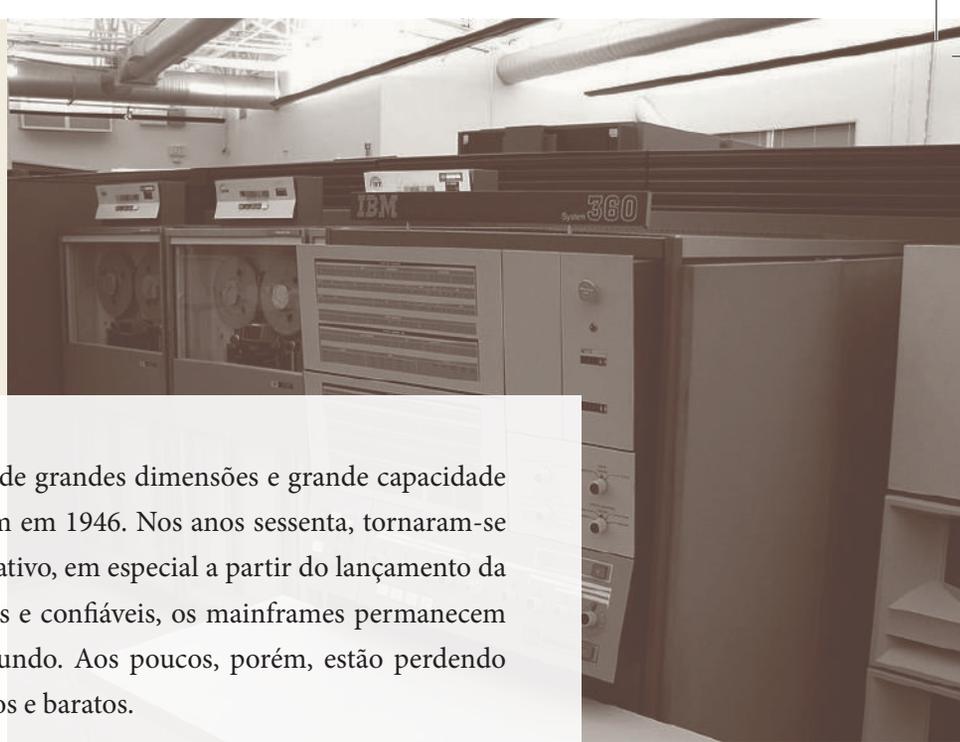
Em algum tempo, o mercado começou a “driblar” as restrições impostas à produção e comercialização de computadores. Pessoas e empresas passaram a buscar máquinas mais avançadas em outras fontes, em especial, o Paraguai. “Por uma questão de sobrevivência de nossos cursos de informática, precisávamos acompanhar essa tendência, que ajudou a abrir o mercado. Só assim, aliás, o País conseguiu avançar em relação a um setor estratégico”, recorda Karam.

Por conta disso, a Opet foi a primeira escola de Curitiba a incorporar discos rígidos de memória, os “winchesters”, a seus computadores. Eles tinham capacidade de

Enquanto isso...

Mainframe

Os primeiros computadores de fato, de grandes dimensões e grande capacidade de processamento de dados, surgiram em 1946. Nos anos sessenta, tornaram-se muito populares no ambiente corporativo, em especial a partir do lançamento da série System/360, pela IBM. Versáteis e confiáveis, os mainframes permanecem ativos em corporações de todo o mundo. Aos poucos, porém, estão perdendo espaço para servidores mais modernos e baratos.



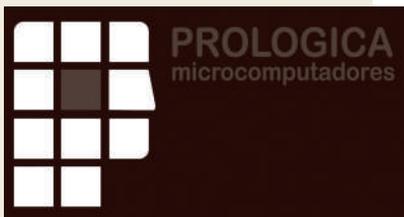
Crédito: Wikimedia Commons.

IBM System 360, lançada em 1964.

Prológica CP-500

Fundada em São Paulo no ano de 1976, a Prológica Indústria e Comércio de Computadores Ltda. foi uma das mais importantes empresas de informática do Brasil. Seus computadores, dentre os quais se destacam os da linha “CP” (200 a 500), atenderam a grande parte da demanda empresarial e doméstica por computadores. Em meados dos anos oitenta, a Prológica chegou a ser a terceira maior do país no segmento de informática. Suas principais concorrentes eram as empresas Cobra, Scopus, Edisa, Elebra, SID, Microtec, Itaotec e Microsiga.

Arte: R. W. Apolloni.



COBOL

A linguagem de programação COBOL – *Common Business Oriented Language* – foi desenvolvida em 1959 a partir dos esforços da analista de sistemas da Marinha Americana Grace Murray Hopper (1906 – 1992). Hopper – mais tarde, promovida ao posto de almirante – também foi a responsável pela incorporação do termo *bug* (“inseto”) ao jargão da informática: em 1947, ao tentar resolver um problema em um computador, descobriu um inseto colado a um relê, o que comprometia toda a programação!



armazenamento de cinco megabytes, duzentas mil vezes menor que a dos discos rígidos comuns em nossos dias. A gestão da escola também era feita por meio da informática aplicada: todos os dados contábeis produzidos em papel eram gravados no computador, operação diária que levava cerca de quatro horas.

A necessidade gerada pelos cursos de informática, como observado, produziu uma demanda específica em relação ao ensino do inglês. Nos anos oitenta, Curitiba já possuía várias escolas tradicionais, como a Cultura Inglesa, o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, o Fisk e o Cebel.

“Precisávamos abrir espaço com uma proposta que atendesse à demanda pelo inglês instrumental e, ao mesmo tempo, despertasse a atenção do público pela relação com a modernidade”, lembra Karam. A solução chegou depois de uma negociação com uma das principais escolas de inglês no país naquele momento, o Yázigi. Fundada em 1950 na cidade de São Paulo, a instituição foi uma das primeiras franquias educacionais do país e, hoje, atende a cerca de 180 mil alunos por ano.

“Fomos até lá para uma reunião e retornamos a Curitiba como franqueadores máster para toda a região”, conta Karam. A parceria foi um sucesso: em algum tempo, o Yázigi de Curitiba atendia cerca de mil alunos. Como a Opet também oferecia curso de secretariado, o cruzamento das disciplinas deu origem a um curso de secretariado bilíngue que, por conta da instalação de multinacionais na cidade, teve grande procura.

Em alguns anos, porém, o tipo de inglês desejado pela Opet levou ao fim da parceria. A perspectiva era de cursos voltados de forma mais direta aos conhecimentos técnicos e às demandas das multinacionais sediadas em Curitiba. De aulas, enfim,

adaptáveis às exigências de cada aluno e do mercado. E, assim, a instituição passou a desenvolver e gerenciar as próprias aulas de inglês. Isso aconteceu na mesma época em que o Grupo deu um de seus passos mais importantes, ao deixar o universo da formação técnica e abraçar a educação de modelo clássico.

O início, em grande estilo, do ensino regular (1985-1990)

Na época, a principal concorrente no segmento de ensino de informática era a Sociedade Paranaense de Ensino e Informática – SPEI, fundada em 1983 e que permaneceu no mercado de Curitiba. “Foi um período difícil. A concorrência era boa, mas conseguimos nos manter e crescer.” Em 1985, a Opet lançou seus primeiros cursos médios técnicos (na área de informática) autorizados pela Secretaria de Estado da Educação: estava superada a etapa de exclusividade dos cursos livres.

“Tivemos muito, mas muito sucesso, mesmo. Quase não vencíamos a demanda e, em algum tempo, isso gerou um problema de logística”, conta Karam. No primeiro momento, os novos cursos foram instalados em um imóvel localizado em uma das quadras finais da Rua Doutor Muricy, no Centro de Curitiba.

Em pouco tempo, o número de alunos chegou a 2.500. As turmas de ingresso eram de 420 alunos, um sucesso estrondoso, e o espaço da Muricy ficou pequeno. As turmas do terceiro ano do Ensino Médio foram transferidas, então, para a **Praça Rui Barbosa**, também no Centro, para um pavilhão na sobreloja da casa de ferragens da família Senff, um das mais tradicionais da cidade.



Em 1990, a instituição deu um passo fundamental: assumiu um grande imóvel localizado na Avenida Iguaçu, no bairro Rebouças, onde até hoje mantém seu Ensino Médio. No local, conta Karam, já funcionava uma instituição educacional, o Colégio Nova Era (antigo Colégio Americano), que oferecia Ensino Fundamental. Na época, não vivia um de seus melhores momentos, com poucos alunos e instalações inadequadas.

Como a localização, porém, era excelente – próximo do Centro, em uma região com boa infraestrutura de transporte coletivo, circulação facilitada e proximidade em relação ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (o antigo CEFET-PR, atual **UTFPR**), o investimento foi realizado.

A área acabou sendo alugada e as instalações quase totalmente reconstruídas. Um período crítico, talvez o mais difícil do Grupo Opet. As obras foram gerenciadas pelo próprio Karam, que também fez os cálculos estruturais das novas salas de aula, construídas ao redor do edifício-sede da antiga escola. “Em seis meses, estávamos com alunos em classe. Foi uma dureza, mas valeu a pena.”

Cristina Swiatovski observa que, por conta do desafio de convencer pessoas a matriculem seus filhos em uma escola que estava literalmente em obras, foi necessário profissionalizar o marketing. Ela assumiu a missão e teve tanto sucesso que, por muitos anos, foi a responsável pela coordenação de todas as ações de marketing do Grupo. Em algum tempo, o crescimento do número de matrículas gerou a necessidade de uma ampliação, que foi possível graças à incorporação de um terreno vizinho.

O momento histórico do Brasil, vale lembrar, também não era dos mais tranquilos: com redemocratização, em 1989, o país elegeu Fernando Collor de Mello, que lançou um plano econômico desastroso, caracterizado pelo confisco da poupança, mudança de

UTFPR

Primeira universidade federal tecnológica do país, a UTFPR nasceu em 1910 como escola voltada à formação de jovens artífices e aprendizes em atividades de alfaiataria, sapataria, marcenaria e serralheria. Na época, a idade mínima de ingresso era de dez anos, a máxima, de treze. Ao longo do século XX, a instituição teve outras denominações: Liceu Industrial do Paraná (1937), Escola Técnica de Curitiba (1942), Escola Técnica Federal do Paraná (1959) e Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (1978). Por sua trajetória – por décadas, foi considerada a melhor instituição federal de ensino técnico do país –, acabou elevada à condição de universidade tecnológica federal em 2005. Em 2013, possui 109 cursos de formação em nível médio e superior, noventa cursos de especialização, 26 mestrados, cinco doutorados e centenas de grupos de pesquisa.



Crédito: Wiki Commons.

Praça Rui Barbosa

Referida em documentos do século XIX como “Campo do Olho D’Água dos Sapos”, a Praça Rui Barbosa esteve no centro das transformações urbanas de Curitiba nos últimos 150 anos. Em 1876, mereceu a atenção do engenheiro Antônio Pereira Rebouças Filho (um dos mais importantes do país, irmão do abolicionista André Rebouças), que a transformou na principal área de captação de água da cidade. Em 1880, o imperador Dom Pedro II inaugurou no local a Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, que por muito tempo foi o único hospital da cidade. Oficialmente transformada em praça no ano de 1913, ganhou seu nome atual na década de vinte. Nos anos setenta, foi convertida no maior terminal de Curitiba – hoje, abriga os pontos de mais de quarenta linhas de ônibus e um grande mercado público.



moeda e congelamento de preços e salários. Em 1990, o país extinguiu 920 mil postos de trabalho e a inflação chegou a um nível estratosférico. Em 1992, comprometido por uma série de denúncias de corrupção, Collor renunciou.

Além de transferir o Ensino Médio técnico para a Avenida Iguaçu, a Opet manteve o atendimento da Educação Infantil e Fundamental. “Her damos as turmas do Nova Era e, como já tínhamos experiência em educação regular, decidimos investir. Em pouco tempo, as coisas voltaram aos trilhos e essas duas etapas da educação, que antes eram deficitárias, ganharam muita força”, conta Karam.

A Editora Opet (1993)

Em 1993, Curitiba já havia se consolidado como pólo regional de empresas do setor educacional. Um cenário de colégios, cursos supletivos e cursinhos que buscavam se diferenciar no valor das mensalidades, na flexibilidade de horários e na qualidade do material didático. Os antigos **mimeógrafos**, que haviam produzido muitas das apostilas espiraladas utilizadas pelos colégios, começavam a ser aposentados e substituídos por equipamentos mais sofisticados.

Ao longo dos anos, por conta de seu direcionamento ao ensino técnico, a Opet precisou desenvolver materiais didáticos próprios, o que lhe conferiu competência no campo editorial; com a incorporação do colégio e a criação dos cursos médios técnicos, essa demanda ficou ainda maior. A situação se tornou ainda mais urgente com o encerramento de um contrato que o colégio mantinha com o Grupo Educacional Barddal (uma instituição tradicional na cidade) para o fornecimento de apostilas para o

ensino regular. “Não sei bem por que isso aconteceu, talvez por conta da própria concorrência, que era muito forte”, observa Karam.

Foi o que determinou o investimento em uma editora, que começou em uma sala minúscula no próprio colégio e com uma impressora da marca Multilith, que produzia materiais em preto e branco, uma folha de cada vez. Cores, aliás, só eram obtidas graças ao artifício de substituir o papel branco por folhas amarelas ou azuis, estratégia que permitia diferenciar as apostilas de diferentes disciplinas e conferir “peso estético” ao material.

O crescimento da demanda fez com que a empresa investisse ainda mais na Editora. As antigas instalações foram substituídas por outras, um pouco maiores (de cerca de cento e cinquenta metros quadrados, uma medida minúscula para um parque gráfico), situadas na Rua Baltazar Carrasco dos Reis, também no Rebouças. “Foi a partir daí que surgiu o embrião do Sistema de Ensino Opet. Produzíamos materiais didáticos para o Ensino Fundamental, e isso despertou o interesse de escolas, que começaram a nos procurar”, conta Cristina Swiatovski. A administração da Editora e de todo o Grupo foi concentrada no mesmo endereço, em um espaço de cerca de duzentos metros quadrados.

Com a expansão de suas atividades, a Editora mudou de sede por mais três vezes: primeiro, para instalações no Colégio Lins de Vasconcelos, no Bom Retiro, em seguida para uma casa na Rua Alberto Folloni, no bairro do Ahú, e, por fim, para instalações maiores na Rua Desembargador Hugo Simas, no Jardim Schaffer. Em 2010, o parque gráfico Opet, que funcionava no Bom Retiro, foi transferido para o município vizinho de Pinhais – em 2014, ele será instalado em uma planta industrial própria, em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba.

Mimeógrafo

Inventado e patenteado por Thomas Edison em 1887, o mimeógrafo (do grego “mimeo”, imitar, e “graphos”, escrita) foi a primeira máquina desenvolvida para reproduzir em grande escala textos manuscritos e datilografados. Seu funcionamento se baseia na utilização de estênceis e de álcool, que dissolve a tinta aplicada sobre o papel. Até a popularização das copiadoras e das impressoras domésticas, nas últimas décadas do século XX, foram largamente utilizados por escolas para a produção de apostilas e folhas de prova. Pessoas que utilizaram materiais mimeografados certamente se recordam dos textos em lilás e do cheiro de álcool, em especial das folhas de prova.

Créditos: Federação Espírita do Paraná.

Aula inaugural de 1972. A figura em destaque é o Professor Ney Lobo, diretor da instituição à época.



Lins de Vasconcelos

Natural de Teixeira, município situado no sertão paraibano, Artur Lins de Vasconcelos Lopes (1891 – 1952) é um nome importante do Espiritismo brasileiro. Em sua juventude, foi tropeiro, agricultor e caixeiro viajante. Com pouco mais de vinte anos, mudou-se para Curitiba, onde veio a se tornar uma figura conhecida no meio intelectual. Naquele momento, de consolidação da Universidade do Paraná (onde se formou engenheiro agrônomo), participou ativamente dos debates que confrontavam pensadores religiosos e laicos em relação à condição secular do Estado. Pelos jornais e em manifestações públicas, católicos, positivistas, neopitagóricos, espíritas e teosofistas defendiam suas opiniões com veemência – o momento, aliás, é um dos mais vibrantes da história intelectual curitibana.



Como presidente da Federação Espírita do Paraná (FEP), Lins de Vasconcelos participou de iniciativas que reforçaram o papel dos kardecistas nas áreas de assistência social, saúde e educação. Empresário de sucesso do setor madeireiro, financiou as obras do Hospital Espírita do Bom Retiro, em Curitiba, e outras iniciativas sociais em várias partes do país.

Artur Lins de Vasconcelos Lopes.

A produção de materiais próprios, em especial no caso dos utilizados no ensino técnico, esteve diretamente ligado à criação do Opet Work, serviço educacional concebido, inicialmente, como uma franquia de ensino técnico. Sua base eram as antigas instalações da Praça Tiradentes, com unidades nos bairros. A ideia, explica Karam, era expandir os cursos dentro de Curitiba, avançar para a região metropolitana e, com o tempo, levar as atividades ao resto do Estado e até para Santa Catarina.

“A proposta era muito ambiciosa, muito interessante. Reunimos muita gente boa para fazer a coisa acontecer”, conta. Em algum tempo, porém, diferenças de perspectiva entre os sócios acabaram comprometendo e atrasando o projeto. A gestão foi dividida – Luís Fabriciano Machado ficou com a gestão da Opet Work – e, algum tempo depois, a sociedade foi desfeita. Em 2012, Karam adquiriu a marca junto ao antigo sócio e o projeto Opet Work foi retomado.

A aquisição do Lins de Vasconcelos e o início dos cursos superiores (1998/99)

A experiência adquirida na unidade Rebouças e a consolidação da Editora foram estratégicas para a expansão do Grupo, que, em janeiro de 1999, assumiu uma das instituições de ensino mais tradicionais de Curitiba à época, o Colégio **Lins de Vasconcelos**.

Desde o início, lembra Cristina, o trabalho com o Lins de Vasconcelos foi tremendamente desafiador, a começar pela apresentação da proposta de aquisição feita à Federação Espírita do Paraná, em 1998. “Tomamos conhecimento da situação do Lins, entramos em contato com a mantenedora e programamos a apresentação de uma proposta



Colégio Opet Rebouças nos anos noventa.

Crédito: Arquivo Opet.



Sede dos cursos técnicos Opet na Rua Doutor Muricy, anos oitenta



Obras de uma das salas de aula no Colégio Opet Rebouças, em 1989.



Fachada do Colégio Opet Rebouças nos anos noventa.



de negócios. A proposta, aliás, foi concluída em um dia de jogo da Copa do Mundo da França. Enquanto a cidade estava vendo tevê, nós estávamos arrematando a apresentação que seria feita horas mais tarde!”, lembra Cristina.

Acertada a transferência, foi preciso fazer um trabalho intenso com os pais dos alunos do colégio. As crianças tinham entrado em férias como alunas do Lins e, quando voltaram, eram alunas Opet. “Muitos pais desconfiaram da mudança e tiraram os filhos do colégio – na passagem do semestre, o número de matriculados caiu de 850 para 500, uma situação muito complicada”, conta Cristina. Como forma de aproximação, o departamento de marketing enviou uma fita VHS com a apresentação do Grupo Opet para cada família. O histórico e a qualidade Opet falaram mais alto e, em pouco tempo, o Colégio Opet Bom Retiro tornou-se um sucesso.

Em janeiro de 1999 foi dado outro passo gigantesco: o início das atividades do ensino superior, nas instalações do Bom Retiro. Os primeiros cursos, de Administração e Publicidade & Propaganda, foram implantados ao mesmo tempo, e tiveram boa procura. Cristina lembra o papel desses cursos, à época, para a sustentação da estrutura do colégio. “Foi um momento crítico por conta dos fatores envolvidos, da nossa chegada ao Lins ao receio que muitos pais de alunos manifestaram em relação a compartilhar o espaço com estudantes adultos. Felizmente, esse momento passou rápido, e pudemos demonstrar, também aí, a qualidade do trabalho.”

Em seguida vieram os cursos de tecnologia, implantados no Centro Tecnológico Opet que foi construído na unidade Rebouças. Naquele momento, a sociedade via a formação de tecnólogos com certa desconfiança por conta do tempo de formação, mais curto que o do ensino superior nos moldes tradicionais.

A experiência histórica da Opet com uma formação técnica de alta qualidade e em regime de tempo diferenciado, contudo, falou mais alto, e os cursos começaram a ser muito requisitados. Hoje, a formação de tecnólogos é muito procurada, em especial por conta do alto grau de empregabilidade. “Em pouco tempo, as empresas de Curitiba reconheceram o valor dos cursos de tecnologia ofertados pela Opet, que já trabalhavam com a avaliação por competências”, observa José Antonio Karam. “Foi uma reafirmação de nossa proposta inicial, de oferecer uma formação técnica de alta qualidade e conectada às exigências do mercado.”

Outro momento importante do ensino superior foi a implantação do curso de Direito, autorizado pelo MEC em 2005. Na avaliação de Cristina Swiatovski, a chegada do Direito à instituição demonstrou a solidez institucional da Opet. Hoje, o curso é reconhecido por sua qualidade e, a cada ano, atrai um número maior de candidatos.

A boa relação entre todos os elementos que formam a estrutura do Grupo Educacional Opet, estima Cristina, permitiu a expansão do número de cursos de graduação, o início das atividades de pós-graduação e uma aproximação cada vez maior com instituições, empresas e sociedade. Atualmente, a formação superior Opet é vista como opção de qualidade por muitos curitibanos e também por habitantes dos 29 municípios da Região Metropolitana de Curitiba – não é raro ver, nos estacionamentos e ruas próximas dos *Campi* Opet, vans que transportam alunos de municípios como Araucária e Lapa.



Crédito: Arquivo Opet.

Colégio Opet Bom Retiro.



Sedes da Editora Opet nas ruas Alberto Folini (2001) e Desembargador Hugo Simas (2013).

Créditos: Arquivo Opet e R. W. Apolloni.



Alunos da Opet Work em ação.

Edifício sede da Opet Work, no bairro Rebuças.



Créditos: Arquivo Opet.



Educação relevante: o investimento Opet para os próximos 40 anos

No ano de 2013, quem entra na sede Centro/Rebouças do Grupo Educacional Opet pode ser surpreendido pelas atividades de um laboratório situado junto ao corredor de acesso da Avenida Presidente Getulio Vargas. Em determinados horários, é possível acompanhar pela vidraça o corre-corre de estudantes impecavelmente uniformizados, o olhar atento dos professores e um intenso processo de aprendizado e formação profissional. É possível testemunhar, enfim, uma das aulas práticas da especialização em Gastronomia, realizadas na cozinha industrial construída pelo Grupo Opet em parceria com a Electrolux, empresa líder mundial na produção de eletrodomésticos.

O curso de Gastronomia é um exemplo de como, ao longo de quarenta anos, a Opet construiu seu paradigma: focada na educação relevante, nas perspectivas do mercado, no contato com empresas e, principalmente, na formação humana.

Hoje, o trabalho do Grupo Educacional Opet abrange da Educação Infantil à Pós-Graduação, dentro e fora dos limites físicos da instituição. Com o Sistema de Ensino Opet são atendidos oito mil professores e 120 mil alunos de redes municipais de ensino e de escolas particulares de todo o país. A Coleção Cidadania, núcleo do Sistema de Ensino, foi desenvolvida pela Editora Opet a partir do trabalho pedagógico da Cidade Mirim, do pensar de educadores como o professor Vasco Moretto (parceiro Opet de longa data) e de uma equipe editorial que conhece a realidade das escolas do país.

Colégio Opet – Bom Retiro e Rebouças

Instalado nas sedes dos bairros Rebouças e Centro Cívico, o Colégio Opet atende alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular e Médio Técnico. Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, a proposta pedagógica é a da Educação Cidadã, vivenciada nas salas de aula, nos projetos pedagógicos e na Cidade Mirim. Da Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental, os pais também têm a opção de matrícula no ensino integral.

No Ensino Médio Técnico, os alunos podem cursar Marketing e Publicidade, Informática, Administração e **Mecatrônica**. Com duração de três anos, esses cursos de iniciação profissional atendem a uma importante demanda do mercado local de trabalho (Curitiba possui 4,6 mil indústrias, 25 mil pontos de comércio e seis mil empresas prestadoras de serviços) e oferecem aos estudantes a formação necessária para o ingresso no ensino superior de base tecnológica. No Ensino Médio Regular, o foco é o da formação para o vestibular e para a graduação superior.

Opet Work

Os cursos do Ensino Médio Técnico fazem parte da Opet Work – Escola de Profissões, que também oferece outras opções de formação profissional de curta duração (três semestres) nas áreas de Automação Industrial, Eletromecânica, Eletrotécnica e Mecatrônica. Relançado em 2011, o projeto Opet Work reafirmou a vocação essencial do Grupo Opet, de preparar pessoas para o mercado de trabalho com habilidades técnicas, de gestão e de contato interpessoal.

Enquanto isso...



Crédito: Wikimedia Commons.

Cabeças produzidas por meio de impressão 3-D. Essa tecnologia é possível graças à Mecatrônica.

Mecatrônica

Nos últimos trinta anos, em especial a partir da popularização das chamadas “tecnologias embarcadas” (sistemas computacionais implantados em máquinas e dispositivos móveis), estabeleceu-se uma convergência das áreas de metal-mecânica, eletrotécnica, eletrônica, computação e comunicações. Esse processo determinou o surgimento da Mecatrônica, área que perpassa praticamente toda a cadeia produtiva e que, em uma sociedade interconectada pela tecnologia, é cada vez mais importante.

Mais do que formá-las, porém, a Opet também se preocupa com sua aproximação em relação às empresas.

Por meio do Opet Placement, agência de oportunidades profissionais, alunos e ex-alunos dos cursos técnicos e de graduação podem acelerar o processo de ingresso no mercado. Suas atividades abrangem convênios com empresas e agências para a realização de estágios, treinamentos, feiras, palestras e dinâmicas de grupo. A agência também oferece treinamentos e dinâmicas de grupo para empresas interessadas em fortalecer seus quadros profissionais. Em 2013, entre os parceiros do Opet Placement, estão grandes empresas como Volvo, Nestlé, Bosch, Nutrimental, Renault, Volkswagen, Correios, Gerdau e Kraft.

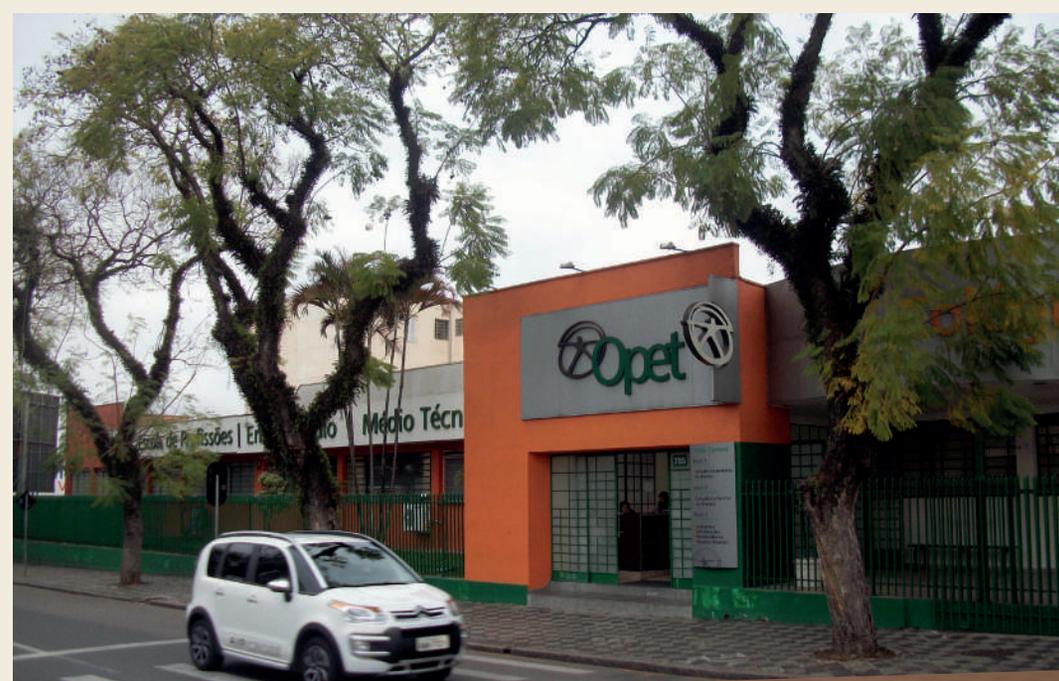
Engenharia de Produção

Em julho de 2013, o Grupo Opet anunciou uma grande conquista: a autorização, pelo MEC, de instalação do curso de bacharelado em Engenharia da Produção. A graduação é a vigésima segunda ofertada pela instituição ao longo de 14 anos de existência do Ensino Superior. Os cursos presenciais, nas áreas de Informática, Comunicação Social, Gestão, Ciências Jurídicas e Hospitalidade & Bem-Estar, são ofertados em três *Campi*. Em 2013, na Opet, é possível cursar Administração, Direito, Pedagogia, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Ciências Contábeis, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Gestão da Tecnologia da Informação, Sistemas para Internet, Produção Multimídia (Web Design), Comércio Exterior, Gestão da Produção Industrial, Gestão de Recursos Humanos, Processos Gerenciais (Gestão Estratégica de



Cozinha industrial de Gastronomia da Opet. | Aluno de Gastronomia em ação.

Créditos: Arquivo Opet.



Crédito: R. W. Apolloni.

Prédio da Unidade Rebouças do Colégio Opet.

Capas de materiais da Coleção Cidadania Opet em 2013.



Campanha do curso de Engenharia de Produção.



**ENGENHARIA
DE PRODUÇÃO**
SUCESSO PARA VOCÊ



CONHEÇA ESTE E OS DEMAIS CURSOS EM
vestibularopet.com.br
INSCREVA-SE AGORA • 41 3028.2828

Créditos: Arquivo Opet.



Pequenas e Médias Empresas), Gestão Financeira, Marketing, Logística, Estética e Cosmética, Gastronomia e Eventos.

Na modalidade de Ensino a Distância, a Opet oferece os cursos de graduação em Pedagogia e Gestão Comercial, de especialização em Educação Infantil, Educação a Distância, Metodologias de Ensino na Educação Básica e Gestão das Organizações Educacionais, além do MBA em Gestão Empresarial. Em 2013, novos cursos estão em processo de autorização.

Pós-Graduação

Em 2002, o Grupo Opet lançou seu Centro de Pós-Graduação, que oferece mais de trinta cursos presenciais de MBA, EBA (*Executive Business Administration*), especialização e extensão nas áreas Ambiental, Empresarial, de Comunicação, Engenharia, Eventos, Finanças, Gastronomia, Hospitalidade, Informática, Internet, Direito, Logística, Administração Pública e Recursos Humanos. As aulas são realizadas em salas de aula, laboratórios, anfiteatro e em seminários nos três *Campi* Opet. Atualmente, as pós-graduações Opet desempenham um papel estratégico para o mercado curitibano, na formação de recursos humanos de qualidade em áreas que exigem conhecimentos muito específicos, caso, por exemplo, das de Negócios Jurídicos, Webmarketing e Mídias Interativas, Logística e Cadeias de Suprimentos.

Instituto Opet Cidadania

Ao longo do tempo, o Grupo Opet consolidou um compromisso de cidadania. Desde as primeiras aulas dos cursos livres, em 1973, sua maior preocupação é a de

formar pessoas capazes de transformar o mundo. Foi o que levou a instituição, por exemplo, a se aproximar da UNESCO e a fortalecer os ideais da Cidade Mirim.

Em nosso país, porém, ainda há situações de risco situadas fora da rede de resgate proposta pela educação. Para trabalhar com esse cenário, em 2004 foi criado o Instituto Opet Cidadania, que promove ações de inclusão social, voluntariado e apoio a instituições que atendem pessoas carentes. Entre as atividades do Instituto Cidadania Opet estão o SábadoOpet, que leva serviços a comunidades carentes, e o PrOpet, que oferece bolsas de estudo para o ensino superior com desconto de até 50% da mensalidade.

Vontade e energia para muito mais

Ao longo de quarenta anos, o Grupo Educacional Opet cresceu e tornou-se referência na área educacional por sua percepção das necessidades da sociedade e do mercado. Foi assim nas primeiras aulas, nos cursos livres ministrados em 1973, e é assim em 2013, nas primeiras aulas da graduação em Engenharia de Produção das Faculdades Opet. O futuro, portanto, há de ver a instituição crescendo e participando de forma ainda mais intensa da vida das pessoas em várias partes do país.

Para Cristina Swiatovski, a Opet do futuro – que está nascendo neste exato momento – acompanha e se antecipa às mudanças desencadeadas pela tecnologia. “Trabalhamos por um modelo de ensino pautado na própria tecnologia, mas sem perder o caráter humano. Semipresencial, flexível, mas sem perder o contato humano.” Outro investimento é na formação continuada, que foca tanto nas demandas de especialização quanto o aumento da longevidade e da capacidade de trabalho das pessoas.



Uma meta estratégica a ser alcançada em breve é a da transformação das Faculdades Opet em Centro Universitário, o que acelerará o processo de criação e implantação de cursos. Outra meta, planejada para os próximos cinco anos, é a de instalação de um Centro de Inovação e Desenvolvimento de Soluções Educacionais, que funcionará como escola de vanguarda e que irá alimentar o Sistema de Ensino Opet. Um futuro, enfim, rico de possibilidades e capaz de fazer frente às transformações decorrentes da chegada de grupos educacionais estrangeiros (americanos, ingleses e chineses, por exemplo) ao Brasil.

“Nós nunca perdemos a curiosidade e nem o foco na importância da educação relevante. Esses, na verdade, são dois princípios fundamentais do trabalho Opet”, diz o professor José Antonio Karam. A partir daí, as possibilidades são inúmeras, em especial em um momento no qual o país toma consciência do papel estratégico da educação. “Temos vontade e energia para muito mais!”, sintetiza o fundador do Grupo Educacional Opet, enquanto desenha os próximos quarenta anos da instituição. Este é o espírito Opet.



Crédito: Arquivo Opet.

Professor Karam: energia e planos para os próximos 40 anos.



Campus Opet Portão.



Campus Opet Centro.

Créditos: Arquivo Opet.



Campus Opet Centro Cívico.

MBA EM COACHING EXECUTIVO

SEJA UM POTENCIALIZADOR DE CARREIRAS

PÓS-GRADUAÇÃO
Opet

ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO PARA WEB

SEJA UM DESENVOLVEDOR DE GRANDES PROJETOS

PÓS-GRADUAÇÃO
Opet

MBA EXECUTIVO EM GESTÃO EMPRESARIAL

SEJA O GESTOR DA SUA CARREIRA

PÓS-GRADUAÇÃO
Opet

ESPECIALIZAÇÃO EM ENGENHARIA DA PRODUÇÃO

SEJA O CENTRO DE CADA INOVAÇÃO

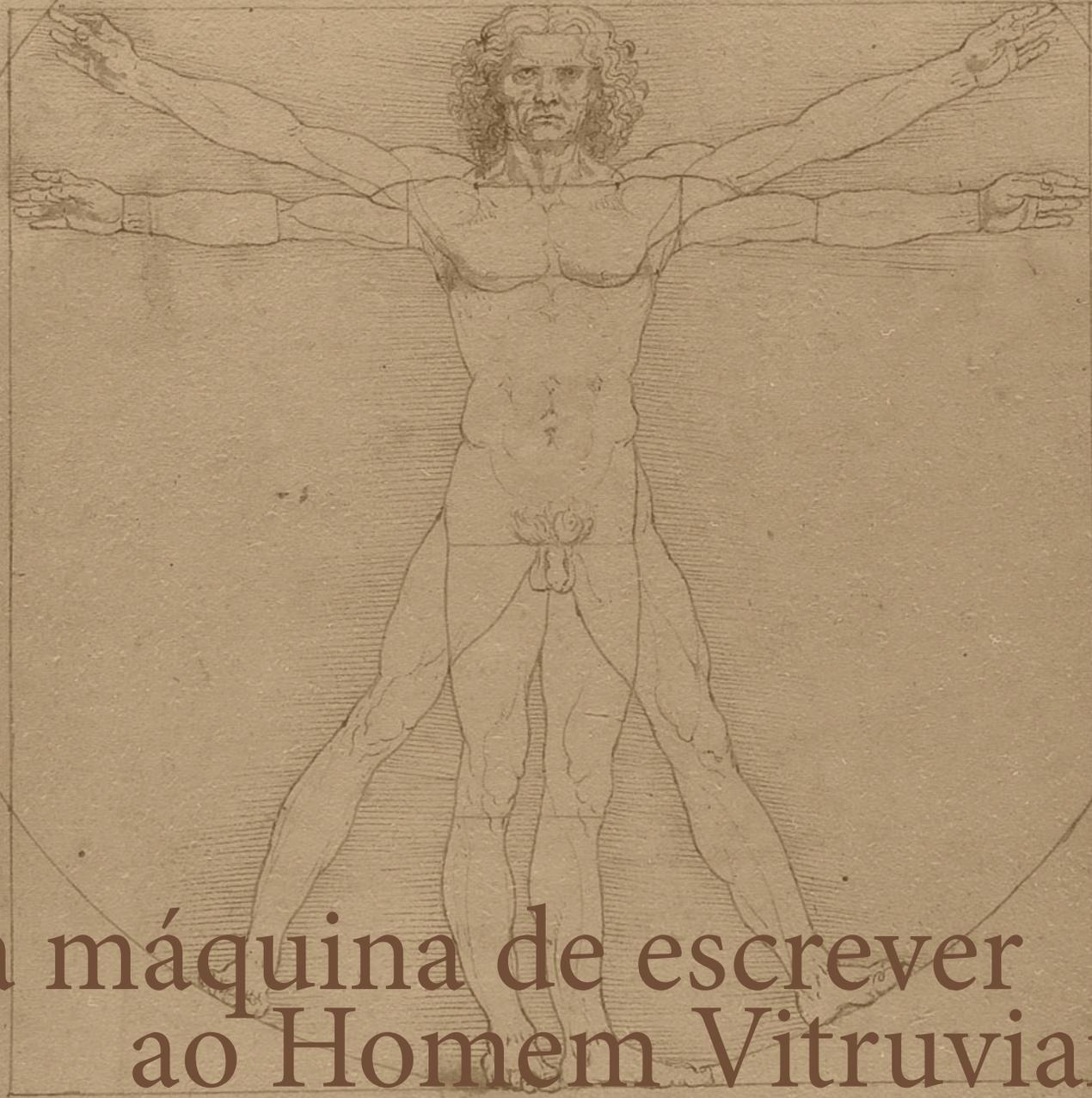
PÓS-GRADUAÇÃO
Opet

Créditos: Arquivo Opet.

Campanhas publicitárias de cursos de Pós-Graduação Opet.

15
A

Handwritten text in a cursive script, likely a Latin manuscript, located at the top of the page above the Vitruvian Man drawing.



Da máquina de escrever ao Homem Vitruviano

Handwritten text in a cursive script, likely a Latin manuscript, located at the bottom of the page below the Vitruvian Man drawing.

B

AS QUATRO DÉCADAS DE EVOLUÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL OPET

O nome Opet é imediatamente associado à educação. As cores verde e laranja e a figura de braços abertos da logomarca estão no colégio e nos *Campi* de Curitiba, em campanhas institucionais, nos polos da educação a distância e nos materiais didáticos do Sistema de Ensino Opet, que é utilizado por 120 mil alunos em várias regiões do Brasil.

As duas sílabas que formam o termo “Opet” representam uma vantagem estratégica: o nome é fácil de falar e de guardar na memória. Opet é igual a educação – simples, assim. Tão simples, enfim, como só pode ser uma marca construída ao longo de um bom tempo de trabalho.

Quando criou a Opet, em 1973, o Professor Karam queria associar sua escola ao crescimento da economia e das estruturas de gestão em Curitiba. Para isso, batizou seu pequeno empreendimento



1973



ANOS 80



ANOS 90



2012



2013



como “Organização Paranaense de Ensinos Técnicos (Opete)” – assim mesmo: um nome extenso, com os dois últimos termos no plural e a letra “e” no final da sigla.

A identidade visual acompanhava a ideia de proximidade com a formação profissional: a primeira logomarca, de 1974, trazia a sigla “Opete” como um objeto gráfico que lembrava uma máquina de escrever Olivetti-Underwood. Como, na época, os jornais de Curitiba não publicavam em cores, a logo era ancorada no preto.

Examinada com os olhos de 2013, a “logo da máquina de escrever” chama a atenção pela complexidade: ela tem um quê de industrial e até de “labiríntico”. E, com suas linhas retas, se inscreve fortemente na estética dos anos setenta.

O valor da sigla

Nos primeiros tempos, quando a publicidade curitibana era mais simples e os anúncios da escola pareciam convocações do tipo “venha e curse”, a nomenclatura e a logomarca funcionaram. Com a expansão das atividades e a chegada dos primeiros computadores e softwares de design, contudo, foi necessário profissionalizar a identidade gráfica.

Nas décadas de setenta e oitenta, cursinhos, escolas de ensino regular e técnico de Curitiba começaram a travar uma feroz competição por alunos. Os anúncios de escolas como Positivo e Barddal cresciam em tamanho e sofisticação, e as escolas de datilografia e taquigrafia



também apelavam aos jornais. Essa época, aliás, marcou a consolidação da publicidade paranaense, com agências como Victo Johnson, Múltipla e Umuarama.

O amadurecimento do mercado determinou mudanças na marca: o nome foi ajustado para “Organização Paranaense de Ensino Técnico”, sem o plural, a sigla perdeu o último “e” e a primeira logo foi aposentada. Nos anos oitenta, as letras de “Opet” eram altas e finas, e eram representadas em relevo – uma marca muito conhecida na cidade. Quando o Grupo assumiu o Colégio Nova Era, em 1990, a primeira denominação também foi abandonada, substituída, na identidade visual, pela sigla Opet em letras com serifadas.

A evolução das cores

Há vários anos, o verde e o laranja identificam a marca Opet. Nem sempre, porém, essas cores foram o padrão. No início, a identidade visual trazia o verde e o preto. Nos anos oitenta, o preto foi substituído pelo vermelho e, no final dos anos noventa, o vermelho foi trocado pelo laranja. O verde, inicialmente escuro, com “jeitão de escritório” (dos arquivos, máquinas e placas de borracha usadas para forrar os tampos das escrivaninhas), foi suavizado.

Na época, inclusive, as identidades visuais do colégio e das recém-fundadas faculdades possuíam padrões diferentes – aquele, em vermelho



e verde; esta, em vermelho e preto. Em seus primeiros dias, aliás, as Faculdades Opet eram representadas pela sigla FAO, que foi abandonada em nome do reforço da identidade histórica.

A escala humana

Nos últimos anos, a Opet também passou a ser identificada por uma figura de braços abertos que aparece associada à sigla. Essa marca foi desenvolvida pela agência curitibana Lumen, que tomou como referência o famoso “Homem Vitruviano” desenhado por Leonardo da Vinci no final do século XV. A figura guarda relação muito próxima com o paradigma Opet: expressa o humano, o belo, a partir de conhecimento técnico apurado e de medidas perfeitas – expressa, enfim, uma visão humanista do mundo.

O “Homem Vitruviano” Opet surge junto com um globo estilizado – a ideia é indicar que, por meio da educação, pode-se abraçar o mundo. Na versão mais recente da marca, um triângulo escaleno laranja sublinha a sigla. Ele simboliza uma rampa, uma plataforma de lançamento que permite elevar e ampliar os limites de quem acredita no valor da educação.





Crédito: Arquivo Opet



PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: CONHECER, SABER E AGIR

O núcleo da proposta educacional Opet, seu verdadeiro “DNA”, pode ser detectado já nas primeiras aulas ministradas pelo professor José Antonio Karam nos cursos livres iniciados em 1973. Na época, a principal busca era por uma formação técnica capaz de atender às necessidades de uma cidade que se transformava em um grande centro industrial e administrativo. A resposta da Opet foi oferecer não apenas conteúdos instrumentais, mas também conhecimentos que promovessem a evolução profissional e pessoal dos alunos.

Com o tempo, na passagem de uma pequena escola de cursos livres a um grupo educacional complexo, que passou a atender da Educação Infantil à Pós-Graduação, o planejamento pedagógico exigiu um trabalho capaz de levar o princípio de aplicação dos conhecimentos à realidade a todos os níveis da educação.



“Tivemos sempre muito claro o valor da relevância, das possibilidades de aplicação prática do que é transmitido pelos professores. Essa visão, porém, não é meramente instrumental ou utilitária: quando falamos em relevância e propósito, estamos nos referindo, também, a valores humanos”, explica a superintendente educacional do Grupo Educacional Opet, Adriana Karam Koleski.

São esses valores, aliás, que conformam o paradigma da Educação Cidadã, que norteia todo o trabalho nas unidades do Grupo e no Sistema de Ensino Opet, que, atualmente, é adotado por 120 mil alunos de escolas públicas e privadas de todo o país.

Novos alunos e um grande desafio

Nos anos noventa, quando o Grupo Opet incorporou os colégios Nova Era e Lins de Vasconcelos, foi necessário encontrar um referencial pedagógico que atendesse o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Editora sem se afastar do princípio da aplicabilidade dos conhecimentos. A meta era a de avançar para além dos limites de uma formação instrumental, típica dos cursos técnicos, e chegar a uma formação global.

“Em 1993, fizemos contato com os referenciais do Construtivismo e do Interacionismo, conhecemos Piaget e Vygotsky. Isso fez com que saíssemos de um modelo mais tradicional, que repetia o que vinha sendo feito na educação em muitas escolas, e assumíssemos um perfil mais ousado”, observa Adriana.

O trabalho, contudo, não se limitava a substituir um modelo por outro. Muitas vezes, aliás, mudanças de perspectiva implicam dificuldades de compreensão e adesão

por professores e alunos. No caso da Opet, o processo não foi diferente. Isso, porém, permitiu estabelecer um diálogo que acabou por enriquecer o paradigma educacional.

Adriana ressalta o caráter pendular, as adesões, tensões e sínteses que marcam a trajetória de construção do projeto político pedagógico Opet. Algumas vezes, a tendência foi de aproximação em relação a formas mais ousadas de trabalho; em outros momentos, houve um retorno ao modelo mais tradicional. Esse movimento possibilitou, por exemplo, reafirmar o espírito que norteou a trabalho pedagógico desde a primeira aula – de ter em todo conteúdo ensinado um conteúdo para a vida.

“Em certo momento, alcançamos um grau de maturidade que nos permitiu consolidar um paradigma, sem perder de vista os ajustes e mudanças necessárias a um projeto político pedagógico de qualidade”, diz Adriana.

Foi nessa época que a Opet estabeleceu uma parceria histórica com um dos principais pensadores da educação no Brasil, o Professor Vasco Moretto (autor de um dos artigos deste livro). “A metodologia construída pelo Professor Vasco, da construção interativa do conhecimento para o desenvolvimento de competências, nos agradou muito. Trabalhamos sempre com uma perspectiva da educação baseada na aquisição de conhecimentos, habilidades, valores culturais e emocionais, que é muito semelhante à que ele vem desenvolvendo ao longo dos anos.”

Os materiais didáticos que compõem a Coleção Cidadania Opet – carro-chefe do Sistema de Ensino Opet – trazem a participação de Vasco Moretto, assim como todo o trabalho de implantação, consultoria pedagógica e avaliação de resultados.

Outro grande inspirador do projeto político pedagógico Opet é o trabalho da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que, desde sua fundação (em 1945), luta para consolidar a educação como elemento essencial ao desenvolvimento humano e à emancipação. Em 1999, por iniciativa do Professor José Antonio Karam, o Grupo Educacional Opet passou a fazer parte do Programa de Escolas Associadas da UNESCO, tendo assumido sua coordenação regional. “Essa aproximação institucional nos vinculou a um projeto maior, de caráter universal, e fez com que incorporássemos ao nosso paradigma os ‘Oito Jeitos de Mudar o Mundo’, propostos pela UNESCO. Nosso conceito de ‘relevância’ possui esse alcance: nossa proposta é de que os alunos sejam capazes de transformar o mundo e tenham iniciativa para fazer isso.”

A proposta educacional Opet vai ao encontro das propostas da UNESCO para a educação.



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Escolas
Associadas da
UNESCO

Crédito: PEA/UNESCO.

O valor das próprias competências

A expansão do Grupo fez com que o projeto político pedagógico fosse refinado. Com a fundação do Centro Tecnológico Opet, no bairro Rebouças, teve início a aplicação de uma metodologia inovadora. As avaliações já não eram feitas por meio de provas e notas, mas por projetos que permitiam aos professores e aos próprios alunos perceberem a construção de competências.

“A implantação da educação por competências foi um dos grandes momentos de nosso trabalho pedagógico”, avalia Adriana Karam. “Quando explicávamos a proposta aos alunos e aos professores, começamos a ter verdadeiros parceiros. As pessoas vieram conosco e se tornaram coautoras do projeto.”

O currículo por competências Opet pode ser sintetizado na sigla CHA, de *Conhecimento, Habilidade e Atitude*. Os limites entre cada um desses elementos, de fato, é mais formal do que real: os conhecimentos são o fundamento das habilidades, que, por sua vez, ampliam a capacidade de ação das pessoas que os detêm. E isso, em síntese, é o que se pode compreender por *Competência*.

O bom funcionamento da proposta CHA depende, necessariamente, do engajamento dos professores, que, com suas atitudes, são exemplo para os estudantes. “Os docentes que chegam e têm sucesso no Grupo Opet são os que focam o sentido prático dos conhecimentos. Eles demonstram conhecimentos e estão muito próximos dos alunos. Isso faz com que se valorize a humanidade.” A proximidade também permite fazer com que, desde muito cedo, já na Primeira Infância, a educação assuma um caráter dialógico, de “mão na massa” e de aprendizado por meio de ações inteligentes e concretas.



O eterno valor humano

Um projeto político pedagógico é uma peça construída “em trânsito”, ou seja, em relação direta com as transformações da sociedade e as expectativas de futuro. Que valores devem ser cultivados? Quais são os objetivos da transmissão de conhecimentos? Como perceber os elementos relevantes na formação de pessoas que, em pouco tempo, assumirão posições-chave na sociedade?

Para Adriana Karam Koleski, o futuro da educação Opet, de seu projeto político pedagógico, passa pela afirmação cada vez maior de um paradigma centrado na inovação e na valorização do elemento humano. “A cada dia surgem novas formas de fazer as coisas, de transformar o mundo. Estamos muito atentos a todas elas, mas sem perder de vista o papel das pessoas. Para isso, porém, precisamos saber para onde caminha a educação.”

Adriana destaca as mudanças na educação em um momento em que, por conta da internet, o acesso à informação se tornou universal. “A escola só vai manter sua relevância se conseguir se ajustar ao momento. Se ela só ensina, não está cumprindo seu papel – é preciso que ela participe da integração das pessoas e que, em meio à enorme quantidade de informações disponíveis, também funcione como curadora de conhecimentos. Que os selecione a partir da relevância e os coloque em perspectiva, de modo a atender tanto uma demanda mais ampla, civilizacional, quanto o olhar individual, de cada estudante.”

O futuro do projeto político pedagógico Opet passa, portanto, por investir de forma cada vez mais consistente, e desde os primeiros anos do ensino, no trabalho em equipe, na proatividade, no empreendedorismo, na abertura para a inovação, na flexibilidade, na determinação pessoal e na resiliência. Em somar, enfim, o mesmo espírito que norteou as primeiras aulas – e que se mantém absolutamente relevante nos dias de hoje – ao olhar que enxerga um futuro de grandes realizações.





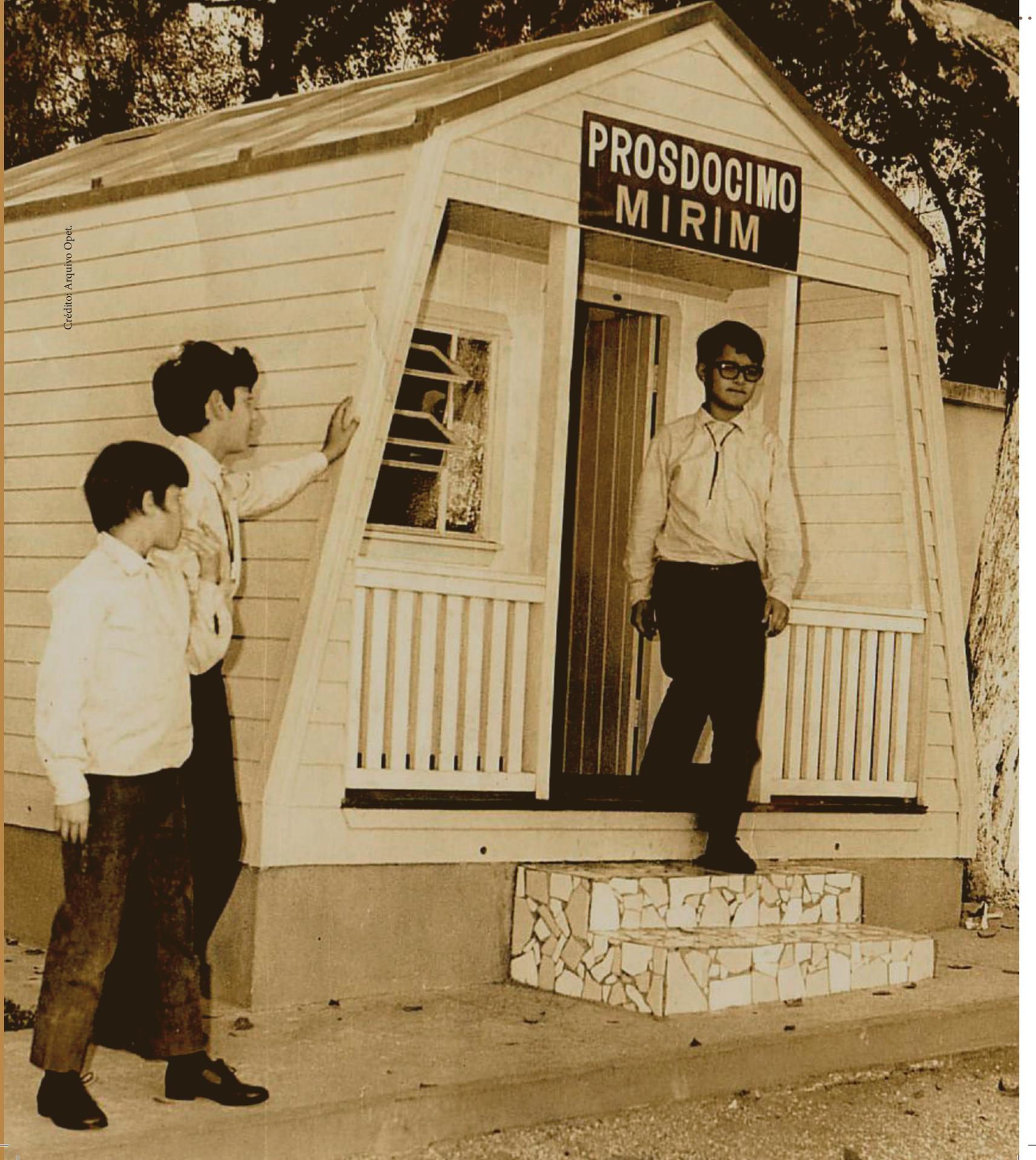
Crédito: Arquivo Opet.



Créditos: Archivo Opet.

Crédito: Arquivo Opét.

PROSDOCIMO
MIRIM





CIDADE MIRIM, TERRITÓRIO DA CIDADANIA

Ao longo de 40 anos, o Grupo Educacional Opet desenvolveu ideias e de projetos pedagógicos ancorados no princípio de que o conhecimento deve ser relevante e capaz de transformar o mundo. Ele aparece de forma especial na Cidade Mirim, projeto que é a “menina dos olhos” da direção e da equipe pedagógica.

Instalada em uma área de dois mil metros quadrados dentro do Colégio Opet Centro Cívico, em Curitiba, ela recria uma cidade com ruas, edifícios e área verde. O objetivo é fazer com que estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental percebam a relação entre o que aprendem no colégio e a realidade. Que descubram, enfim, seu papel na transformação do mundo.

O trabalho pedagógico é feito a partir de quatro polos: o Polo Político está relacionado aos edifícios da Prefeitura, Câmara de Vereadores e Fórum; o Polo Social, ao Centro Comercial, ao Banco e à Rádio; o Polo Ambiental, ao Posto de Saúde e ao



Espaço Rural (que abrange horta, bosque e viveiro de pequenos animais); e o Polo Cultural, à Casa da Família, ao Centro Cultural, à Brinquedoteca e ao Cyber Café Mirim (para alunos de até seis anos). As ruas são sinalizadas segundo os padrões internacionais de circulação, o que permite transmitir às crianças as normas de trânsito e seu papel para a segurança de pedestres e motoristas.

Assim como em uma cidade os elementos estão integrados – não há como pensar em habitação sem pensar em meio ambiente, por exemplo –, na Cidade Mirim os temas são tratados de forma integrada. Os conteúdos pedagógicos são levados da sala de aula para um espaço privilegiado de vivência: assim, por exemplo, a Matemática pode ser vivenciada no Banco, na Horta e na Casa da Família, em abordagens que envolvam economia, meio ambiente e responsabilidade social.

Uma vivência extraordinária

De todas as atividades da Cidade Mirim, as que mais chamam a atenção são as realizadas no Polo Político. A cada ano, as crianças podem se candidatar aos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereador, fazer campanha e escolher seus representantes. As eleições têm o apoio do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), que cede as urnas eletrônicas, forma os mesários e diploma os eleitos em uma cerimônia de que participam o prefeito de Curitiba, juízes eleitorais e vereadores.

Depois de eleitos, os alunos debatem propostas e são cobrados pelos eleitores em relação às promessas de campanha. Por exemplo: promessas de instalação de semáforos, lixeiras separadoras e de uma rampa para cadeirantes foram encaminhadas à direção do Colégio e cumpridas.

Um pouco de história

A história da Cidade Mirim começa antes da fundação do Grupo Educacional Opet. O projeto foi concebido em 1967 e materializado em 1970 pelo professor Ney Lobo, diretor do Instituto (depois, Colégio) Lins de Vasconcelos. Para a criação, ele se baseou nas ideias do educador e líder espírita Lins de Vasconcelos, que, em 1918, em uma palestra da Federação Espírita do Paraná, defendeu a criação de uma “república mirim” de caráter pedagógico.

Em 1989, o Grupo Educacional Opet assumiu as instalações do Colégio Lins de Vasconcelos e percebeu o valor da Cidade Mirim. O projeto pedagógico foi aprofundado e ajustado aos novos tempos e, em 2006, a nova minicidade foi inaugurada no mesmo local das antigas instalações. Para a superintendente educacional do Grupo Educacional Opet, Adriana Karam Koleski, o trabalho desenvolvido nos polos mostra a atualidade e o valor da proposta de Ney Lobo. “A Cidade Mirim foi um presente maravilhoso que recebemos e compartilhamos com nossos alunos e com a comunidade. É uma bela responsabilidade.”



Anos setenta: visita dos políticos da Cidade Mirim ao prefeito de Curitiba, Saul Raiz (1975 - 1979).



Século XXI: o Professor Karam conversa com os cidadãos mirins.

Créditos: Arquivo Opet.

Imagens recentes da Cidade Mirim.



Créditos: Albari Rosa.



Crédito: Arquivo Opet.

ADRIANA KARAM: “BRINCANDO, APRENDEMOS A GOSTAR DA OPET”

Dentre os cerca de 700 colaboradores do Grupo Educacional Opet, poucos possuem tanta experiência e conhecimento da história da instituição quanto a professora Adriana Karam Koleski, superintendente educacional. Ninguém, de fato, possui sua vivência da realidade Opet. Pudera: como filha de José Antonio Karam e, principalmente, como apaixonada pela educação, ela teve a oportunidade de acompanhar, desde cedo, a evolução da empresa.

“Essa aproximação começou por uma necessidade de família”, conta. “Quando meus irmãos [Daniele e Luciano] e eu éramos crianças, muitas vezes não ficávamos em casa porque nossa mãe trabalhava como professora e não havia empregada. Assim, nosso pai nos levava para o trabalho e, para nos manter por perto, nos colocava para fazer pequenas tarefas.” Entre elas estava a de separar as folhas de apostilas produzidas pela Opet para montagem dos volumes. “Nós apostávamos corrida para ver quem paginava mais rápido”, ri. “Essa é uma boa lembrança: brincando, aprendemos a gostar da Opet e a participar do dia a dia da instituição.”

Outra memória está ligada à expansão da Opet, quando a escola deixou as instalações do Edifício Maringá, na Rua Cândido Lopes, e se transferiu para o prédio da Praça Tiradentes. “Era um espaço imenso e vazio, com tudo por fazer. E estávamos todos lá – família, funcionários –, vassoura na mão, preparando as coisas.”

Centro Cívico (Bom Retiro), antigo Lins de Vasconcelos. “No mestrado, conheci novos modelos pedagógicos e, por isso, tinha muito interesse em trabalhar na Editora Opet. Naquele momento, porém, o Grupo estava consolidando o trabalho no novo colégio e, a pedido do meu pai, assumi a direção da unidade Centro Cívico.”

Em 2001, Adriana coordenou a implantação e a direção dos cursos superiores da área de tecnologia. “Foi uma grande oportunidade de aprender”, lembra, observando que, na época, o Grupo Opet reafirmou, em grande estilo, sua vocação no segmento da educação profissional. A partir de 2003, passou a acumular as funções de diretora da administração geral e da Unidade Rebouças. “A gestão era uma área que eu não dominava, e que precisei dominar muito rápido”, conta. Buscou formação, então, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), na área de administração. Em 2007, concentrou-se exclusivamente na direção administrativa.

Em 2008, o Grupo Opet passou por uma reorganização administrativa, buscando ajustar seus movimentos a um mercado cada vez mais competitivo – na época, o sistema de ensino produzido pela Editora já estava entre os mais importantes do país. Esse processo implicou a criação de superintendências e de áreas de apoio para administração e negócios.

“Fui superintendente administrativo-financeira por cerca de dois anos e meio e, no período, também assumi a superintendência educacional”, conta. Esse momento permitiu seu retorno ao fazer da educação e aproximou a direção do Grupo de um foco mais ajustado, mais preciso, em relação ao paradigma de ensino. “Foi quando desenhamos um projeto político pedagógico que espelhava a trajetória

“Ao longo dessa trajetória – na verdade, desse início de trajetória –, pude perceber claramente o papel que a educação exerce na evolução do país. E confirmei, também, a importância social que instituições como o Grupo Educacional Opet têm na vida das pessoas. Em toda a nossa estrutura de ensino, da Primeira Infância à Pós-Graduação, focamos o humano. Essa é a nossa marca”, afirma.

Maturidade e vitalidade

Questionada sobre os próximos quarenta anos da instituição (um intervalo de tempo muito grande, se considerarmos a rapidez das mudanças na atualidade), Adriana responde que eles serão de consolidação e expansão do paradigma educacional que busca a valorização do trabalho como caminho para a realização humana.

“Ao longo do tempo, em um movimento pendular que é natural, pendemos ora para a valorização das competências técnicas, ora para a valorização dos aspectos humanos da educação. Aos quarenta anos, porém, chegamos a um ponto de coerência, de equilíbrio entre os dois polos.”

Ela acredita que a Opet há de participar de forma cada vez mais consistente na sociedade – “com maturidade, mas sem perder a vitalidade que caracteriza a instituição desde seu primeiro momento, quando um professor juntou algumas carteiras e decidiu formar pessoas.”

CRISTINA SWIATOVSKI: IDENTIDADE, ESTRATÉGIA E AFETO PELA OPET

Em um cenário econômico instável e competitivo como o brasileiro, poucos são os executivos capazes de participar da construção de uma empresa por quatro décadas. Raros são os que participaram de todos os seus momentos, das primeiras decisões às etapas críticas de sobrevivência e expansão. Esse é o caso de Cristina Swiatovski, superintendente do Grupo Opet e diretora geral da Editora Opet. Ela chegou à empresa ainda adolescente, no início de 1974, e, desde então, participa do planejamento e da tomada de decisões estratégicas.

Cristina, aliás, pertence ao grupo dos profissionais que, a partir dos anos setenta, determinaram o desenvolvimento técnico e a expansão dos grupos educacionais no Brasil. No início da história do Grupo Opet, Curitiba era uma incubadora de empresas voltadas à educação. Com o passar dos anos, tornou-se um centro de referência no segmento. Pois foi nesse setor que Cristina encontrou seu caminho.

Ela recorda, por exemplo, o desafio de manter alunos e de atrair novas matrículas quando da aquisição, pela Opet, dos colégios Nova Era e Lins de Vasconcelos. Ou o de convencer a sociedade curitibana do valor dos cursos de formação de tecnólogos, que, em seus primeiros dias, eram vistos como uma “formação menor”, sem o valor de um curso superior de perfil clássico.

transformadora. “Sempre tivemos muito claro nosso papel em relação às pessoas, às empresas e suas necessidades. Se elas precisam de determinada formação, somos capazes de atendê-las”, observa.

No século XXI, a oferta de educação relevante depende de uma percepção aguda das mudanças da sociedade. “A partir da popularização das tecnologias digitais, a relação das pessoas com a informação mudou radicalmente, e também mudou sua relação com o aprender”, avalia Cristina. “Os materiais didáticos, por exemplo, devem funcionar como roteiros de estudo capazes de possibilitar a circulação por esse universo de dados e a aquisição de conhecimentos”, pondera.

No caso do Grupo Opet, a estratégia de trabalho passa pela antecipação, o que se dá por meio da formação continuada, da capacitação de professores apoiada por ferramentas digitais e da valorização do ensino semipresencial de qualidade. E pela crença no papel da educação para a consolidação da cidadania.

Uma vida

Questionada sobre o que mais marcou sua trajetória dentro do Grupo Opet, Cristina Swiatovski diz ter dificuldade em localizar um fato ou momento específico. Ao mesmo tempo, percebe sua profunda relação com a empresa. “Em termos profissionais e pessoais, quarenta anos são uma vida. Assim, é difícil dizer o que marcou mais e o que marca mais. Eu fui feita pela Opet.”



Crédito: Manoel Guimarães.

DANIELE KARAM: PESSOAS, PROCESSOS E O SUCESSO DA OPET

Uma escola é, por excelência, um ambiente de sociabilidade. A educação só existe, aliás, graças à disposição de compartilhar conhecimentos e à capacidade de comunicar. Um contexto de que não participam apenas alunos e professores, mas todas as pessoas que garantem as condições para que o milagre aconteça. Uma escola é, desde seus primeiros momentos, um ambiente de processos. São eles que, quando bem planejados e conduzidos, garantem o sucesso do mais extraordinário empreendimento humano.

Daniele Veríssimo Karam é a diretora de operações do Grupo Educacional Opet. Uma profissional que, ao longo dos anos, aprendeu a conhecer e a gerenciar as pessoas, as instalações e os processos que fazem com que o empreendimento se sustente, cresça e esteja preparado para as demandas futuras.

Sua lembrança mais antiga da Opet, conta, é a das instalações da Praça Tiradentes, onde, durante férias escolares, junto com os irmãos, ajudava na paginação das apostilas. “Era uma brincadeira, uma coisa pequena e não obrigatória, mas que fazíamos com seriedade”, conta. Com dezesseis anos, em 1990, ingressou formalmente na empresa, trabalhando como auxiliar da secretária do Professor Karam e da diretora Cristina Swiatovski. Nesse primeiro contato com a gestão, percebeu a importância da comunicação, da atenção às pessoas, do rigor no registro das informações e da



organização dos pequenos processos. No ano seguinte, estagiou fora da Opet, em uma agência de publicidade e em uma empresa de auditoria.

Em 1992, de volta à casa, participou de um momento estratégico do Grupo Opet, um projeto pioneiro do setor de Recursos Humanos que envolvia a descrição de cargos, o mapeamento de processos e a organização das pessoas. “Era algo novo, que boa parte das empresas locais não possuía. E que foi muito importante, porque nos permitiu consolidar uma posição. A Opet, então, já não era uma empresa pequena, mas um empreendimento que compreendia o colégio, a Opet Work e, pouco mais tarde, a Editora”, conta.

Na faculdade, Daniele se aprofundou mais na gestão. cursou Administração de Empresas na FAE, uma das instituições mais importantes do país na área de governança e, em 1995, quando o projeto de descrição de cargos foi concluído, assumiu a posição de assistente da gerência de administração na área de normas e processos. Ainda na área de formação, ela cursou pós-graduações em Controladoria e em Administração Estratégica, também na FAE.

Em 1996, passou a trabalhar na Editora Opet, responsável pela produção de um Sistema de Ensino, que, em 2013, é utilizado por cerca de 120 mil estudantes de várias partes do país. “Foi um momento importante, até mesmo porque a Editora possuía muitos desafios. Tínhamos que suprir nossa própria demanda de materiais didáticos e, ao mesmo tempo, olhar para as demandas do mercado.” Na Editora, Daniele foi a responsável pela coordenação administrativo-financeira até o ano 1998, quando assumiu uma posição na área de ensino.

Linha de frente

“Mais uma vez, foi uma experiência muito interessante, um grande aprendizado”, observa. As mudanças de função, explica, estiveram diretamente ligadas a necessidades estratégicas da Opet, que exigiam pessoas capazes de suportar os desafios e as responsabilidades. Naquele momento, a necessidade pedia, com urgência, uma profissional capaz de fazer com que os cursos da área de tecnologia existissem de fato. E Daniele assumiu a coordenação administrativa das instalações do bairro Rebouças, onde os cursos estavam concentrados.

Em 2001 e 2002, participou da coordenação administrativa da Editora e, em seguida, da implantação de sistemas de gestão do Grupo Opet. Em agosto de 2002, viajou para San Diego, na Califórnia, onde fez uma série de cursos relacionados à gestão. “Busquei aprender o máximo em áreas como marketing, desenvolvimento gerencial e até vendas”, lembra. Nos Estados Unidos, estagiou no departamento de pós-graduação da San Diego State University.

No início de 2004, de volta a Curitiba, assumiu a gerência administrativo financeira da Editora e da Gráfica Opet. De 2006 a 2009, chegou à coordenação administrativo-financeira de todo o Grupo, à gerência financeira e, por fim, à gerência administrativo-financeira.

Em 2009, momento importante, foi mãe. “Deixei as atividades para dar atenção à minha filha e, no retorno na licença maternidade, assumi a controladoria do Grupo, um setor que envolve a tesouraria, a contabilidade e todos os processos de controle, como



as auditorias.” Em 2010, passou a ocupar uma cadeira do Conselho Gestor. Em 2012, assumiu a direção de operações, posição que ocupa em 2013.

No Grupo Opet, a direção de operações possui extraordinária importância. É por meio dela, por suas ações de fiscalização e planejamento, que a instituição garante a própria saúde financeira. “A Opet é uma instituição sólida, respeitada, que não possui dívidas e que honra todos os seus compromissos. Essa condição, que norteia o trabalho desde 1973, se fortaleceu ainda mais com a criação da direção de operações”, explica Daniele.

O grande aprendizado

Ao longo de uma trajetória profissional tão rica e desafiadora, Daniele consolidou uma série de valores. “Desde o início, percebi o valor de fazer as coisas, por mais simples que parecessem, com responsabilidade e seriedade. Busquei estudar todos os processos com humildade. Tudo o que fiz, sempre, fiz dessa forma”, resume.

Uma figura chave nesse processo é o pai, José Antonio Karam. “Na verdade, aqui, é descabido chamá-lo de ‘pai’. No trabalho, ele nunca nos acudiu como pai, mas como conselheiro e incentivador. Ele é um mestre, um visionário e um empreendedor.” Segundo Daniele, esse espírito fez com que o Professor Karam se cercasse de pessoas que o apoiaram em todos os momentos. “A Opet é uma realização coletiva, que nasce do apoio mútuo entre o espírito empreendedor e a capacidade de gerenciar o que está sendo construído”, observa.

O futuro

Questionada sobre o papel da governança para o futuro do Grupo Educacional Opet, Daniele observa que ela é o suporte da educação. “O essencial é o ensino, a educação cidadã, algo que só é possível com uma governança responsável, sustentável. Pensamos no nosso papel social, na responsabilidade em relação às centenas de pessoas que fazem com que a Opet exista. Sem garantir essa segurança e sem celebrar o esforço coletivo, não teríamos como cumprir nossa missão.”

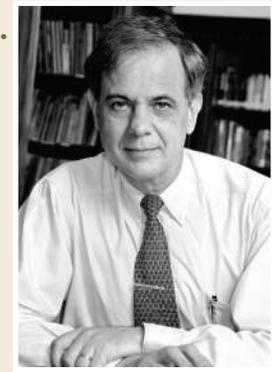
Daniele acredita que o Grupo vai se expandir nos próximos anos, de forma consistente e coerente com os princípios fundadores. “Vamos lapidar certos elementos, revisar e realçar outros. E vamos nos aproximar cada vez mais das expectativas dos nossos clientes e dos nossos colaboradores”, garante. “Estamos semeando com todo cuidado, com sabedoria, para colher no momento certo.”



VISÕES DA EDUCAÇÃO
PARA O NOSSO TEMPO - II



Falta-nos a cultura da valorização das Ciências Exatas



Jacir J. Venturi é engenheiro, professor de Matemática na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Pontifícia Universidade Católica do Paraná e de cursos pré-vestibulares. É presidente do Sindicato das Escolas Particulares do Paraná (SINEPE/PR).

Ensinar a raciocinar, em meio a tantas demandas, é uma das principais tarefas da escola. Não importa a área, sempre encanta uma apresentação oral ou escrita com bom encadeamento lógico. Temos uma geração que tem preguiça de pensar. Entretanto, nunca se valorizou tanto a pessoa ou o profissional com boa capacidade de raciocínio, enfim, o “resolvedor” de problemas. Hoje o jovem aprende rápido e esquece rápido, não mergulha fundo e, assim, o aprendizado é fugaz ou fruto de um clique.

Uma das mais profícuas maneiras para desenvolver o pensamento lógico e o poder de síntese é a dedicação às disciplinas da área de Exatas ou a um texto com dificuldade média ou elevada. Mas isso requer muita organização pessoal. Só se aprende a raciocinar com o cérebro e com as

nádegas. Ou seja, galhofa à parte, aluno sentado numa cadeira, uma mesa com folhas de rascunhos para resolver exercícios ou resenhar a matéria, estudo diário, um ambiente silente e, prioritariamente, muita disposição para o aprendizado. Portanto, nada de cama ou sofá – vai estudar ou tirar uma soneca? Um texto profundo ou exercício mais complexo é um desafio e faz bem aos neurônios. Há muito mais sinapses em 15 minutos dedicados a um problema difícil, mesmo não resolvido, do que na solução de três outros exercícios bastante acessíveis.

Quando da visita de Howard Gardner ao Brasil, na plateia éramos 100 privilegiados educadores. Julgo que o maior mérito de Gardner foi valorizar e inserir no espectro das Inteligências Múltiplas as inteligências interpessoal e intrapessoal. Quando perguntado sobre as mais valorizadas para o mercado de trabalho, Gardner foi enfático: “É a combinação da união do pensamento lógico à capacidade de lidar com as pessoas”.

O edifício gardneriano se sustenta sobre a premissa de que todas as inteligências podem e devem ser desenvolvidas. A escola e a família sempre suscitam respostas positivas por parte do aluno, quando oferecem condições adequadas de aprendizado e um ambiente estimulador.

Desenvolver na criança e no adolescente a inteligência lógico-matemática, uma das nove inteligências de Gardner, é das incumbências mais relevantes dos professores e dos pais. Continua indispensável a memorização de alguns conteúdos das disciplinas, mesmo com todos os avanços tecnológicos. No entanto, o saber enciclopédico perde em parte a sua importância, pois, em poucos minutos, estamos ao alcance de um teclado, e só o Google hospeda um trilhão e 800 bilhões de páginas. Diante desse gigantesco acervo de informações – verdadeiras ou falsas –, é preciso discernimento e racionalidade. Estamos convivendo com “mestres” que, por serem bonzinhos, a bem da verdade, são pseudodidatas, apresentam as matérias por demais prontas, tipo *fast-food*. É crítico o nível de exigência da maioria dos livros e apostilas de Matemática adotados pelas

escolas, quando se sabe que esta disciplina é a que melhor induz o desenvolvimento da têmpera racional da mente. As tecnologias disponíveis ensejam enormes benefícios, mas, em contrapartida, aliciam os jovens ao aprendizado superficial e, quando se exacerba, roubam preciosas horas que deveriam ser dedicadas ao estudo, às leituras, à prática esportiva e às relações interpessoais.

Raciocinar exige esforço. *“Pensar dói”*, declamava Brecht. Quando o rei Ptolomeu folheava os pergaminhos de *“Os Elementos”*, recheados de axiomas, teoremas e postulados, perguntou esperançosamente a Euclides:

“– Não existe uma forma mais fácil de aprender essas demonstrações?”

“– Não, majestade, não há estrada real para a Geometria”, teria respondido o autor.

Há 24 séculos, aproximadamente, a Matemática e a Filosofia helenísticas nos despertaram para o prazer de pensar. Foi o início da civilização e culminou com o espírito cartesiano – *cogito, ergo sum* –, de ceticismo, indagação e crítica. Destarte, apropriadas são as palavras do filósofo e matemático francês Henry Poincaré (1845-1912): *“Duvidar de tudo ou acreditar em tudo são atitudes preguiçosas. Dispensam-nos de refletir”*. A Matemática tem, sim, o escopo utilitário e prático, porém o seu maior legado é o incremento da têmpera racional da mente. Mesmo profissionais que aparentemente passam ao largo dos algarismos, como os advogados – embora sejam ótimos no cálculo dos honorários – precisam lembrar que uma boa demanda jurídica tem por fulcro um excelente encadeamento lógico.

No Brasil, não temos uma cultura de valorização das Ciências Exatas e as estatísticas corroboram essa assertiva: apenas 11% dos concluintes do Ensino Médio em escolas públicas têm capacidade tida internacionalmente como mínima em Matemática. Recentemente, entre 144 nações avaliadas, o nosso país aparece na 132ª posição no desempenho em Matemática e Ciências, atrás da Venezuela, Colômbia,

Camboja e Etiópia. É recorrente e sabido que em Matemática e Ciências pontuamos entre os últimos no *ranking* de 65 países num programa subordinado à ONU (PISA). Com os avanços tecnológicos, inovações e registro de patentes, há uma valorização inédita em pesquisas. E aqui também perdemos de goleada: um pesquisador para cada mil pessoas ocupadas; nos EUA, são 9,5; na Coreia do Sul, 11. É imperiosa a necessidade mais formação técnica para amainar os gargalos da nossa precária infraestrutura. O México forma 114 mil engenheiros por ano; com quase o dobro da população mexicana, o Brasil forma 41 mil, metade do necessário.

Não se pode debitar ao acaso o fato de os países que apresentaram elevado grau de desenvolvimento nas últimas décadas estarem no rol dos mais bem classificados nos testes internacionais de Ciências e Matemática. No topo desse ranking estão China, Hong Kong, Finlândia, Cingapura, Coreia do Sul, Japão e Canadá. E, se queremos participar desse honroso cortejo – o dos países econômica e socialmente com elevado grau de desenvolvimento nas últimas décadas –, o bom ensino da Matemática, Física, Química, Biologia tem que ser priorizado.

A Coreia do Sul nos anos 70 resignava-se com indicadores econômicos e educacionais até um pouco piores que os nossos. Trabalho persistente, cultura de valorização do estudo e elevados investimentos na educação fizeram daquele tigre asiático uma das mais bem-sucedidas nações emergentes. Hoje, cerca de 40% dos jovens sul-coreanos entre 18 e 24 anos estão nas universidades. Aqui, apenas 12%. Se no Brasil a ênfase são as Ciências Humanas, lá são as pesquisas e o ensino em Ciências Exatas. Ir bem ou mal em testes internacionais de Matemática tem elevado significado, pois, nas oportunas palavras do pensador francês Jacques Chapellon, *“existe paralelismo fiel entre o progresso e a atividade matemática; os países socialmente atrasados são aqueles em que a atividade matemática é nula ou quase nula”*.

Como é uma atividade solitária, o aluno brasileiro não é atraído, pois culturalmente é pouco valorizada, quando não motivo de pilhérias ou *bullying*. “*Não menospreze os nerds da sua escola. Você ainda irá trabalhar para um deles*”, aconselha Bill Gates, que, juntamente com Steve Jobs, foram proeminentes nas disciplinas de Ciências Exatas.

A Matemática é uma ciência sisuda, sinistra, lúgubre, abstrata e tem cara de poucos amigos – assim pensam muitos que por ela foram humilhados. No entanto, sendo a Matemática a rainha e serva de todas as ciências, uma das joias da coroa de Sua Majestade, é lúdica, bem-humorada, hilária e se apresenta na forma de quebra-cabeças, passatempos, sudokus, diversos games, xadrez, soroban, causos e galhofas. Que divertem e são bálsamos para as horas de tédio ou quando falta companhia. Ademais, ensinam a têmpera racional da mente. Merecidamente, o mercado de trabalho valoriza o profissional leitor e dotado de raciocínio lógico.

Os quebra-cabeças são desafios estimulantes. Dos milhares existentes, escolho dois: 1) - Três gatos comem três ratos em três minutos. Cem gatos comem cem ratos em quantos minutos?; 2) - Numa lagoa, há dois patos na frente de dois patos, dois patos no meio de dois patos e dois patos atrás de dois patos. Quantos patos há na lagoa? Após muitas sinapses, chegamos às respostas: três minutos e quatro patos. A filosofia popular é recorrente desde os para-choques dos caminhões: “*A minha vida é como a Matemática, cheia de problemas*”.

Histórias pitorescas sempre têm um pouco de fantasia, principalmente quando se reportam a homens bem-sucedidos. Conta-se que na Universidade de Harvard havia um professor de Cálculo Integral extremamente rigoroso. Na última avaliação do ano, elaborou uma prova muito difícil e lançou um desafio a seus alunos: “*se um de vocês tirar nota dez nesta prova, peço demissão da Universidade e serei seu assessor*”. Era seu aluno um fedelho de 17 anos, no entanto, brilhante nessa disciplina. Obteve nota 9,5. Até

hoje, o nosso caro professor lamenta ter sido tão exigente. Perdeu a oportunidade de se tornar um dos homens mais ricos do planeta. Em tempo: o aluno se chamava Bill Gates.

Enfim, a Matemática tem seus encantos, apesar do rigor e de sua linguagem fria e sincopada. Contemplando as leis físicas e universais, a harmonia e a beleza do Universo, já se disse que a mente de Deus é matemática. E em valorização ao cômico e divertido, não é difícil anuir com Umberto Eco: *“O riso aproxima o homem de Deus”*. Se vivemos hoje a Era do Conhecimento, é porque alçamos sobre ombros de gigantes do passado. A Internet representa um poderoso agente de transformação do nosso *modus vivendi et operandi*. *“Aprender é como parto: é uma coisa linda, mas dói”*, ensina Pedro Demo. Para retirar uma comunidade do atraso, não basta o aporte substancial de recursos tecnológicos e financeiros. Requer pessoas comprometidas e altruístas para alterar a cultura e o *status quo* de latência, apatia e falta de iniciativa. Requer professores motivados e bons didatas, com disposição alegre e com visão holística.

De todas as ciências, a Matemática é serva e rainha. Serva, pois não há ciência sem o rigor de seus fundamentos, e rainha, pois Sua Majestade enseja o apanágio da lógica e da estética, numa linguagem precisa, universal e sincopada. É bem verdade que também é considerada uma ciência abstrata, provocadora das maiores humilhações. Em resumo, é têmpera racional da mente ou bicho-papão. É paraíso ou inferno, que não contempla purgatório, nem indiferença.

Alheios a esses paradoxos, valemo-nos das palavras de Leibnitz: *“A Matemática é uma honra do espírito humano”*. Enfim, a nossa rainha tem muitos encantos. Não conheci quem nela mergulhasse fundo e não fosse tomado de enlevo. Em justa homenagem, reverencio o físico e escritor argentino Ernesto Sábato, uma vez que se faz pertinente ao referir-se à Matemática: *“um mundo de infinita harmonia, com seu universo platônico, com sua ordem perfeita, seus objetos eternos e incorruptíveis, de uma beleza ímpar”*. Ele recorda

que esta imagem advém desde os 12 anos, quando *“sentiu uma espécie de vertigem ao assistir à demonstração de um teorema”*.

Os antigos gregos desenvolviam a Matemática não com escopo prático, utilitarista, mas movidos pelo desafio intelectual ou pelo sublime prazer de pensar. Houve dois problemas que se tornaram clássicos para os helênicos: a quadratura do círculo e a duplicação do cubo, e como supremo desafio, propunham que a solução teria que ser advinda apenas com régua e compasso. Mesmo com o advento da Álgebra, cuja solução é trivial, os matemáticos persistiram na busca de uma solução geométrica. Esses dois gigantescos desafios atravessaram 22 séculos, até que, em 1837, Pierre L. Wantzel, com apenas 23 anos, genial professor da renomada École Polytechnique de Paris, demonstra que os dois problemas são irresolúveis apenas com régua e compasso.

Extenuante tarefa tal qual o personagem mitológico Sísifo? Não, pois a Matemática avançou extraordinariamente na busca das respostas. Igualmente árdua foi a faina para se provar a irracionalidade do π (π), e vinte séculos separam Arquimedes de Joham Lambert, que, em 1761, provou que π (π) não pode ser representado na forma de fração de dois números inteiros. E o que afirmar do zero – símbolo do nada, tão prosaico e desprezível para os estudantes? Sua criação exigiu extraordinária abstração e foi considerado tão importante quanto a invenção da roda ou o domínio do fogo. Desconhecido dos antigos gregos e romanos, foi apresentado à Europa pelos árabes apenas na Idade Média.

O paradoxo é que os cientistas estão desenvolvendo tanto os computadores, que eles ainda nos ensinam a pensar. Blague à parte, a Matemática desenvolve o raciocínio e autodidatismo, e o hodierno desenvolvimento tecnológico exige cada vez mais elevado tirocínio mental para o entendimento de textos ou elaboração de algoritmos sem um professor para auxiliar. Desconstrói-se, descaracteriza-se, desmerece-se a Matemática

quando o seu ensino fica restrito à memorização e à aplicação de fórmulas. Um crime de lesa-majestade à nossa rainha, sendo a principal joia da sua coroa o encadeamento lógico, que promove a autoconfiança para descobrir e pesquisar outros temas da vida prática e das ciências.

A parceria família-escola: “tecendo pessoas”

“Ao aprimorar a percepção da perspectiva do outro e expressar sentimentos com maior clareza sem recorrer à agressão, os envolvidos nos episódios a serem tratados conseguem ter uma visão maior da rede de relacionamentos, reconhecer a contribuição de cada um para o que aconteceu e gerar ideias para restaurar a boa qualidade da interação. Desta forma, quem faz parte do problema passa a fazer parte da solução.”

A “tecelagem neuronal”

Uma das mais fantásticas descobertas da neurociência é a visão do cérebro como um “órgão social” e o reconhecimento da influência dos relacionamentos no processo de fazer, desfazer e refazer circuitos neurais. Nascemos programados para nos conectar uns com os outros e conosco mesmos: o que pensamos e sentimos também constrói e reconstrói nossos circuitos neurais durante toda a vida.

O desenvolvimento tecnológico nos permite, atualmente, observar em tempo real o que acontece no nosso cérebro quando estamos sob o impacto de fortes emoções desencadeadas por nossos processos mentais



Crédito: Micael Hoeherman.

Maria Tereza Maldonado é mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio e membro da American Family Therapy Academy. Foi docente da PUC-Rio, da Universidade Santa Úrsula e da Fundação Getulio Vargas (FGV-RJ). É autora de 35 livros e dezenas de artigos publicados no Brasil, Estados Unidos e Argentina.

ao interagirmos com outros ou quando mergulhamos em nossos próprios pensamentos. Pesquisas de acompanhamento mostram as diferenças na “arquitetura cerebral” de crianças que sofreram abandono, estresse crônico e outras formas de violência em comparação com as que, ao nascerem, foram recebidas com amor e adequadamente estimuladas por suas famílias e pelos educadores nos primeiros anos de vida. Outros estudos mostram também a possibilidade de reparação da “arquitetura cerebral” danificada no início da vida quando essas crianças são posteriormente acolhidas por pessoas disponíveis para acompanhar seu desenvolvimento com amor, carinho, atenção e boa estimulação. Elas podem crescer bem, apesar do contexto desfavorável que encontraram quando chegaram ao mundo.

Portanto, o conceito de neuroplasticidade tornou-se fundamental para entendermos o funcionamento do nosso cérebro “do berço ao túmulo”: somos capazes de fazer mudanças expressivas em nossa maneira de ser, pensar, sentir e agir em qualquer época da vida, e tudo isso se reflete na “tecelagem neuronal”. Quando nos relacionamos com crianças e adolescentes no contexto da família e da escola, temos inúmeras possibilidades de nos desenvolver como pessoas e como aprendizes da vida. Dessa forma, como membros de famílias e de equipes educacionais, “tecemos pessoas”. Esse olhar que a neurociência nos apresenta torna ainda mais fundamental a construção de uma parceria família-escola sólida e eficiente.

“Tecendo pessoas” para o século XXI

O Relatório 2013 do Fórum Econômico Mundial aponta os principais riscos globais para a humanidade, com destaque especial para as crises econômicas e ambientais que marcam a necessidade de uma grande mudança de paradigmas. Para enfrentá-las, é

preciso trabalhar o fortalecimento da resiliência pessoal, familiar e comunitária. Pode-se definir resiliência, em termos gerais, como a capacidade de superar adversidades e contornar obstáculos buscando novos recursos de ação com flexibilidade e dinamismo, sem se deixar abater pelas dificuldades encontradas. Podemos desenvolvê-la em qualquer época da vida, inclusive em crianças pequenas. Também para isso, a parceria família-escola é essencial.

A resiliência inclui a coragem de efetuar as mudanças necessárias, saindo da “zona de conforto” de antigos hábitos e modos de pensar. Para estimular crianças e adolescentes a desenvolver esse recurso, precisamos começar por nós mesmos. O mundo no século XXI é inseguro, imprevisível e não oferece garantias: começamos a vislumbrar efeitos assustadores das mudanças climáticas, observamos com apreensão a instabilidade e a recessão econômica em países desenvolvidos, as altas taxas de desemprego e o fluxo migratório crescente em decorrência de guerras, crises sociais e catástrofes ambientais. Está ficando cada vez mais claro que os conceitos atuais de “desenvolvimento” e “progresso” são insustentáveis devido à exploração excessiva dos recursos naturais que a Terra não tem mais condições de repor. Portanto, precisamos rever nossos padrões de consumo e o desejo de acumular bens materiais como modo de definir o que são pessoas ou sociedades bem-sucedidas. Precisamos também desenvolver mais a fundo o olhar sistêmico, assim como a disposição para colaborar para o bem-estar da coletividade, em vez de enfatizar a competição para ver quem é o “melhor” ou o “mais forte”.

Com o avanço da tecnologia da informação, podemos saber o que se passa pelo mundo em tempo real e constatamos que estamos cada vez mais interdependentes. Fazemos parte de redes de relacionamentos desde a época da gestação, como mostram os inúmeros estudos sobre a estruturação dos vínculos em fetos e em recém-nascidos: agora sabemos que eles são muito mais competentes do que imaginávamos há poucas

décadas. Na parceria família-escola eficaz, as crianças, desde a etapa da Educação Infantil, desenvolvem a noção de que fazem parte de uma “equipe familiar” integrada com a “equipe escolar”, alicerce indispensável para perceber com clareza que todos nós fazemos parte de grandes redes de relações para as quais precisamos oferecer nossas contribuições e, mais ainda, que pertencemos à grande teia da vida que precisamos preservar e cuidar bem.

As gerações dos “nativos digitais” aprendem e ensinam: diante das profundas revisões e mudanças que precisam ser feitas, da velocidade dos acontecimentos, da espantosa enxurrada de informações disponíveis, as pessoas das gerações anteriores também precisam desenvolver cada vez mais a flexibilidade de pensamento e de ação para “pensar fora da caixa” e gerar ideias inovadoras. Escolas e famílias precisam criar caminhos novos (de preferência, com uma boa parceria) para acompanhar o crescimento dos que estão nascendo no estado atual do mundo. Como aprender a transformar problemas em recursos para lidar com as dificuldades? Como se entusiasmar com os desafios criando novas formas para enfrentá-los, em vez de desistir, desanimado ou desesperado? Como desenvolver o espírito empreendedor para vislumbrar oportunidades e criar trabalho em contextos de redução da empregabilidade? Como aprender a viver mais com menos, na linha do consumo consciente e da simplicidade voluntária, preparando-se para viver bem em tempos de escassez e não de abundância? Essas são apenas algumas perguntas que convidam à reflexão de todos nós que cuidamos de crianças e de adolescentes.

“Tecendo inteligências”: a função dos limites

Viver em redes de relacionamentos (presenciais e virtuais) cada vez mais abrangentes pressupõe a necessidade de aprender a conviver com as diferenças

e a gerenciar os conflitos que surgem a partir daí. Para isso, é essencial ampliar a capacidade de escuta para captar os diferentes pontos de vista das pessoas de um grupo, desenvolver a empatia para conseguir se colocar no lugar dos outros, entender que a verdade tem múltiplas vertentes e saber se expressar com clareza e respeito pelos demais. Sintetizando: potencializar inteligências, especialmente a emocional e a social.

Na década de 1990, neurocientistas começaram a pesquisar mais a fundo os “neurônios-espelho”, ativos desde os primeiros anos de vida: são considerados como a base neurofisiológica da empatia. Portanto, na parceria família-escola, é possível aproveitar inúmeras ocasiões do dia a dia (em que, por exemplo, crianças pequenas disputam brinquedos com socos e pontapés ou expressam com gritos e mordidas a raiva vinda da frustração de desejos) para fortalecer a “tecelagem” neuronal que permite a construção da visão do outro e a percepção de que é preciso fazer “combinados” em vez de querer obter o que deseja “no tapa e no grito”. Com isso, pouco a pouco, as crianças conseguirão perceber com mais clareza o impacto de suas ações sobre o comportamento dos outros e desenvolver recursos de relacionamento mais eficazes.

Investir no desenvolvimento dessas inteligências na etapa da Educação Infantil é o mais indicado para consolidar a “tecelagem neuronal” no decorrer da infância e da adolescência, aproveitando ao máximo a neuroplasticidade dos circuitos. É a melhor preparação para a vida adulta, nos aspectos afetivos, sociais e profissionais. No mundo mutável e instável do trabalho, não basta ter competência técnica e disposição para se manter atualizado: assalariados e trabalhadores autônomos capazes de construir redes de relacionamento de boa qualidade conquistam boas posições no mercado.

Aprender a esperar e a tolerar frustrações, assim como ter flexibilidade para pensar em alternativas viáveis quando alguns desejos não podem ser realizados, são aspectos importantes da inteligência emocional. O fortalecimento da resiliência depende muito

desse processo e a função dos limites claros, coerentes e consistentes é essencial para tudo isso. Por exemplo:

- Sei que você quer brincar com essa faca, mas isso é perigoso, pode machucar você. Vamos descobrir outra coisa para você brincar!

- Você quer contar sua história, mas sua colega levantou a mão antes. Quando ela terminar, chegará sua vez!

A neurociência mostra que, na criança pequena, as estruturas do sistema límbico (o chamado “cérebro emocional”) estão mais desenvolvidas do que o córtex cerebral (que nos permite pensar com lógica e planejar nossas ações, entre outras funções). Por isso, a criancinha vive na “lei do desejo” (“quero agora!”): é difícil esperar ou interromper uma atividade prazerosa para fazer uma “obrigação”, a força do desejo toma conta da criança que fica furiosa e desesperada quando não consegue o que quer. Os limites atuam como um “freio externo” que, pouco a pouco, será internalizado até se consolidar a “lei da realidade” (“nem sempre posso fazer o que quero, do jeito quero, na hora em que quero”). É interessante observar o processo da interiorização do freio representado pelos limites: ao ouvir o “Não!” a criancinha torna a pegar o objeto desejado e proibido; na etapa seguinte, ela própria diz “não” para, em seguida, pegá-lo; impede outra criança de fazer a ação proibida (mas a regra não vale para ela mesma...) até que, por fim, consegue tomar conta do seu desejo e voltar-se para algo permitido. O controle da impulsividade é essencial para aprender a aprender e a conviver: é um ingrediente básico da “tecelagem das inteligências”.

A administração da raiva

Além de atuar eficazmente no processo de controlar a impulsividade dos desejos, os limites são também indispensáveis para o processo de “aprender a tomar conta da

raiva antes que ela tome conta da gente”. As cenas de crianças mordidas e chutadas fazem parte do cotidiano da Educação Infantil e dão margem, muitas vezes, a conversas difíceis entre os educadores e os pais (dos mordidos e dos mordedores...). O processo de transmitir à criança que sentir raiva é normal e inevitável, mas que precisamos diferenciar entre expressões aceitáveis e inaceitáveis, é delicado, complexo porém imprescindível:

- Eu vi que você ficou raiva quando ela rasgou o seu desenho, mas vamos descobrir outro jeito de mostrar a sua raiva sem bater na colega!

Muitos pensam que liberdade de expressão significa dizer ou fazer o que queremos, mesmo de modo grosseiro e desrespeitoso, esquecendo que as palavras também ferem e maltratam os relacionamentos. Podemos expressar o que nos desagrada sem ofender, insultar ou humilhar os outros. Porém, muitos conflitos entre pais e educadores se originam dessa confusão de conceitos: espontaneidade não é sinônimo de truculência, limites bem colocados não traumatizam as crianças, desejar que o filho cresça com liberdade não significa tolerar condutas selvagens e indevidamente hostis, como vemos com incrível frequência nas relações familiares, escolares e nas redes sociais da praça pública do ciberespaço.

Essa confusão de conceitos faz com que muitas pessoas entrem na idade adulta sem conseguir completar satisfatoriamente o processo de administrar a própria raiva: são os “destemperados” que explodem no trânsito, nos bares, nas equipes de trabalho ou em inúmeros episódios de violência intrafamiliar. A energia agressiva é indispensável para nos expressarmos com assertividade e ganharmos força para transformar obstáculos em caminhos: para isso, precisa ser canalizada para fins construtivos, no decorrer da infância e da adolescência. Quando isso não acontece, pode resultar em ações violentas como, infelizmente, presenciamos em tantos cenários. A agressividade é inata, a violência é aprendida como linguagem e como estratégia de poder nos relacionamentos. É preciso desaprender a linguagem da violência e cultivar o respeito.

O convívio cotidiano na família e na escola oferece incontáveis possibilidades de aprender a gerenciar conflitos de modos não violentos e de reparar danos causados por episódios de agressões físicas ou verbais. Nas escolas, as experiências com os círculos restaurativos e as rodas de conversas revelam transformações positivas na qualidade dos relacionamentos. Ao aprimorar a percepção da perspectiva do outro e expressar sentimentos com maior clareza sem recorrer à agressão, os envolvidos nos episódios a serem tratados conseguem ter uma visão maior da rede de relacionamentos, reconhecer a contribuição de cada um para o que aconteceu e gerar ideias para restaurar a boa qualidade da interação. Dessa forma, quem faz parte do problema passa a fazer parte da solução.

Parceria família-escola na prevenção ao bullying

As ações que caracterizam o bullying (padrão repetitivo de agressões físicas e verbais, exclusão, intimidação e ameaças por abuso de poder com a clara intenção de prejudicar os “alvos”) sempre aconteceram no ambiente escolar, mas eram vistas como “brincadeiras de crianças”. Quando a tecnologia ampliou significativamente a interação com um gigantesco número de pessoas, essas ações se ampliaram exponencialmente, por meio de celulares, computadores e outros aparelhos: no cyberbullying, a perseguição, os insultos e a intimidação acontecem a qualquer hora e em qualquer lugar do ciberespaço, agravando o problema. Não é mais possível considerar essas ações como brincadeiras sem consequências: são padrões de agressão que, se não forem adequadamente tratados no decorrer da infância e da adolescência, podem migrar para a idade adulta, gerando grandes dificuldades nas relações de trabalho (o “assédio moral”, que alguns autores passaram a chamar de “bullying no local de trabalho”), na convivência com vizinhos e amigos, e nas relações familiares (violência intrafamiliar).

Com o aumento de visibilidade de casos mais graves de bullying e cyberbullying, muitas famílias dos que sofrem bullying estão pressionando os educadores a adotarem ações mais incisivas, ao passo que as famílias de muitos dos que praticam bullying tendem a minimizar o impacto dessas ações e acusam os educadores de perseguirem seus filhos que apenas estavam “brincando ou se expressando”. Por sua vez, muitos educadores se queixam de que as famílias passaram a considerar como “bullying” simples episódios de desentendimentos normais e corriqueiros entre alunos e adotam uma postura de intimidação, ameaçando denunciar a escola aos órgãos competentes. O clima família x escola, evidentemente, não contribui para resolver essas questões. É preciso atacar o problema sem atacar as pessoas.

As melhores estratégias de prevenção do bullying estão centradas na educação em valores e na gestão de conflitos, feitas a partir de uma boa parceria família-escola. O respeito ao outro, a boa escuta e a disposição de criar soluções satisfatórias para ambas as partes são posturas e ações a serem cultivadas no cotidiano da casa e do ambiente escolar para criar contextos em que todos consigam viver em paz. A parceria família-escola também é essencial na prevenção do cyberbullying: os “nativos digitais” precisam aprender a usar a tecnologia com responsabilidade e ter noções claras de autoproteção ao navegarem na internet nos jogos interativos e nas redes sociais. Muitas famílias pensam que “respeitar a privacidade” inclui deixar os filhos trancados em seus quartos com seus aparelhos, sem terem a menor ideia do que as crianças e os adolescentes fazem na praça pública do ciberespaço. A troca de ideias entre pais e educadores para acompanhar a “vida digital” de crianças e adolescentes, oferecendo orientação para uma navegação responsável e segura, é essencial para prevenir o surgimento de muitos problemas. A partir dessa conversa eficaz, podem surgir os programas de longa duração para a prevenção do bullying, inseridos no projeto pedagógico da escola, assim como a

elaboração dos contratos de convivência em que a escola assume, juntamente com as famílias, a responsabilidade de não tolerar ações de bullying e cyberbullying, fazendo o trabalho necessário com toda a rede de relacionamentos com o objetivo de cuidar da qualidade do convívio.

Palavras finais

Crianças, adolescentes e adultos que vivem no contexto urbano atual estão com a agenda cheia de atividades e compromissos. O tempo de convívio é escasso – diz a grande maioria. Porém, quando não temos tempo, precisamos criar tempo, revendo prioridades para perceber o que realmente importa nas escolhas que fazemos. Não dá para “terceirizar” a educação dos filhos, esperando que a escola seja a principal responsável por acompanhar o desenvolvimento de crianças e adolescentes; tampouco é útil a postura de alguns educadores de lançar um olhar extremamente crítico para as famílias que “deixam as crianças completamente soltas, sem um pingão de educação”. Precisamos juntar as competências da família e da escola. Afinal, pais e educadores querem o mesmo: contribuir para que a “tecelagem” de crianças e de adolescentes que estão sob seus cuidados aconteça da melhor forma possível, para que sejam capazes de fazer boas escolhas e de cuidar bem de si mesmos, dos outros e do ambiente em que vivem.

O “Bom Professor”: estilos de liderança em sala de aula

*“A poesia é uma utilização especial da linguagem que se abre para o real.
A tarefa do poeta é contar a verdade. Por isso, na tradição celta, nenhuma
pessoa pode ser um professor a não ser que seja um poeta.”*
(Huston Smith)

A tarefa de um professor deve ser contribuir para tornar crianças e adolescentes autorregulados e prontos para buscar sua identidade e autonomia. A instituição escolar sempre foi considerada uma forte influência sobre o comportamento de seus alunos, em especial crianças e adolescentes, que ainda estão em desenvolvimento. A escola é um sistema análogo ao sistema familiar, e crianças e adolescentes estão na interseção desses dois contextos primários e fundamentais do desenvolvimento humano. Analisar de maneira ecológica (BRONFENBRENNER, 1996) e funcional (NOVAK & PELAEZ, 2004; WEBER, 2012) o caminho e os processos existentes entre a criança, a família, escola e a vida comunitária possibilita traçar novas estratégias mais efetivas para o processo de ensinar e aprender.



Crédito: Roberto Dziura.

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber é psicóloga, mestre e doutora em Psicologia Experimental (USP), pós-doutora em Desenvolvimento Familiar (UnB), professora e pesquisadora da UFPR.

Os fatores educacionais podem contribuir tanto para os problemas quanto para o desenvolvimento de um repertório comportamental adequado dos alunos, ou seja, podem ser tanto fatores de risco quanto de proteção. Entre os fatores que mais influenciam o comportamento e o desempenho acadêmico estão o currículo escolar, tipo de escola e suas normas acerca de disciplina e comportamento, proporção entre professores e alunos de uma classe, envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, existência de ambiente inadequado para estudar, *bullying* escolar, habilidades escolares prévias ao tema estudado no presente, qualidade dos relacionamentos com professores e entre colegas, estilo de ensinar do professor, entre outros. Neste artigo, pretendemos abordar o último tema e mostrar como o clima que o professor cria em sua classe está fortemente relacionado com todo o âmbito de aprendizagem e das relações interpessoais. Diferentes pesquisadores apontam que relações positivas e um bom gerenciamento da classe são estratégias necessárias para estabelecer contextos que contribuem para a competência comportamental e acadêmica de estudantes de todos os níveis.

Refletir sobre o estilo de um professor ou o clima escolar é algo recente, pois o sistema escolar raramente questionava seus métodos de ensino e disciplina. Antes do século XV, os estudantes não estavam submetidos a uma autoridade disciplinar, a uma hierarquia escolar – apenas a partir dessa época é que se difundiu uma nova ideia de educação formal, com uma disciplina maior e princípios mais rígidos. O estabelecimento de regras de disciplina conduziu a evolução da escola medieval ao colégio moderno, uma instituição não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento da juventude. Assim, de acordo com a civilidade pueril defendida por Erasmo, as manifestações do corpo revelam as disposições da alma. Dessa forma, o homem interior proposto pela pedagogia “das boas maneiras” deveria ser reformado, regulando as manifestações do corpo. Descobriu-se, então, a necessidade de organização escolar, originada na

disciplina eclesiástica ou religiosa, a qual conseguia manter os alunos em submissão ao professor, sem questioná-lo (ARIÈS & DUBY,1991).

Durante séculos, a relação entre professor e alunos ocorria simplesmente a partir do massivo controle do professor e da submissão do aluno. Evidente que a disciplina autoritária não aconteceu apenas na história da escola, uma vez que a história da humanidade foi sempre embasada no uso do poder, do controle coercitivo e das ameaças. No momento em que a aprendizagem tornou-se formal, os diretores, mestres e outros membros do ambiente escolar tornaram-se depositários de uma autoridade superior utilizando a aplicação ampla de punições, inclusive corporais. Crianças e adolescentes sofriam com práticas que se caracterizavam por uma humilhação deliberada, qualquer que fosse sua condição social (ÁRIES & DUBY, 1991; TORRES, 2004; WEBER, VIEZZER & BRANDENBURG, 2004).

Com o passar do tempo, foi surgindo a concepção de que a infância não era uma idade servil e, portanto, não merecia ser metodicamente humilhada. Pouco a pouco, a famosa palmatória foi excluída do contexto escolar e as práticas de delação foram abandonadas. Rousseau, no século XVIII, marcou um novo conceito de infância: ela não era corrupta, mas poderia ser corruptível. Não era algo contra o que se devesse lutar, mas era preciso cuidá-la para que não se deformasse em erro. A criança começou a ser valorizada como um ser humano que necessita de cuidados e atenção especiais. Esse período marcou uma maior aproximação entre os filhos e seus pais, bem como um ambiente mais afetivo entre professores e seus alunos (MELLO NETO, 1998; ROIG & OCHOTORENA, 1993; WEBER & cols., 2004).

Para que o desenvolvimento socioafetivo da criança ocorra de maneira global e saudável, é essencial que sua educação escolar seja coerente. É fundamental que os professores estabeleçam regras adequadas visando ao bom convívio em sala de

aula e é necessário que o professor compreenda que existem maneiras corretas de apresentar consequências aos alunos por seus comportamentos. Uma educação acadêmica de qualidade deve levar em consideração as características de todos os envolvidos: professor, aluno e escola. Já se sabe que a violência física ou abuso moral são inconcebíveis como formas de disciplina familiar ou escolar, mas existe uma maneira velada, e também inadequada, de se manter o controle de forma autoritária que apenas dissimula a verdadeira relação de poder na sala de aula. Professores conscientes sabem que o autoritarismo gratuito não produz resultados desejados, e a época de *manum ferrular subducuere* (dar a mão à palmatória) faz parte da história passada. No entanto, ainda existem entre nós muitos métodos que são substitutos para a palmatória e igualmente prejudiciais. Existem também aqueles professores que, na ânsia de se mostrarem “democráticos” e conquistar assim a simpatia dos alunos, acabam mascarando o seu poder, talvez inspirados nas lições que Rousseau escreveu como deveria ser o tratamento do aluno: *“deixe o aluno acreditar que está sempre no controle, embora seja sempre você (o professor) quem realmente controla. Não há subjugação tão perfeita como a que mantém a aparência da liberdade, pois, desse modo, como se captura a própria volição”* (WEBER, 1986; 2003).

Em nosso país, o trabalho do professor, em diferentes níveis, tende a ser pouco valorizado. Ponce (2004) afirma que, em geral, os professores são profissionais desconsiderados, vivem sobrecarregados, muitas vezes precisam se envolver em tantas tarefas burocráticas que pouco podem dedicar-se àquilo que lhes é fundamental. Professores que atuam em escolas particulares reclamam de que sua autoridade foi retirada: os alunos acreditam que, por estarem pagando a escola, têm o direito de se sobrepor ao professor. Dessa forma, o controle passa a ser do aluno a partir da ameaça da perda do emprego. Estudos revelam que o absentismo do professor é devido, em

grande parte, ao estresse ocupacional, e grande parte dos professores declara que não escolheria a carreira novamente. A difícil tarefa dos professores poderia ser minimizada se tivessem acesso a um conhecimento aprofundado acerca do comportamento humano, ao desenvolvimento infanto-juvenil, às formas corretas de consequenciar comportamentos e a um gerenciamento eficaz do seu próprio estilo de ensinar e de conduzir sua classe.

Apesar de este texto apresentar o título “o bom professor”, é primordial ter certa precaução com dois “ídolos da escola” que podem afetar aqueles que desejam melhorar o ensino. O primeiro é justamente o ídolo do *Bom Professor*: trata-se da crença de que o que um bom professor pode fazer, qualquer outro também pode. Alguns professores são, é claro, particularmente eficazes. São pessoas naturalmente interessantes e que tornam as coisas atraentes para os alunos. O segundo ídolo é o do *Bom Aluno*: é a crença segundo a qual o que um bom aluno pode aprender, qualquer um pode. Porque têm superior habilidade ou porque tenham sido expostos anteriormente a ambientes mais favoráveis, alguns estudantes podem aprender sem serem ensinados. De fato, existe muita idealização, tanto do professor quanto do aluno. As expectativas dos alunos em relação aos professores são inúmeras: deve ser motivador, extrovertido, simpático, que não se coloque num “pedestal”, entre outras. Os professores, por sua vez, esperam que seus alunos sejam obedientes, quietos e mostram altas habilidades, aprendendo até mesmo sem os professores. Em verdade, um dos aspectos mais importantes, de ambos os lados, é a habilidade em criticar a realidade, incluindo a sua própria realidade, e a capacidade de produzir conhecimentos novos (SKINNER, 1972; WEBER, 1986; 2003). É fácil observar o que a História revela: as expectativas em relação aos alunos foram se alterando ao longo do tempo. O bom aluno era visto como apenas obediente e passivo – embora antiga, essa visão ainda pode ser facilmente encontrada nos dias

atuais. Todos sabem que um aluno que possua boas habilidades sociais, que também questione o professor e saiba colocar sua opinião, pode ser considerado inconveniente se o professor não construir, também, um repertório comportamental assertivo, seguro e participativo.

Um desafio dos professores é justamente buscar o equilíbrio entre as suas cobranças e sua capacidade de responder aos alunos sob sua responsabilidade, deixando de lado as antigas ameaças e coerções. De maneira geral, o relacionamento entre professores e alunos passa por diversas fases ao longo de sua trajetória acadêmica, iniciando com uma relação muito afetiva e apresentando ao longo dos anos um gradual “esfriamento”, chegando até mesmo a tornar-se indiferente ou opositivo ao ingressar na universidade. Embora a responsabilidade desse ambiente mais afetivo não seja apenas do professor, como muitas vezes acreditam os alunos, é o professor quem, supostamente, detém maior maturidade e competências adquiridas para lidar com grupos e com diferentes estágios de desenvolvimento. Essa interação professor-aluno tem papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois a qualidade das interações sociais presentes na educação constitui um componente importante para que sejam alcançados os objetivos e o aperfeiçoamento do processo educacional. O desenvolvimento socioemocional dos alunos nunca pode ser deixado de lado, e *“há, portanto, uma concordância quase unânime sobre a necessidade de aprimoramento das competências sociais de alunos, professores e demais segmentos da escola”* (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2001).

Um bom relacionamento entre professor e alunos não é apenas o de um professor “bonzinho”, pois existem muitas dimensões complexas e entrelaçadas envolvidas. No entanto, uma pesquisa realizada com alunos, professores e pais de adolescentes (TORRES, 2004) revelou que tanto alunos quanto pais percebem o “bom professor”

como aquele que tem características pessoais afetivas e um ótimo relacionamento com os alunos. Os professores falam em recursos didáticos e conhecimento da matéria, além do bom relacionamento. A pesquisa revelou que os professores de quem as pessoas mais se recordam em suas vidas são justamente aqueles que conseguiram estabelecer um relacionamento agradável e afetivo com sua classe. Como, então, o professor pode criar um clima em classe que favoreça o aprendizado, que ele compreenda os alunos, respeite-os e mostre envolvimento em sua tarefa? Todos nós temos preferências ou maneiras diferentes de fazer algo. Algumas delas são genéticas, como ser destro, por exemplo, outras estão fortemente embasadas em nossas experiências passadas e no modo como fomos ensinados. Como os professores são adultos, são eles que exercem forte influência em seus alunos, em especial crianças e adolescentes, pois têm a liderança de sua classe, e é esse aprendizado que precisam construir ao se tornar educadores.

As pessoas costumam classificar os professores de diferentes maneiras, geralmente levando em conta apenas uma característica subjetiva; dizem, por exemplo, que aquele professor é “legal com os alunos”, o outro é “tirano”, “bonzinho” ou “preguiçoso”. Para entender como um professor deve agir em sala de aula para obter resultados ótimos, é preciso falar de estilos de liderança de professores e isso implica analisar mais do que uma característica do professor, como veremos a seguir. Estilo de liderança de um professor é a maneira como ele se comporta em sala de aula em relação ao que exige e ao que oferece aos alunos para ensinar os conteúdos programados. Ressalta-se que ensinar é um processo que tem o objetivo da aprendizagem por uma mudança comportamental do aprendiz e está permeada por emoções e sentimentos de ambos os lados. Liderança é um processo que serve para dar significado a um esforço coletivo e promover a aquisição do objetivo proposto, no caso, o ensinar-aprender – sim, verbos e não substantivos, como nos revelam KUBO E BOTOMÉ (2001): embora seja frequente

o uso dos substantivos “ensino” e “aprendizagem” para fazer referência aos processos “ensinar” e “aprender”, raramente fica claro que as palavras se referem a um “processo” e não a “coisas estáticas” ou fixas. A Análise do Comportamento pode contribuir para auxiliar no esclarecimento do que é o “processo ensinar-aprender”. O primeiro aspecto a considerar é que as expressões “ensinar” e “aprender” são dois verbos que se referem, respectivamente, ao que faz um professor e ao que acontece com o aluno como decorrência deste fazer do professor. Assim, ensinar é a classe de comportamentos do professor que tem como consequência a aprendizagem efetivada do aluno, ou seja, se não houve aprendizagem, não é possível dizer que o professor ensinou, pois *“um professor efetivo é aquele que arranja contingências especiais diante das quais o aluno adquire novas habilidades que lhe serão úteis mais tarde (...) e ensinar é o ato de facilitar a aprendizagem; quem é ensinado aprende mais rapidamente do que quem não é”* (SKINNER, 1972), revelando a importância que Skinner aponta aos professores.

Não podemos nos esquecer de que há diferentes variáveis dos alunos envolvidas na relação de sala de aula. Não é possível ao aluno aprender *tudo* o que um professor ensina, pois existem determinações genéticas, existem habilidades aprendidas anteriormente e, de forma menos contundente, existe a maneira como o aluno estuda e como ele aprende (por exemplo, há pessoas mais visuais mais verbais, sequenciais etc.) e o quanto já sabe sobre o tema. Ressalta-se que não é possível ao professor ter acesso à história passada nem ao modo como seus alunos aprendem; então, é essencial que tome consciência e aprenda um estilo de liderança adequado para otimizar essa delicada relação interpessoal.

Existem diferentes teorias que falam em estilos ou papéis de professores. Por exemplo, há pesquisadores (MOSSTON & ACHWORTH, 2002) que afirmam que os professores geralmente se aproximam de dois objetivos básicos: reproduzir e produzir. Aqueles que esperam que seus alunos sejam reprodutores desejam apenas que os

estudantes recordem ou reproduzam exatamente o que ele informou; e, aqueles que esperam que seus alunos produzam, desejam que os estudantes descubram novas informações ou soluções únicas para os problemas apresentados. Sabe-se que o primeiro tipo é o mais fácil e o mais comum, infelizmente. Há pesquisadores (MORGAN, SPROULE & KINSTON, 2005) que falam do clima gerado por professores comandantes, práticos, recíprocos, individuais etc. Parece evidente que a maioria dos professores pode ter diferentes comportamentos dependendo do dia, da classe ou de outras variáveis, no entanto, as pesquisas revelam que geralmente um comportamento padrão tende a ser repetido.

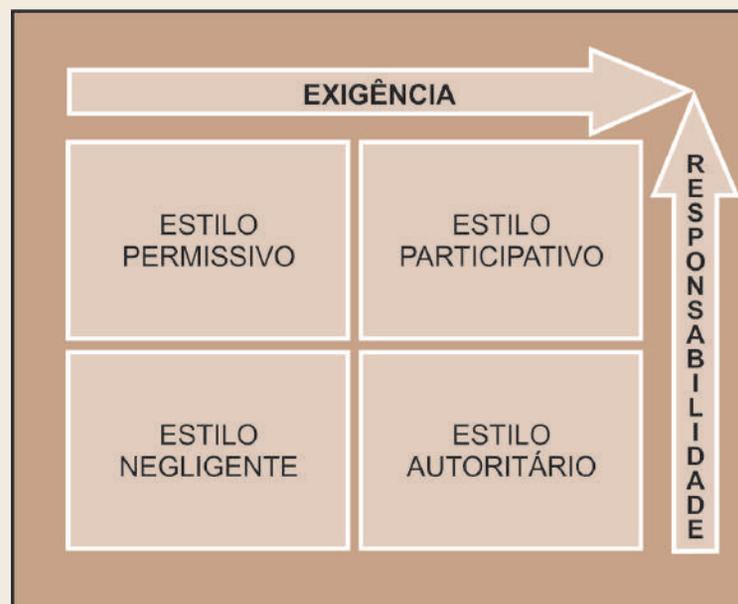
Para falar do clima emocional que um professor pode gerar em sala de aula, vou fazer uma comparação com a teoria de Estilos Educativos Parentais (BAURIND, 1966; BATISTA & WEBER, 2011, 2012; LAMBORN, MOUNTS, STEINBERG E DORNBUSCH, 1991; WEBER, 2012). Como atualmente as crianças e adolescentes tendem a passar mais tempo em contato direto com seus professores do que com seus pais, a influência do estilo do professor sobre o comportamento dos estudantes é impactante. Em primeiro lugar, é preciso enfatizar que nenhum *bom* estilo do professor deve incluir métodos coercitivos e punitivos; este fato já foi clarificado para a educação de filhos e para a educação formal na escola (SIDMAN, 1995; SKINNER, 2003). Infelizmente, a facilidade de utilizar métodos aversivos é tanta que está presente em diversos setores da sociedade. Os governos, a polícia, a escola, a religião e a família são agências controladoras que fazem uso significativo da punição. Mesmo no século XXI, os castigos, as penalidades e as punições são formas comuns de controle do comportamento das pessoas por aqueles que as empregam, as ensinam, as protegem, as governam e amam (WEBER, VIEZZER & BRANDENBURG, 2004).

Inicialmente, o modelo teórico de Estilos Educativos Parentais foi proposto por Diana Baumrind (1966). Ela mostrou um modelo de classificação dos pais com

três protótipos de controle: o controle autoritário, o controle permissivo e o controle autoritativo, considerado um marco teórico fundamental no estudo das relações entre pais e filhos, o qual produz milhares de pesquisas no mundo todo até o presente. O que se denomina “estilo parental” é o clima emocional que os criam em sua interação com os filhos por meio dos comportamentos disciplinadores (denominados práticas parentais) do seu envolvimento, do tom de voz e dos métodos coercitivos ou indutivos que utilizam com mais frequência (DARLING & STEINBERG, 1993). Outros dois pesquisadores, Maccoby e Martin (1983), desmembraram o estilo permissivo proposto por Baumrind em dois tipos: o estilo indulgente e o estilo negligente. Esses autores reorganizaram os protótipos iniciais por meio de duas dimensões, a exigência e a responsividade. A exigência diz respeito ao grau de controle dos pais sobre o comportamento dos filhos por meio da colocação de regras, monitoria e supervisão, enquanto a responsividade refere-se à participação efetiva e afetiva dos pais na vida dos filhos, a consideração dos pontos de vista das crianças e a clara manifestação de comportamentos de carinho e envolvimento. Assim, as características de cada estilo parental não devem ser vistas apenas sob um aspecto; o estilo parental é um índice, ou seja, é uma relação entre duas medidas, a exigência e a responsividade.

Os pais com estilo *autoritativo* (ou participativo) representam o modelo adequado de parentalidade, pois são tão exigentes quanto responsivos, revelando um equilíbrio entre o que esperam e o que oferecem aos filhos. Dessa maneira, os filhos devem responder aos limites colocados pelos pais, que também aceitam a responsabilidade de responder, tanto quanto possível, aos pontos de vista e razoáveis exigências dos filhos (fazendo com que ocorra uma reciprocidade na relação). Os pais com estilo *autoritário* são exigentes, mas pouco responsivos, fazendo com que as suas regras e limites fiquem em desequilíbrio – esperam dos filhos plena obediência perante suas demandas e, também, que eles inibam seus próprios pedidos e demandas. Os pais com estilo

indulgente se envolvem afetivamente com os filhos, mas se eximem de apresentar regras claras e de monitorar o comportamento. Por último, os pais com estilo *negligente* são pouco exigentes e pouco responsivos, apresentando uma tendência a se esquivar das dificuldades e reações negativas (e comuns) trazidas por seus filhos, não se envolvendo verdadeiramente com os seus papéis de pais; este é o estilo que traz mais prejuízos ao desenvolvimento infanto-juvenil. Centenas de estudos relacionam o estilo parental e a interação familiar com aspectos positivos e negativos no desenvolvimento da criança e do adolescente (por exemplo, COHEN & RICE, 1997; DORNBUSCH, RITTER, LEIDERMAN, ROBERTS & FRALEIGH, 1987; OLIVEIRA, MARIN, PIRES, FRIZZO, RAVANELLO & ROSSATO, 2002; WEBER, 2005). Traçamos, a seguir, um paralelo entre estilos educativos parentais e estilos de liderança de professores. A figura abaixo revela as duas dimensões utilizadas para classificar os estilos de liderança de professores:



Estilo de liderança autoritário: este estilo, centrado no professor, foi absolutamente utilizado durante o passado, mas, mesmo na atualidade, não é tão distante de muitos

docentes, que podem se sentir mais seguros ao adotar o autoritarismo para ministrar suas aulas. O professor com esse estilo é muito exigente e pouco responsivo. Ele apresenta uma disciplina rígida e absoluta, tem a obediência dos alunos como meta principal, desencoraja trocas verbais, mesmo aquelas em que os alunos perguntam sobre a matéria apresentada, e oferece poucas recompensas, incentivos ou respostas afetivas aos seus alunos. Esse professor apenas fala e os alunos devem escutar e pensar o que ele apresenta sem discordar jamais – ele define todas as regras, nunca sai do que foi programado, estabelece uma rotina inflexível e solicita uma série infundável de avaliações e tarefas. Não está preocupado com sua relação com os alunos e nem com a relação dos alunos entre eles. Como consequência, cria-se um ambiente enfadonho em sala de aula, uma rotina sem criatividade; ao mesmo tempo, os alunos podem apresentar problemas de comportamento interiorizado, tais como sentimentos de medo, ansiedade e baixa autoestima, em um ambiente muito desfavorável à aprendizagem de habilidades sociais. Os alunos desse professor geralmente são os que se denomina de “comportados”, mas pouco criativos, desanimados, e seu desempenho acadêmico pode não ser dos melhores, pois o ambiente que gera medo e tensão é altamente desfavorável à aprendizagem. A instituição pode, erroneamente, perceber esse professor como muito bom, pois seus alunos são quietos e obedientes, e jamais reclamam, com medo de que haja retaliação por parte do professor.

Estilo de liderança permissivo: é um estilo centrado na satisfação do aluno e pode estar presente tanto naquele professor ingênuo, que deseja apenas agradar, quanto naquele que, por inúmeras razões, apresenta baixa autoestima e tem muito receio de receber críticas negativas de seus alunos ou dos pais deles. Esse educador pode ser considerado um professor “legal”, “bonzinho”, e até ser chamado para festas dos alunos e homenagens. É um professor que apresenta muita responsividade, mas poucas exigências

(regras e limites). No dia a dia, faz mais gracinhas do que ensina e pode ser um “show de variedades”, contando histórias interessantes e piadas engraçadas, mostrando filmes do momento, mas, às vezes, pode ensinar muito pouco. Está sempre atento para resolver os problemas dos alunos, tem um bom relacionamento com eles, e geralmente solicita poucas tarefas e trabalhos muito fáceis. Tende a fazer atividades com ênfase no trabalho dos alunos, mas não funciona como orientador, deixando tudo a cargo dos próprios alunos, que delimitam os trabalhos de modo mais fácil possível. Como consequência, gera uma atmosfera de insegurança junto a seus alunos, pois eles aprendem quase nada acerca de respeito, ordem e rotina, e entendem que podem fazer o que desejarem em um ambiente no qual não existe hierarquia. Aprendem que apenas a sua satisfação é importante, têm problemas de comportamento e, futuramente, poderão ter dificuldades diante de outros superiores, tanto no ensino quanto no trabalho, pois sua tolerância à frustração e a ordens diretas é inexistente. Às vezes, esse tipo de professor não consegue ser diagnosticado como inadequado pela escola, pois os alunos e seus pais gostam dele, ele recebe homenagens frequentes, os alunos estão contentes, embora possam apresentar problemas de comportamentos exteriorizados (gritar, não respeitar colegas, mentir, e buscar meios – mesmo ilícitos – de obter o seu prazer).

Estilo de liderança negligente: provavelmente é um professor que está na profissão errada, que não acredita em seu trabalho e que se sente completamente desvalorizado, embora ele próprio tenha pouco respeito pelo seu trabalho. Ele quase não apresenta limites nem regras aos seus alunos e tampouco oferece responsividade, incentivo, afeto ou boas aulas. Faz parte do famoso pacto medíocre: “eu finjo que ensino e você finge que aprende”. Parece sempre cansado, descuidado, desapontado, desmotivado e se contenta com o mínimo que seus alunos lhe apresentam. Como tende a ensinar pouco, também solicita muito pouco dos alunos, geralmente fazendo

um trabalho monótono e repetitivo e, nas avaliações, pede conteúdos aquém do programa, justamente para não chamar atenção, nem dos alunos nem da direção, sobre o que ele próprio não faz. Como consequência, os seus alunos não recebem estimulação para aprender coisas novas, adquirem um repertório no qual há ausência de perseverança, não conseguem discriminar entre conteúdos adequados ou inadequados e têm pouca consideração para com os outros. O ambiente gerado também é de insegurança, pois esse professor tende a utilizar métodos punitivos, muitas vezes de modo aleatório, simplesmente porque está de mau humor. Também pode passar despercebido em avaliações formais, pois os alunos não reclamam dele, já que ele exige pouco e eles ainda têm receio de retaliações arbitrárias, que mais dependem do humor do professor do que de regras instituídas. A instituição escolar precisa estar atenta a esse estilo que é considerado um fracasso total, pois produz em seus alunos tanto problemas de comportamento interiorizados quanto exteriorizados.

Estilo de liderança participativo-democrático: este estilo centra-se na relação entre professor e alunos e na melhor forma de ensinar-aprender; é considerado o estilo de liderança correto para um professor, no qual existe equilíbrio entre exigência e responsividade, apresentando regras claras, coerentes e consistentes; ele incentiva o diálogo e os interesses dos alunos, ao mesmo tempo em que consegue manter firme controle. Esse modelo de conduta produz consequências positivas para os alunos. O professor participativo consegue equilibrar também as atividades de ensino: ministra conteúdos de maneira expositiva, faz demonstrações para a classe e promove atividades tanto individuais quanto em grupo como forma de os alunos buscarem o conhecimento e aprender a solucionar problemas, sendo que ele funciona como um facilitador. Ele permite que os alunos possam opinar e desenvolver seus próprios projetos complexos, atuando como consultor, mas estabelece objetivos mínimos que devem ser atingidos. Nesse ambiente, tanto o professor quanto os alunos são participativos e ativos, ou

seja, o aluno também é parte do processo de ensinar. O ambiente criado favorece o sentimento de segurança, pois as regras são estabelecidas e, por vezes, negociadas com a classe; o professor não teme não ser estimado pelos alunos de vez em quando e os alunos sabem exatamente o que esperar e sentem-se parte do contexto. Ao entender o comportamento dos alunos, esse mestre ensina o modelo de negociação, de criatividade e de comportamento assertivo ao colocar suas próprias ideias e sentimentos. Ensinar de uma maneira democrática faz com que os alunos aprendam respeito, tenham consideração e empatia pelos outros, valorizem opiniões e diferenças e saibam que têm voz. Com isso, as consequências são positivas aos alunos, que são ensinados em um ambiente com regras claras, que valoriza seu comportamento e, portanto, a construção de uma boa autoestima; propicia comportamento ativo para estudar, o rendimento acadêmico tende a ser ótimo, pois os estudantes são incentivados à curiosidade e à autonomia da aprendizagem e, em especial, o modelo apresentado pelo professor favorece o desenvolvimento de habilidades pró-sociais. De modo muito positivo, os alunos desse professor entendem que o seu próprio comportamento é importante para conseguir o que desejam. Claro que esse estilo, justamente por ser o mais adequado – ou o único adequado – é o mais complexo e difícil de ser atingido. Exige tanto habilidades específicas do professor quanto tolerância, maturidade, compreensão do desenvolvimento humano e treinamento.

Para ter sucesso na tarefa de adquirir um estilo de liderança participativo-democrático, é fundamental compreender essas ideias e compreender a si mesmo e suas atitudes no ambiente escolar e fora dele. Como estabelecer esse processo? Para auxiliar, novamente gostaria de fazer um paralelo com os 12 Princípios da Educação Positiva, que apresento no livro “Eduque com Carinho: equilíbrio entre amor e limites” (WEBER, 2012). Professores não são pais e têm outro papel, o da educação formal, mas não resta dúvida de que exercem forte influência sobre o comportamento de seus alunos.

1º Princípio - Ame e tenha orgulho de sua profissão: você é um educador, um professor, aquele que possibilita a criação de novos repertórios comportamentais por parte de seus alunos; se você não amar verdadeiramente o que faz, é melhor trocar de profissão.

2º Princípio - Conheça os princípios do comportamento: leia, informe-se, faça cursos, compreenda as formas como novos comportamento são criados ou suprimidos; é fundamental saber um pouco sobre a ciência do comportamento, pois você lida todos os dias com isso.

3º Princípio - Conheça o desenvolvimento da criança e do adolescente: novamente, vale a pena investir um pouco no conhecimento da psicologia do desenvolvimento humano, pois isso facilitará sua interação e sua forma de ensinar a seus alunos.

4º Princípio – Conheça a si mesmo: a antiga regra dos filósofos está mais atual do que nunca; lembre como você era enquanto aluno na infância e na adolescência, lembre dos seus bons e não tão bons professores e como você se sentia diante deles, e sua reflexão poderá ajudá-lo em sua tarefa atual.

5º Princípio – Use sempre uma comunicação positiva: não menospreze, não compare alunos, não humilhe e procure manter o autocontrole para não elevar demais a voz, mesmo quando os alunos têm comportamento inadequado; lembre-se de que você é o adulto.

6º Princípio – Tenha um contato próximo com seus alunos: procure conhecê-los e saber um pouco de suas vidas; faça suas atividades também com carinho e use seus sentimentos para fazer conexão com os estudantes.

7º Princípio – Use sempre consequências positivas: valorize o acerto e não o erro, promova formas para que os alunos sejam valorizados e tenham orgulho de si mesmos; gaste energia e organize contingências de reforço para fortalecer

comportamentos adequados e não o contrário, pensando em castigos e penalidades.

8º Princípio – Apresente regras claras, coerentes e consistentes: logo no início apresente o programa, a forma de avaliação, os trabalhos a serem feitos, as regras e as consequências; isso facilita sentimentos de segurança e conforto aos estudantes.

9º Princípio – Seja consistente: as medidas em sala de aula devem estar embasadas nas regras estabelecidas, algumas delas, de preferência, com o próprio aval dos alunos; não é o humor do professor que pode mudar as regras, embora elas possam ser negociadas e até refeitas se houver justificativa; ser consistente não é ser rígido e absoluto, é ser firme e coerente.

10º Princípio – Não use ameaças ou punições: de acordo com o 7º. princípio, procure sempre valorizar o positivo; se em algum momento isso não for possível, o não cumprimento das regras estabelecidas deve ter consequências também apresentadas previamente; em especial, nunca use trabalhos ou provas como forma de castigo ou consequência; aprender deve ser algo bom e positivo, e não uma forma de penalidade.

11º Princípio – Seja um modelo moral: mostre que você também cumpre regras institucionais, que se dedica ao seu trabalho, que pesquisa novos conhecimentos e metodologias e que mostra respeito por seus alunos; modelos são melhores do que palavras.

12º Princípio – Ensine para a autonomia: um professor é aquele que vai propiciar novos comportamentos que o estudante vai levar para o seu futuro; o bom professor é aquele que arranja contingências para que seu aluno não precise mais dele para aprender mais no futuro.

Conclusão

Comecei o texto com a frase de um educador, que afirma que o professor deve ser um poeta, e finalizo com o pensamento do poeta Nikos Kazantzakis, que diz que o professor deve ser um construtor de fundamentos: *“os verdadeiros professores são aqueles que se fazem de pontes e convidam os alunos a atravessá-las; então, depois de facilitar a travessia, desmoronam-nas com prazer, encorajando os estudantes a criarem suas próprias pontes”*.

Educação no Brasil: o desafio da aprendizagem escolar

“Sem um salário inicial atraente e um plano de carreira que valorize a profissão em função de seu desempenho e de seu esforço na formação continuada, o país não conseguirá atrair os jovens mais talentosos do Ensino Médio para a carreira do magistério.”

Educação brasileira: avanços e desafios

O debate em torno de uma Educação de qualidade vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade brasileira. Para aproveitar os bons ventos da economia, o país precisa mais do que nunca assumir o caráter de urgência da Educação. O Produto Interno Bruto (PIB), que reflete a riqueza produzida por um país, mostra que o Brasil ocupa a 7ª posição no ranking mundial; por outro lado, seu Índice de Desenvolvimento Humano ocupa a 85ª posição no mundo. Esse hiato entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento social passa necessariamente pela oferta de uma



Mozart Neves Ramos
é professor associado do Departamento de Química Fundamental da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e membro do Conselho Nacional de Educação.

educação básica de qualidade: o que significa acesso, permanência, aprendizagem e conclusão escolar na idade certa. Não obstante os avanços verificados nos últimos quinze anos, o Brasil tem ainda um longo caminho pela frente.

No campo dos avanços educacionais, um deles retrata um belo exemplo de continuidade de políticas governamentais, que trata do financiamento da Educação Básica mediante a implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), elaborado a partir do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef). Como consequência, ao contrário do Fundef, que financiava apenas o Ensino Fundamental, com o Fundeb todas as etapas e modalidades da Educação Básica são contempladas.

Outro importante exemplo de continuidade das políticas educacionais se deu a partir do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), com a implantação do Prova Brasil. Isso permitiu que a avaliação passasse de um processo amostral para universal. Hoje, é possível saber como anda a qualidade da aprendizagem em cada escola, município e estado da federação.

Outro aspecto digno de registro é a crescente participação da sociedade civil ao longo dos últimos anos. Com o movimento Todos Pela Educação, iniciado em 2006, o País teve pela primeira vez metas para melhorar a qualidade da Educação. A cultura de metas para a Educação foi fortalecida, com a criação, em 2007, do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) na estrutura do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), para aferir o rumo da qualidade até 2021. Assim, cada escola, cada rede e cada município e estado, e o próprio país, tem agora a sua meta a ser alcançada a cada dois anos, devendo, no caso do Ensino Fundamental – séries iniciais – chegar,

em 2021, ao Ideb 6,0, que é equivalente àquele dos países da comunidade europeia, tomando como referência os resultados do PISA de 2005.

A promulgação da Emenda Constitucional Nº 59/2009 foi outro avanço importante, que tornou obrigatório o ensino dos quatro aos 17 anos, e sua universalização deve ocorrer até 2016. Para o seu alcance, os recursos para a Educação Básica foram também ampliados a partir do fim da incidência da Desvinculação de Receitas da União (DRU) na Educação.

Em relação aos professores, a Lei do Piso Salarial para a categoria foi outro importante avanço. Trata-se de imprescindível passo para a valorização do magistério, mas que, praticamente, ainda não saiu do papel, na plenitude da lei, na larga maioria dos estados e municípios. No nosso entendimento, resgatar a valorização do professor passa a ser o maior desafio para os futuros governantes. A carreira do magistério precisa se tornar (ou voltar a ser) objeto de desejo. No Brasil, um professor ganha, em média, 40% menos do que a média de outros profissionais com a mesma escolaridade, segundo estudo da pesquisadora Fabiana de Felício tomando como referência os microdados da PNAD/IBGE 2009.

Certamente, o maior desafio na área da Educação está no campo da aprendizagem escolar. Como se pode notar na Tabela 1, dos alunos que chegam ao final da Educação Básica, apenas 10,3% aprenderam o conteúdo de Matemática que seria esperado para essa etapa. Em Língua Portuguesa, o percentual de aprendizagem adequada também não é nada alentador: apenas 29,2% dos concluintes dominam o conteúdo esperado nesta disciplina, segundo o Relatório de Metas 2012 do Todos Pela Educação. Isso, sem contar o fato de que um percentual importante de alunos abandona os estudos ao longo do caminho.

TABELA 1 – PERCENTUAL DE ALUNOS QUE APRENDERAM O QUE SERIA ESPERADO AO FINAL DE CADA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA – DADOS DE 2011 EXTRAÍDOS DO PROVA BRASIL

Etapa da Educação Básica	Língua Portuguesa	Matemática
5º ano do E. F.	40,0%	36,3%
9º ano do E. F.	27,0%	16,9%
3º ano do E. M.	29,2%	10,3%

Nas séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio estamos, na verdade, estagnados, como pode ser visto na Tabela 2, tomando como referência as metas de aprendizagem do Todos pela Educação, que indica o percentual de alunos que aprenderam o que seria esperado em Matemática nessas duas etapas da Educação Básica. Nas séries iniciais, por outro lado, são notórios os avanços alcançados; por exemplo, de 2003 para 2011, o percentual de alunos com aprendizado adequado em Matemática passou de 15,1% para 36,3% (mais do que dobrou). A estagnação observada, por sua vez, nas duas etapas seguintes da Educação Básica, ocorre em patamar muito baixo, o que é bastante preocupante.

TABELA 2 – PERCENTUAL DE ALUNOS QUE APRENDERAM O QUE SERIA ESPERADO EM MATEMÁTICA AO FINAL DE CADA DE CADA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Etapa da Educação Básica	1999	2001	2003	2005	2007	2009	2011
5º ano do EF	14,4%	14,9%	15,1%	18,7%	23,7%	32,5%	36,3%
9º ano do EF	13,2%	13,4%	14,7%	13,0%	14,3%	14,7%	16,9%
3º ano do EM	11,9%	11,6%	12,8%	10,9%	9,8%	11,0%	10,3%

FONTE: Relatório de Monitoramento das Metas do Todos Pela Educação, 2012.

A Baixa Atração pelo Magistério

O enfrentamento desses desafios, relativos à aprendizagem escolar, passa necessariamente pela valorização da carreira do magistério. Já salientamos que um

professor no Brasil ganha, em média, 40% menos do que outros profissionais com o mesmo nível de escolaridade. Para reverter esse quadro, o Ministério da Educação propôs uma meta específica, a de número 17, no novo Plano Nacional de Educação. E uma das estratégias para alcançá-la é fazer valer a decisão do Supremo Tribunal Federal de implementar, em todo o país, a Lei do Piso para o magistério. Isso, por sua vez, só irá se concretizar com a efetiva participação financeira do governo federal, uma vez que a larga maioria dos municípios tem reais dificuldades orçamentárias, já que vive essencialmente dos repasses decorrentes do Fundo de Participação Municipal (FPM) e do Fundeb. Para sua efetividade, é preciso colocar em prática o regime de colaboração entre a União, os Estados e Municípios.

Uma coisa nos parece clara: sem um Pacto Nacional pela Valorização do Magistério, que resgate a autoestima do professor, o Brasil não será competitivo e continuará distante dos países que estão hoje no topo da Educação mundial, como pode ser visto na Tabela 3, que compara os resultados do PISA, programa internacional que avalia o desempenho escolar de alunos de 15 anos em diferentes países. Chama também a atenção o fato de que o nosso país encontra-se atrás de vizinhos como Uruguai, Chile e México.

TABELA 3 – DESEMPENHO EM MATEMÁTICA E LEITURA, EM 2006, DO BRASIL E OUTROS PAÍSES NO PISA. ENTRE PARÊNTESES ESTÁ A POSIÇÃO NO RANKING

País	Matemática	Leitura
China (Taiwan)	549 (1º)	496 (16º)
Finlândia	548 (2º)	547 (2º)
Hong Kong	547 (3º)	536 (3º)
Coreia do Sul	547 (4º)	556 (1º)
Uruguai	427 (42º)	412 (42º)
Chile	411 (47º)	442 (38º)
México	406 (48º)	410 (43º)
Argentina	381 (52º)	378 (53º)
Brasil	369 (54º)	393 (49º)

Sem um salário inicial atraente e um plano de carreira que valorize a profissão em função de seu desempenho e de seu esforço na formação continuada, o país não conseguirá atrair os jovens mais talentosos do Ensino Médio para a carreira do magistério. Como falamos acima, nos países que estão no topo da educação mundial, como Coreia do Sul, Cingapura e Finlândia, os jovens mais talentosos do Ensino Médio são fortemente atraídos para a carreira do magistério. Por outro lado, pesquisa da Fundação Victor Civita, de 2009, apontou que apenas 2% dos jovens, em nosso país, querem ser professor.

Formação de Professores

A baixa atratividade pela carreira do magistério se deve não somente a baixa remuneração, mas também pelas difíceis condições de trabalho, associadas muitas vezes à violência nas escolas. Em algumas áreas, como Química, Física e Matemática, estamos vivendo (e não é de agora) um apagão de mão de obra qualificada. Uma parte significativa dos professores da Educação Básica no Brasil dá aulas em outras disciplinas diferentes daquela para a qual foi formada. Isto pode ser visto na Tabela 4. Dos que ensinam Física, 61% não têm formação adequada, enquanto, em Química, este percentual é de 44%!

TABELA 4 – PERCENTUAL DE DOCENTES SEM FORMAÇÃO ADEQUADA POR DISCIPLINA DO ENSINO MÉDIO (CENSOR DO PROFESSOR 2007 – MEC/INEP)

Disciplina	% Docentes
Língua Portuguesa	18%
Matemática	41%
Biologia	28%
Física	61%
Química	44%
Língua Estrangeira	18%
Educação Física	23%
Educação Artística	59%
História	29%
Geografia	31%

E o pior, a formação inicial dada pelas nossas universidades deixa muito a desejar em relação às necessidades atuais da escola pública, conforme revelou uma pesquisa da educadora Bernadete Gatti, em 2008, para a Fundação Victor Civita. Algumas das conclusões extraídas deste trabalho foram: (i) currículo fragmentado: conjunto disciplinar bastante disperso; (ii) apenas 30% das disciplinas oferecidas são dedicadas à formação profissional específica; predominando os referenciais teóricos, seja de natureza sociológica, psicológica ou outros, com associação, em poucos casos, às práticas educacionais; (iii) os estágios, obrigatórios, são registrados de modo vago, com pouquíssimas exceções. Não há propriamente projeto ou plano de estágio, nem sinalizações sobre o campo de prática ou a atividade de supervisão dos mesmos.

No Plano Nacional de Educação, para os próximos dez anos, o Ministério da Educação inseriu quatro metas estritamente vinculadas à valorização e formação do professor no Brasil. Por exemplo, uma das metas é garantir, em regime de

colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, que todos os professores da Educação Básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. Duas estratégias, previstas no PNE e interessantes para o alcance dessa meta são a de financiar os estudos de alunos de licenciatura em instituições particulares com boa avaliação no SINAES, e a de ampliar o programa de bolsas de iniciação à docência para os alunos de licenciatura. Apesar de interessantes, são ainda absolutamente insuficientes em face da gravidade do problema. Recentemente, o Conselho Nacional de Educação normatizou o processo de formação de professores para uma segunda licenciatura, exatamente para resolver, ou pelo menos minimizar, a não articulação entre a primeira formação e a disciplina que atualmente leciona, quando distinta daquela inicial.

A hora e a vez das licenciaturas

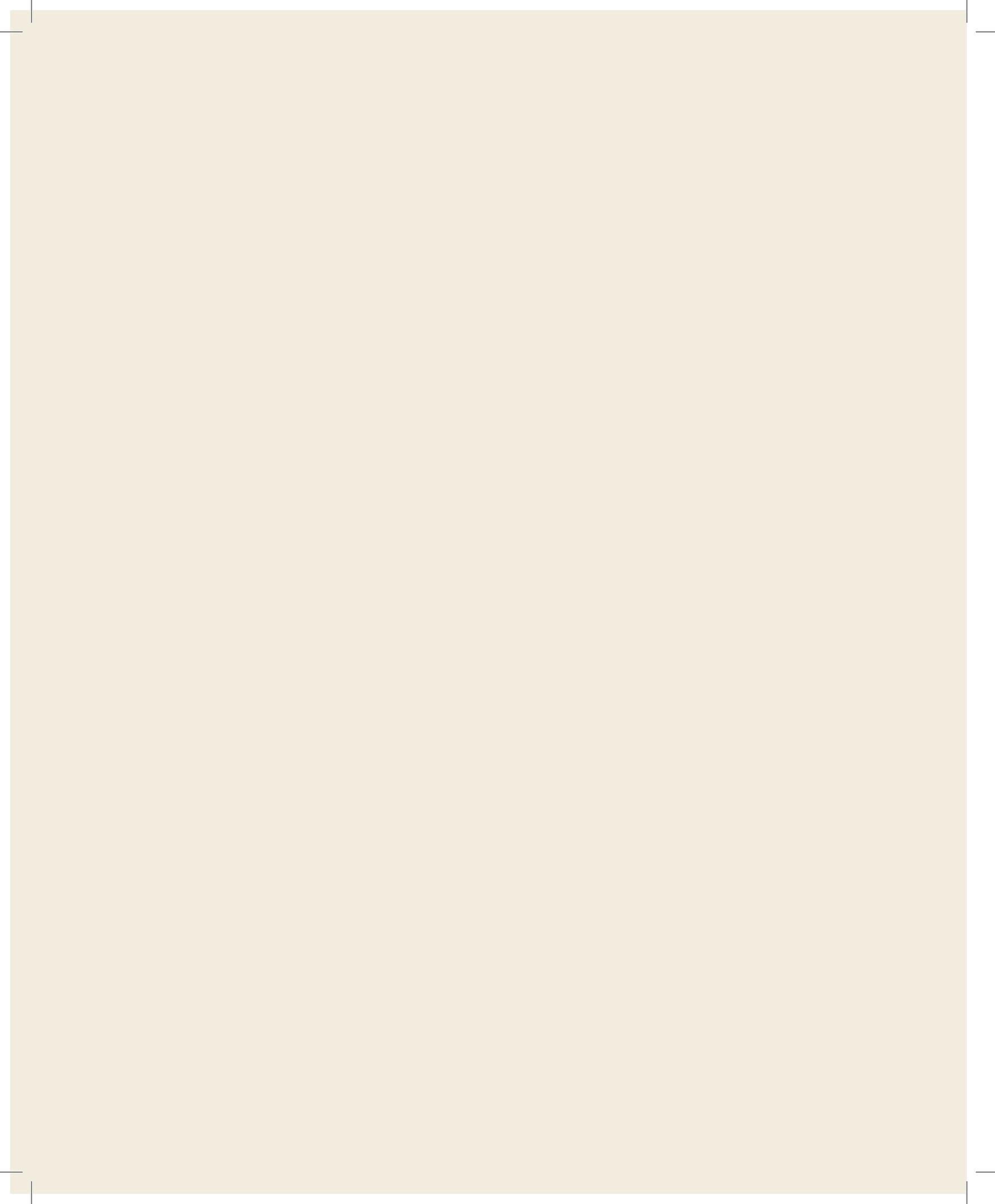
Países como Coreia do Sul, Finlândia, Cingapura, Canadá e Japão, que estão no topo da Educação mundial, têm pelo menos uma coisa em comum: ser professor, nesses países, é objeto de desejo, ao contrário do que ocorre no Brasil. Os jovens se sentem atraídos pela carreira do magistério. Aqui, os jovens não querem ser professor, e país sem bons professores não tem futuro! A questão que se coloca é: como reverter esse quadro? Respondê-la significa colocar em prática quatro estratégias no campo da política pública da Educação: (1) salário inicial atraente; (2) plano de carreira motivador, pautado no desempenho em sala de aula e na formação continuada; (3) formação inicial sólida com foco na prática docente; e (4) escolas bem estruturadas e organizadas. Os itens (1), (2) e (4) cabem aos governos nas três esferas, enquanto a formação cabe às instituições formadoras. A essas, proponho algumas iniciativas:

Primeiro, é preciso dar identidade às licenciaturas, integrá-las por áreas do conhecimento, com professores dedicados à Educação Básica com foco no Ensino Médio. A esses se juntariam os que poderíamos chamar de “professores-ponte”, professores do Ensino Médio que teriam parte de seu tempo dedicado a esse espaço próprio de formação de professores. Esses estariam trazendo o “cheiro de escola”. Um terceiro grupo seria o dos professores visitantes, que estariam oxigenando o sistema com novas práticas docentes.

Como os alunos das licenciaturas chegam, em geral, com uma formação muito precária do atual Ensino Médio, uma atenção seria dada já nesta etapa da Educação Básica, ou seja, os futuros alunos que pretendem ingressar nos cursos de Licenciatura deveriam já estudar preferencialmente em escolas de tempo integral e motivados por uma nova carreira, e, assim já teriam uma atenção especial das instituições formadoras e dos governos (federal e estadual) ainda no Ensino Médio. Estaríamos, assim, falando numa formação de “sete anos”, três do Ensino Médio, passando pelos quatro anos na Universidade, e sendo concluída com uma Residência Docente.

Por fim, o currículo dessa nova licenciatura teria como características foco na prática docente e formação interdisciplinar, forte inclusão das novas tecnologias e de espaços de aprendizagem, além de Residência Docente em escolas de tempo integral.

Naturalmente, isso vai exigir novos e amplos investimentos na formação dos atuais e futuros professores para a Educação Básica. Por essa razão, o esforço de se destinar 10% do PIB, no novo PNE, para a Educação é mais do que oportuna, ela é determinante para o futuro deste país. Trata-se de uma exigência nacional para um novo Brasil. E para concluir, deixamos a célebre frase do ex-Reitor da Universidade de Harvard, Derek Bok: “se você acha a Educação cara, experimente a ignorância”.



A propósito do futuro

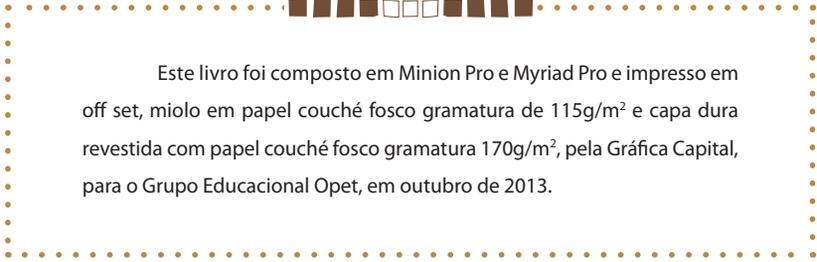
No início deste livro, mais exatamente na abertura do texto relacionado à história do Grupo Opet, observou-se que “a cultura é um processo permanente de sobrevivência”, que envolve a percepção dos problemas, a busca de soluções, o desenvolvimento de técnicas capazes de responder às demandas e a replicação desses conhecimentos. Um processo que, em verdade, se funde com o processo educacional. “Cultura” vem de cultivar, de preparar o campo para a futura colheita. Educar é cultivar, é preparar as gerações para os desafios e para a transmissão da própria cultura.

Em quarenta anos, o Grupo Educacional Opet conseguiu estabelecer uma área coletiva de cultivo, um terreno fértil no qual milhares de pessoas encontraram espaço para aprender, dialogar, ensinar e crescer. Esse, de fato, é o nosso grande valor, a grande e permanente colheita, que nos permite acreditar e seguir semeando com alegria e entusiasmo.

As primeiras quatro décadas da Opet são, pois, os passos iniciais de uma história repleta de lições, desafios e conquistas. Nossa crença no futuro nasce neste exato momento, quando, graças à dedicação de centenas de pessoas, outras tantas estão descobrindo um universo de riquezas e de possibilidades.

Muito obrigado a todos!

Professor José Antonio Karam
Grupo Educacional Opet



Este livro foi composto em Minion Pro e Myriad Pro e impresso em off set, miolo em papel couché fosco gramatura de 115g/m² e capa dura revestida com papel couché fosco gramatura 170g/m², pela Gráfica Capital, para o Grupo Educacional Opet, em outubro de 2013.



Câmara Municipal de Curitiba

Código: 006.00025.2013

Tipo: Projeto de Lei Ordinária: Cidadão Honorário de Curitiba

Iniciativa: Sabino Picolo

Usuário compositor: Sabino Picolo - Gab.Ver.Sabino Picolo

Data de envio ao protocolo: 23/10/2013 16:38

Data de efetivo protocolo: 23/10/2013 17:00

Código de envio: 04768.13

Estado: Promulgada/sancionada

Localização: Seção de Arquivo e Documentação Histórica

Último trâmite: 16/01/2014 11:48

Razão: Arquivamento

Trâmite alternativo? Não

Encerrou a tramitação na

Câmara? Sim

Número da norma: [Lei ordinária 14.388/2013](#)

Ementa:

Concede o Título de Cidadão Honorário de Curitiba ao Professor José Antonio Karam.

Informação sobre Quotas:

Informamos que esta é a 1ª (primeira) proposição (Cidadão Honorário/Vulto Emérito), apresentada pelo(a) Vereador(a) , nesta Legislatura.

Texto:

Art. 1º. É concedido o Título de Cidadão Honorário de Curitiba ao Professor José Antonio Karam

Art. 2º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa ou Mensagem:

José Antonio Karam (Ponta Grossa, 1946) é um educador paranaense. Formado técnico em contabilidade pelo Colégio Estadual Senador Correa (1964) e licenciado em Matemática pela Faculdade Estadual de Ponta Grossa (1968), chegou a Curitiba em 1968. Na capital, trabalhou como professor no Colégio Estadual do Paraná, no Colégio Estadual José Guimarães e nos colégios privados Rui Barbosa e Dezenove de Dezembro.

Em 1973, fundou em Curitiba a "Organização Paranaense de Ensinos Técnicos", embrião do Grupo Educacional Opet. Oferecendo inicialmente cursos técnicos livres na área de práticas de escritório, a instituição se consolidou, em pouco tempo, como um importante centro de formação de pessoas para as empresas de Curitiba e da Região Metropolitana.

Nos anos oitenta, a Opet foi a primeira escola privada de Curitiba a oferecer cursos na área de informática. No mesmo período, passou a ofertar ensino médio regular (técnico na área de informática) e, em 1990, assumiu o antigo Colégio Nova Era, no Rebouças.

Em 1998, adquiriu o tradicional Colégio Lins de Vasconcelos, no Bom Retiro, que foi transformado no Colégio Opet Bom Retiro. Do antigo colégio espírita, manteve e expandiu a Cidade Mirim, um dos mais arrojados projetos pedagógicos do país. A Cidade Mirim, hoje, é reconhecida pelas autoridades curitibanas (vereadores, prefeito, juízes eleitorais) como exemplo de formação para a consciência política e para o fortalecimento da cidadania. A proposta pedagógica do Grupo Educacional Opet, aliás, tem como paradigma a Educação Cidadã, alinhada com os princípios estabelecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A Opet faz parte do Programa de Escolas Associadas da UNESCO e é responsável por sua coordenação regional no Paraná.

Também nos anos noventa, o Grupo Opet iniciou suas atividades no ensino superior - atualmente, oferece dezenas de cursos de tecnologia, graduação e pós-graduação em três *Campi* (Centro Cívico, Rebouças e Portão) reconhecidos por sua qualidade.

-

Em 1993, fundou a Editora Opet, responsável pelo desenvolvimento do Sistema de Ensino Opet, utilizado atualmente por 120 mil alunos de escolas públicas e privadas de todo o país.

Em 2013, no ano em que comemora o quadragésimo aniversário de sua fundação, o Grupo Educacional Opet possui uma equipe de 850 colaboradores, entre educadores e gestores. Trata-se, enfim, de uma instituição de extrema relevância para a cidade e para o Estado, que projeta a capital do Paraná como polo de desenvolvimento de soluções educacionais.

Tramitação

Data /hora	Origem	Destino	Razao de envio	Quem enviou	Pendente? Observação
16/01 /2014 11:48	Divisão de Biblioteca e Referência Legislativa	Divisão de Documentação Histórica	Arquivamento	Gerard Luiz Pinheiro Pereira	
08/01 /2014 11:36	Divisão de Controle e Tramitação	Divisão de Biblioteca e Referência Legislativa	Criação de lei	Silmara do Rocio M. Zanin	
11/12 /2013 14:10	Departamento de Plenário e Processo Legislativo	Divisão de Controle e Tramitação	Elaboração do autógrafo e ofício	Veli da Rocha Cristo	
28/11 /2013 11:05	Divisão do Diário da Câmara	Departamento de Plenário e Processo Legislativo	Aguardar análise pelo plenário	Marcos Aurelio de Oliveira Ribas	
27/11 /2013 16:59	Diretoria de Apoio às Comissões	Divisão do Diário da Câmara	Publicação de instrução, pareceres e emendas	Maicon Rodrigo Penteado	
27/11 /2013 16:58	(ANTIGA) Comissão de Educação, Cultura e Turismo	Diretoria de Apoio às Comissões	Conclusão de análise pelas comissões	Maicon Rodrigo Penteado	
18/11 /2013 11:25	Gab.Ver.Tito Zeglin	(ANTIGA) Comissão de Educação, Cultura e Turismo	Conclusão de parecer	Cláudia Toniolli	
13/11 /2013 16:16	(ANTIGA) Comissão de Educação, Cultura e Turismo	Gab.Ver.Tito Zeglin	Emissão de parecer	Gilmar Correa	
13/11 /2013 16:16	(ANTIGA) Comissão de Legislação, Justiça e Redação	(ANTIGA) Comissão de Educação, Cultura e Turismo	Análise por comissão específica	Gilmar Correa	
11/11 /2013 10:51	Gab.Ver.Julieta Reis	(ANTIGA) Comissão de Legislação, Justiça e Redação	Conclusão de parecer	Julieta Reis	
06/11	(ANTIGA) Comissão de	Gab.Ver.Julieta Reis	Emissão de parecer	Gilmar Correa	

/2013 07:46	Legislação, Justiça e Redação				
05/11 /2013 07:24	Diretoria de Apoio às Comissões	(ANTIGA) Comissão de Legislação, Justiça e Redação	Análise por comissão específica		Gilmar Correa
04/11 /2013 14:23	Procuradoria Jurídica	Diretoria de Apoio às Comissões	Análise pelas comissões		Marcia Galicioli
01/11 /2013 09:03	Divisão de Biblioteca e Referência Legislativa	Procuradoria Jurídica	Análise legal		Leonardo Coelho de Albuquerque
31/10 /2013 11:37	Divisão de Controle e Tramitação	Divisão de Biblioteca e Referência Legislativa	Informação sobre existência de similar		Amanda Izabelle Moreno
29/10 /2013 14:12	Departamento de Plenário e Processo Legislativo	Divisão de Controle e Tramitação	Autuação (registro)		Leny do Rocio Sigwalt
23/10 /2013 17:00	Divisão de Protocolo	Departamento de Plenário e Processo Legislativo	Inclusão no Expediente		Maurílio Alves de Souza

Usuário que encerrou a

tramitação na Câmara: Maria Helena Derosso

Data do encerramento: 16/01/2014 16:07

Tramitação na PMC

Publicações

Código do diário

8625 de 23/10/2013

8648 de 28/11/2013

Etapa

Proposições: Apresentação

Proposições: Instrução, Pareceres e Emendas

Instruções

Número

00542.2013

Data

04/11/2013

Instrutor (para instruções em elaboração)

Pareceres

Número	Data	Conclusão	Parecer do relator vencido	Parecer sobre veto	Observação
<u>C.Educação5-inativa 00098.2013</u>	27/11/2013 00:00	Pela tramitação	Não	Não	
<u>C.Legislação-inativa 00539.2013</u>	12/11/2013 00:00	Pela tramitação	Não	Não	

Votações - Passagens pelo plenário

Data	Hora	Objetivo	Tipo votação	Majoria	Resultado	Sessões adiadas	Observação
29/10 /2013	09:00	Leitura (pequeno expediente)			Inclusão no Pequeno Expediente		
10/12 /2013	09:00	1º turno	Simbólica	Simple	Aprovado		
11/12 /2013	09:00	2º turno	Simbólica	Simple	Aprovado		

Ofícios de sanção, veto, promulgação

Data de emissão	Data de recebimento	Número	Enviado/Recebido	Arquivos anexados
11/12/2013	16/12/2013	1768/2013-DAP/DCT	Enviado	
20/12/2013	07/01/2014	795/2013-EM/GTL	Recebido	

Dados da norma

Número: Lei ordinária 14.388/2013

Data da sanção/promulgação: 27/12/2013 00:00

Data de publicação: 27/12/2013 00:00

Número do diário oficial do

município: 250

Observação:

Editora Opet: uma marca paranaense que valoriza e promove a qualidade da educação brasileira

Fundada em 1993 como parte do Grupo Editorial Opet, a Editora Opet nasceu com o propósito de produzir os materiais didáticos utilizados pelos alunos de seus cursos profissionalizantes. No início, a produção era pequena e os materiais muito simples, mas desenvolvidos com cuidado e qualidade. Tanto, que chamaram a atenção de outras instituições de ensino privadas e, também, de municípios interessados em fortalecer a própria educação.

Isso levou a Opet a investir - agregando profissionais, tecnologias e conhecimento - e a se lançar no mercado com uma editora focada no desenvolvimento de sistemas de ensino.

O tempo passou e, **30 anos** depois – e **nos 50 anos do Grupo Educacional Opet** -, a Editora Opet está entre as principais empresas do segmento de sistemas de ensino do Brasil. Um nome paranaense, reconhecido em todas as regiões brasileiras como sinônimo de qualidade em livros didáticos e em ferramentas educacionais digitais de alta qualidade.

Um sistema de ensino que atua nos segmentos público e privado, oferecendo aos parceiros uma proposta educacional pautada no conhecimento relevante, na educação humana e cidadã – princípios norteadores definidos e defendidos com veemência pelo professor José Antonio Karam.

Da Educação Infantil ao Ensino Médio, sempre com muita qualidade e atenção à dinâmica da educação – com materiais atualizados, conectados e alinhados às normas e diretrizes que regem o segmento em nosso país.

Entre os parceiros da Editora Opet neste ano de 2023 estão municípios-polo regionais, como Fortaleza (CE), Paranaguá (PR), Chapecó (SC), Santana de Parnaíba (SP) e Sobral (CE). Ao todo, o sistema de ensino Opet está em 17 Estados da Federação, onde atende cerca de 350 mil estudantes, dezenas de milhares de professores e gestores – parceiros na educação –, promovendo, ainda, uma aproximação importante em relação às famílias dos estudantes.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury

Pc Nossa Senhora De Salete SN - Bairro Centro Cívico - CEP 80530911 - Curitiba - PR - <https://www.assembleia.pr.leg.br>

INFORMAÇÃO Nº 11130/2023

O deputado que o presente subscreve, vem, respeitosamente, requerer a adequação do texto legislativo proposto no Projeto de Lei nº 496/2023 com o propósito de corrigir redação da ementa e do art.1º, passando a conter a seguinte redação:

"Concede o Título de Cidadão Benemérito do Estado do Paraná ao Senhor Jose Antonio Karam, in memoriam.

Art. 1º. Concede o Título de Cidadão Benemérito do Estado do Paraná ao Senhor Jose Antonio Karam, in memoriam."

FABIO OLIVEIRA

Deputado Estadual



DEPUTADO FABIO OLIVEIRA

Documento assinado eletronicamente em 07/08/2023, às 11:11, conforme Ato da Comissão Executiva nº 2201/2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://consultas.assembleia.pr.leg.br/#/documento> informando o código verificador **11130** e o código CRC **1E6D9D1A4C1F7FB**